

## A LAPA DO BUGIO

João Luis CARDOSO (\*)

Com a colaboração de (\*\*)

R. MONTEIRO e O. da Veiga FERREIRA

A.V. Pinto COELHO

F. GUERRA e F. Bragança GIL

J. PAIS

### RESUMO

A jazida pré-histórica do Bugio constitui uma das mais importantes grutas sepulcrais da faixa estremenha. Encontrava-se intacta à data das primeiras escavações, realizadas em 1957 e 1958. Vicissitudes várias que motivaram a dissolução da primeira equipa e favoreceram diversas depredações, entretanto realizadas, impediram que, antes do recomeço dos trabalhos, em 1966, mesmo dos materiais recuperados, se pudessem extrair todas as informações neles potencialmente contidas.

---

(\*) Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa, Qt<sup>a</sup>. da Torre, 2825 Monte da Caparica. Colaborador permanente do Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

(\*\*) As colaborações referidas incidiram respectivamente nos domínios da escavação e conservação do espólio (R.M. e O.V.F.), análises petrográficas e ceramográficas (A.V.P.C.), análises metalográficas (F.G. e B.G.), classificação dos macrorrestos vegetais (J.P.).

Foi possível, a partir do estudo exaustivo do espólio conservado no Museu de Sesimbra e no recolhido nas escavações de 1966, estabelecer a seguinte sucessão cronológica-cultural:

Primeira ocupação - corresponde talvez à ocupação mais importante, integrável no Neolítico recente-final estremenho. Estreitas analogias com o “horizonte dolménico” identificado na vizinha Lapa do Fumo e datado pelo rádio-carbono de  $3090 \pm 160$  a. C. (SERRÃO,1978). A datação realizada no Bugio deu  $2800 \pm 45$  a.C.

Segunda ocupação- corresponde muito provavelmente a momento inicial (ou pleno) do Calcolítico, definido pela presença de raros produtos, como o recipiente de osso recolhido na sep. 7 e “ídolos” de calcário, de osso e marfim.

Terceira ocupação - Calcolítico final, campaniforme - representada pelos Grupos de Palmela e Inciso. Trata-se da ocupação menos importante, excessivamente valorizada em trabalhos anteriores, talvez pela grande dispersão de fragmentos cerâmicos que não ultrapassam, contudo, nove recipientes (alguns deles representados por apenas um fragmento): taças em calote - (1), de bordo espessado - (1), de tipo Palmela - (1), caçoilas acampanadas - (2), e vasos campaniformes - (2), além de dois recipientes de tipologia mal definida.

## RÉSUMÉ

Le gisement préhistorique de Bugio est l'une des plus importantes grottes sépulcrales du littoral de l'Estrémadure. Elle a été trouvée intacte lors des premières fouilles, réalisées en 1957 et 1958. Diverses vicissitudes, qui devaient aboutir à la dissolution de la première équipe de fouilleurs et favoriser le pillage du site, empêchèrent la diffusion de toute information avant la reprise des travaux en 1966, même sur le matériel récupéré.

A partir de l'étude exhaustive du mobilier conservé au Musée de Sesimbra et de celui qui a été découvert en 1966, on a pu établir les niveaux chronologiques suivants:

Première occupation, peut-être la plus importante, s'intégrant dans le Néolithique récent et final de l'Estrémadure, présentant d'étroites analogies avec "l'horizon dolménique" identifié sur le site voisin de Lapa do Fumo, daté de  $3090 \pm 160$  a.C. par radio-carbone (SERRÃO, 1978). La datation obtenue à Bugio est de  $2800 \pm 45$  a.C..

Seconde occupation, correspondant très probablement à la phase initiale ou médiane du Chalcolithique, définie par de rares productions, comme le récipient en os recueilli dans la sépulture 7 et les "idoles" en calcaire, en os et en ivoire.

Troisième occupation (Chalcolithique final, Campaniforme) représentée par les Groupes de Palmela et incisé. Il s'agit d'une occupation moins importante, surévaluée dans les travaux antérieurs, peut-être en raison de la grande dispersion des fragments de céramiques qui ne correspondaient, cependant, qu'à neuf récipients: coupes en calotte (1), coupes au bord épais (1), coupes de type de Palmela (1), casseroles en forme de cloche (2), vases campaniformes (2) et deux récipients à la typologie mal définie.

## CONTEXTO GEOLÓGICO E ARQUEOLÓGICO

A Lapa do Bugio é uma cavidade natural que se abre nos calcários do Jurássico que constituem o flanco meridional de estrutura anticlinal da Serra da Arrábida. Formam escarpa abrupta com declive superior a 25%, vencendo desnível desde a superfície de abrasão que ocupa o topo da Serra a cerca de 200 m de altitude até à linha de costa.

A gruta abre-se poucos metros abaixo do topo da escarpa tendo as seguintes coordenadas GAUSS (Fig. 1): X=109,4 Y=163,3.

Do ponto de vista administrativo situa-se no Concelho de Sesimbra, freguesia do Castelo.

A cobertura vegetal é caracterizada potencialmente pelo matagal xerofílico dominado pelo *Juniperus phoenicia* (Sativa da praia), *Pistacia lentiscus* (Trovisco fêmea), e *Quercus coccifera* (Carrasco). A diferença média entre as médias máximas de Verão e de Inverno é de cerca de 17° centígrados; a precipitação média corresponde ao intervalo entre 900 mm e 1050 mm (SEA, 1980).

O estudo referido preconiza protecção total para a área onde a gruta se situa, interditando assim quaisquer alterações à situação actualmente existente.

Do ponto de vista arqueológico, a Lapa ou Gruta do Bugio integra-se numa região rica de testemunhos de ocupação neolítica e calcolítica.

Ao lado de numerosos “habitats” conhecem-se diversas cavidades ao longo do litoral a Oeste de Sesimbra, algumas já exploradas, outras ainda por explorar; entre as do primeiro grupo avulta a Lapa do Fumo, importante necrópole pré-histórica a que nos voltaremos a referir. A carta arqueológica do Concelho de Sesimbra (SERRÃO, 1973) dá conta das ocorrências conhecidas até ao presente. De acordo com informação recolhida a habitante da Azóia, na região, a Lapa do Bugio é nome atribuído a outra cavidade situada muito próximo. Os topónimos ouvidos para designação da necrópole pré-histórica são, na verdade, o de Lapa Furada ou Buraco do Piolho. Para evitar legítimas confusões manteremos neste estudo a designação que a bibliografia fixou.

## HISTORIOGRAFIA DA ESTAÇÃO

A necrópole pré-histórica do Bugio constitui, infelizmente, um caso paradigmático das deficiências institucionais que caracterizavam a prática arqueológica, entre nós, até há bem pouco tempo. O pior mal que lhe aconteceu, declara um dos escavadores da jazida (SERRÃO, 1967, p.114), “foi ter andado de mão em mão não podendo as campanhas ter obedecido a um plano uniforme”.

Foi Rafael Monteiro o autor da sua localização em 16 de Outubro de 1957, tendo-a denominado “Estação Isabel” nome por que é designada no primeiro trabalho apresentado ao I Congresso Nacional de Arqueologia reunido em Lisboa em Dezembro de 1958 (MONTEIRO *et al.*, 1959).

As explorações, logo iniciadas a 20 de Outubro de 1957 e que conduziram à elaboração do trabalho referido, consistiram na escavação de dois rectângulos contíguos designados por A e B, o primeiro com 2 x 1,5 m e que foi explorado até 0,30 m (apenas num local se sondou até 0,55 m) o segundo com 1,55 x 1 m escavado até 0,80 m de profundidade.

Em ambas as zonas identificaram-se três tumulações (duas na zona A e a restante na zona B) definidas por pequenas lajes cujas dimensões não ultrapassavam 0,50x0,40m, dispostas horizontalmente. O espólio funerário encontrava-se sob e

em redor das lajes e a “relativamente pequena profundidade junto às paredes da gruta e no meio (...)” (MONTEIRO *et al.*, p.410).

Não obstante colocação de portão de ferro, de que ainda se podem observar vestígios, pela Câmara Municipal de Sesimbra, este foi pouco depois arrancado. A fase final da campanha de 1957 que se prolongou pelo mês de Outubro já não foi acompanhada por E. da Cunha Serrão por motivos que o próprio considera “lastimáveis” (SERRÃO, 1967), mas que não explica. O mesmo autor, no citado trabalho, declara que os resultados dos trabalhos de 1958 seriam oportunamente por si publicados nas páginas do Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra o que, contudo, nunca chegou a acontecer. Os trabalhos de 1958 não tiveram prosseguimento “porque pela segunda vez a equipa se desagregou” (SERRÃO, 1967).

A gruta, mercê da falta de protecção a que ficou sujeita após a destruição do portão, passou a ser alvo de diversas depredações; uma delas, levada a cabo por alunos de uma escola secundária de Lisboa (ISIDORO, 1963), conduziu a intensos remeximentos do interior da cavidade. Qual a importância do material assim recolhido e o grau de destruição provocado nas estruturas tumulares? A primeira questão permanecerá para sempre ignorada. A segunda pode responder-se com segurança, infelizmente.

Em Novembro de 1961, também J. Santos Júnior retirou da gruta “alguns ossos” transportando-os para o Instituto de Antropologia da Universidade do Porto (ISIDORO, 1964, p. 227).

Mas uma nova “exploração” atinge o que ainda permanecia incólume da jazida. Em dois dias de trabalho, em Outubro de 1962, com o apoio de dois auxiliares jornaleiros, procedeu Isidoro à crivagem, no exterior, das terras resultantes dos remeximentos anteriores, tarefa realizada só numa pequena parte. Na remoção das terras do interior da gruta, deparou com “dois núcleos de ossos humanos” “que nos poderiam fazer pensar em duas tumulações, se não fosse o estado de desordem e de fractura em que se encontravam os ossos, bem como a cerâmica e até as placas ídolos” (ISIDORO, 1963). Pela descrição se poderá concluir que várias estruturas tumulares, talvez ossários, foram transportados do interior da gruta como se fossem terras de entulho....

O material arqueológico recolhido por A. Isidoro em 1962 encontra-se depositado no Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto. Este espólio foi estudado ulteriormente, em conjunto com o obtido em Novembro de

1961 por Santos Júnior e com o recolhido pelo autor em Julho de 1964 (ISIDORO, 1968) altura em que a necrópole sofreu mais uma depredação, tal é o termo adequado para a acção de quem, nas duas campanhas realizadas, teve como única preocupação a recolha de “boas peças” não se detendo em “pequenos pormenores” como o levantamento rigoroso da gruta e a localização e desenho das estruturas sepulcrais que, forçosamente, destruiu. Os trabalhos publicados são improfícuos do ponto de vista científico. A palavra “escavação” que o autor aplica para acção, sem dúvida nefasta, das explorações clandestinas do grupo liceal já referido, poderia, com propriedade, aplicar a si próprio.

Apesar destas acções nefastas, a Lapa do Bugio estava ainda longe de ter sido totalmente saqueada, conforme, aliás, declara A. Isidoro no último trabalho que lhe consagrou: “na sua parte média do lado oeste, local onde parece existir a entrada primitiva, há ainda muita terra para ser removida e crivada” (ISIDORO, 1968, p.353).

Os trabalhos de escavação vieram efectivamente a ser retomados em 1966 por dois dos signatários (O.V.F. e R.M.), cujos resultados foram publicados, sob forma preliminar, em 1971 (MONTEIRO *et al.*, 1971). Antes da realização desta última campanha, a gruta “apresentava um aspecto miserável e caótico” (MONTEIRO *et al.*, 1971, p. 108). No decurso destes últimos trabalhos, levantou-se a planta à prancheta e explorou-se o que ainda restava do enchimento arqueológico, tendo-se deixado um pequeno testemunho do lado ocidental, que entretanto desapareceu.

## ESPELEOMETRIA. AFEIÇOAMENTO DA CAVIDADE

A geometria da cavidade natural pode ser descrita da seguinte maneira (Fig. 2):

A - um átrio exterior parcialmente definido por parede constituída por grandes blocos de calcário do lado ocidental; do lado oriental o contorno encontra-se imperfeitamente definido. De acordo com a planta apresentada, o contorno geral desta sub-unidade apresenta-se piriforme com cerca de 2m de comprimento máximo. Este átrio seria coberto por uma mamoa que fechava a entrada da câmara sepulcral (MONTEIRO *et al.*, 1971). Estes autores admitem que a forma da entrada denotava afeiçoamento à maneira das grutas artificiais.

Esta versão foi repetida em trabalhos ulteriores (HARRISON, 1977; ZILHÃO, 1984). Devido, talvez, à colocação do portão, não se evidenciam, hoje, indícios de afeiçoamento;

B - uma zona de passagem constituída por estreita abertura natural, muito embora se assemelhe pela forma à de certas grutas artificiais. Tal abertura foi alargada aquando da primeira exploração (MONTEIRO *et al.*, 1959, p. 407);

C - uma cripta de contorno pouco ramificado com a largura máxima de 9,8m e o comprimento máximo de 8,8m. A altura máxima é de 4,4m.

Se se comparar os levantamentos publicados (MONTEIRO *et al.*, 1959 e MONTEIRO *et al.*, 1971) verifica-se que diferem bastante. Tal facto deve-se, de acordo com o testemunho de R. Monteiro, ao modo como o primeiro foi efectuado consistindo antes num “desenho à vista” realizado por E.C. Serrão.

A primitiva abertura situa-se em zona assinalada em ambas as plantas. Ultimamente, ocorreu desmoronamento no canto oeste da cavidade, que proporcionou uma segunda comunicação com o exterior, semelhante à primitiva.

## ESTRATIGRAFIA

Antes das primeiras escavações a necrópole apresentava-se, aparentemente, intacta. Com efeito, R. Monteiro e C. Serrão consideram que “não houve violações pelo menos violentas, a ponto de ficar tudo disperso” (MONTEIRO *et al.*, 1959, p. 425). No entanto, no decurso das sucessivas depredações nela verificadas, a estratigrafia, que somente foi descrita no trabalho de MONTEIRO *et al.* (1971) foi, por certo, severamente atingida. De acordo com o corte então apresentado, a sequência observada foi a seguinte, de cima para baixo:

C1 - Terra superficial de entulho sem interesse arqueológico (0,15 m);

C2 - Camada lenticular (bolsada) de estalagmite misturada com um estrato de aspecto terroso e friável (0,30 m de espessura máxima);

C3 - Camada espessa com os enterramentos da necrópole neolítica (mínimo de 0,40 m, máximo 0,80 m de espessura);

C4 - “Terra rossa” que nalguns pontos foi remexida para se efectuarem os enterramentos (mínimo 0,08 m, máximo 0,30 m de espessura);

C5 - Rocha da base da gruta.

A sucessão descrita aponta para a existência de uma única camada arqueológica que se teria mantido com suficiente nitidez, apesar dos revolvimentos efectuados. Além destes, há vestígios de outros, muito mais antigos, conforme mostram diversas peças com superfícies de fractura cobertas de carbonato de cálcio, facto que já tinha sido observado por ISIDORO (1963, p. 69, 70; 1964, p. 227; 1968, p. 354). Tais remeximentos relacionar-se-iam com sucessivas inumações efectuadas na necrópole. Este pressuposto conduz-nos, por um lado, a considerações acerca da tipologia das sepulturas e, por outro, acerca das respectivas fases de ocupação.

## **TIPOLOGIA DAS SEPULTURAS E PARTICULARIDADES DO DEPÓSITO FUNERÁRIO**

No trabalho de R. MONTEIRO e C. SERRÃO (*op. cit.*, p. 410 e 413) mencionam-se três sepulturas situadas a pequena profundidade, evidenciadas por três lajes sem forma regular, cujas dimensões não ultrapassavam 0,50 x 0,40 m. Os materiais arqueológicos e os restos humanos encontravam-se em redor e por debaixo delas, variando a sua profundidade entre 0,03 e 0,70 m: “Os ossos humanos encontravam-se fragmentados, serrados e arrumados sob lajes (...). Assim cada corpo teria sido antes da inumação, preparado, isto é, desmembrado, serrado onde convinha (...)” (p. 426). Assim se explicaria o reduzido espaço ocupado pelos restos, em cada sepultura. Os autores referem a particularidade dos dois crâneos encontrados sob as lajes das sepulturas 1 e 3 se encontrarem voltados para a entrada da gruta.

Atendendo às descrições apresentadas não teríamos sepulturas individualizadas, mas talvez ossários. A presença de ossários é, aliás, sugerida por A. ISIDORO (1963, p. 69 e 70). “Ao remover essa terra (a dos remeximentos anteriores) deparamos com dois núcleos de ossos humanos que nos poderiam fazer pensar em duas tumulações se não fosse o estado de desordem e de fractura em que se encontravam os ossos, bem como a cerâmica e até as placas-ídolos”.

As considerações anteriores, apontavam, pois, para a existência de pequenos ossários dispersos pela cripta, fossem eles resultantes do próprio ritual funerário, ou consequência da necessidade de espaço para outras inumações.

Relativamente aos pretensos vestígios de serragem, é significativo, porém,

que eles não sejam referidos por A. ISIDORO (1964) no estudo exaustivo dedicado ao material osteológico até então recolhido na gruta: limita-se a referir e figurar 4 fragmentos de ossos com incisões, segundo ele “nitidamente intencionais” (op.cit., p. 282). Tais marcas são, contudo, naturais, devidas a dentes de animais.

Foi apenas a última campanha que forneceu, finalmente, elementos seguros quanto ao modo de inumação, através da escavação duma sepultura intacta - a que na planta geral (Fig. 2) possui o nº 1 e que, por acaso, se tinha conservado no canto ocidental da cripta (MONTEIRO *et al.*, 1971).

Trata-se de estrutura definida por lajes postas de cutelo, fechando espaço rectangular com 1,50 m de comprimento por 1,00 m de largura. Foi escavada parcialmente na “terra rossa” da base, assentando, do lado esquerdo, no chão rochoso; o fundo foi ainda regularizado com lajes, de forma ao corpo assentar horizontalmente. Este encontrava-se coberto por delgadas lajes, sobrepostas, por sua vez, “por amontoado de calhaus postos a esmo” (op. cit., p. 109). No sítio da cabeça fizeram uma caixa. O corpo encontrava-se deposto de costas com as pernas flectidas para o lado esquerdo.

Quanto às restantes sepulturas, as conclusões obtidas foram precárias dado o elevado estado de destruição em que foram encontradas. Não foi possível garantir a homogeneidade de cada conjunto funerário, como adiante se verá. Parece que umas seriam múltiplas, possuindo, como a nº 6, dois corpos lado a lado, apesar de todas elas se encontrarem individualizadas.

A orientação das inumações, aparentemente, não respeitava qualquer ordem previamente definida, conforme se verifica na planta geral (Fig. 2). Carece, pois, de confirmação, a observação de MONTEIRO *et al.*, 1959, p. 426, de que a generalidade dos crâneos olhasse a entrada da gruta.

Duas particularidades se evidenciaram nas escavações de 1966: a primeira respeita à existência dum ossário, situado de encontro à parede da gruta do lado oriental (nº 11 da planta geral). Era “um recinto pequeno e fundo revestido em toda a volta de grossas pedras” (MONTEIRO *et al.*, 1971, p. 109). Encontrava-se preenchido por amálgama de ossos humanos e materiais arqueológicos, em grande abundância; no fundo, “em posição ritual”, encontrava-se a placa de xisto, representada na figura 19, já descrita em diversos trabalhos (MONTEIRO *et al.*, 1967).

Este ossário confere, assim, credibilidade à existência de outros, dispersos pela cripta funerária, de que há referência em diversos trabalhos, como se disse anteriormente. Outra particularidade consiste num depósito votivo situado ao lado da sepultura nº 1, detectado no final dos trabalhos de 1966, aproveitando uma fenda criada por dois blocos caídos do tecto da gruta e que na planta geral possui o nº 12. Os autores da escavação descrevem-no do seguinte modo (MONTEIRO *et al.*, 1971, p. 109): “esvaziada a fenda com muito cuidado podemos verificar que esse armazenamento não tinha sido feito a esmo mas sim com outro fim talvez ritual. Em primeiro lugar, a partir do fundo da fenda, jaziam os machados e enxós uns sobre os outros em posição cuidada. Depois as lâminas de sílex, os artefactos de osso para adorno, os objectos votivos ou de finalidade religiosa e, por fim, no topo, um lindíssimo vaso cerâmico de paredes finas com duas asas pequenas para suspensão”.

Finalizando este capítulo, procurou-se estabelecer correlação entre as sepulturas escavadas em 1958-59 e as exploradas em 1966, com base nas respectivas plantas. Esta tarefa foi dificultada pelas inexactidões contidas na mais antiga. Com as necessárias reservas, os resultados obtidos são os seguintes:

| Planta de 1959 | Planta de 1966              |
|----------------|-----------------------------|
| sep. 1.....    | sep. 7                      |
| sep. 2.....    | sep. 8 ou ossário (sep. 11) |
| sep. 3.....    | sep. 9                      |

## FASES DE OCUPAÇÃO

A estratigrafia do enchimento aponta para uma única camada arqueológica, o que não implica, necessariamente, apenas uma ocupação. Na verdade, podem ser individualizadas três fases cronológico-culturais sucessivas, com base no espólio e nas informações recolhidas durante a escavação, por exemplo no facto de os objectos de calcário recolhidos por R. Monteiro e C. Serrão aparecerem individualizados dos de xisto (MONTEIRO *et al.*, 1959).

## **Fase I - Neolítico final**

Caracterizada por abundância de geométricos, pontas de seta, lâminas e lamelas, machados de secção elíptica e enxós espalmadas, taças carenadas, vasos de bordo denteado, elementos de adorno, alfinetes de cabeça espatulada e placas de xisto.

## **Fase II - Calcolítico inicial-pleno**

Caracterizada, sobretudo, por materiais de carácter mágico-votivo de calcário. Outros materiais são escassos. Avulta um fragmento de recipiente de osso, com decoração reticulada. Um fragmento de “copo” encontrado, difere dos característicos do Calcolítico, pela técnica decorativa: incisa e não canelada.

## **Fase III - Calcolítico superior-período campaniforme**

Caracterizado por escassos fragmentos de cerâmica incisa e por dois fragmentos com decoração linear-pontilhada.

Da jazida provêm apenas três objectos de cobre. O primeiro corresponde a um fragmento inclassificável (ISIDORO, 1968). Os restantes são pequenos punções de secção quadrangular recolhidos na escavação de 1966: um na sepultura 9 e o outro durante os trabalhos iniciais de limpeza, que antecederam aquela campanha. Na Estremadura, no Calcolítico inicial, o cobre ainda era praticamente desconhecido. O seu uso só se generalizou no Calcolítico pleno, conforme demonstraram os resultados obtidos na escavação do povoado fortificado de Leceia (CARDOSO *et al.*, 1987). Os materiais metálicos referidos poderão portanto pertencer tanto à 2ª como à 3ª fase de ocupação da estação.

## **ESPÓLIO RECOLHIDO**

Apenas na última campanha se procedeu à localização exaustiva do espólio recolhido, considerando as estruturas (sepulturas) exploradas.

Se se atender aos extensos remeximentos da camada arqueológica efectuados anteriormente, compreende-se o risco e imprecisões inerentes a tal tarefa.

Recorde-se que das 12 estruturas encontradas, apenas a sepultura nº 1, o ossário e o esconderijo se encontravam intactos.

Algumas das peças mais facilmente identificáveis, documentam o grau que atingiram os referidos remeximentos:

- Fragmentos diferentes dum vaso tronco-cónico (“copo”) decorado no exterior por incisões paralelas abaixo do bordo encontra-se referenciado em quase todas as publicações (MONTEIRO *et al.*, 1959, fig. 3 nº3 e 4; MONTEIRO *et al.*, 1971, Est. VIII, nº 59; ISIDORO, 1968, Est. I,d). Nas escavações de 1966 foram recolhidos fragmentos do mesmo vaso em locais correspondentes a diferentes sepulturas (sep. 6 e sep. 9).

- Um belo vaso tulipiforme encontra-se repartido entre o Museu de Sesimbra e o espólio recolhido na campanha de 1966 e então atribuído ao ossário (MONTEIRO *et al.*, 1971, Est. VIII, nº 60).

- A distribuição dos materiais campaniformes é igualmente elucidativa dos remeximentos efectuados no interior da cripta sepulcral: fragmentos dos mesmos vasos encontram-se nos Museus do Porto, de Sesimbra e entre o espólio da campanha de 1966. No capítulo referente ao estudo destes materiais tal afirmação será pormenorizada.

No final do trabalho, apresentam-se desenhos de todos os materiais conservados no Museu de Sesimbra, bem como daqueles recolhidos nas escavações de Veiga Ferreira e R. Monteiro, em 1966.

## **Material de pedra lascada**

Os materiais de pedra lascada distribuem-se pelos seguintes grupos tipológicos

### ***Indústrias microlíticas***

Encontram-se representadas em todos os conjuntos sepulcrais escavados em 1966. Da mesma forma, constituem grupo abundante entre o espólio conservado no Museu de Sesimbra. A forma mais frequente é o trapézio dissimétrico, mas abundam também os triângulos, em geral também dissimétricos, muitas vezes com base côncava. Mais raramente, ocorrem as peças com “encoches” pronunciadas e crescentes ou segmentos de círculo. De realçar a presença de

exemplares de quartzo que, apesar da má qualidade do material, apresentam retoques muitas vezes finíssimos. Isto pode observar-se com grande nitidez no exemplar de sílex representado na Est. 13, nº 14 a que correspondem as macrofotografias e fotografias obtidas ao microscópio electrónico de varrimento das Fot.3 a 6.

As lamelas são igualmente abundantes.

### *Pontas de seta*

A Lapa do Bugio ofereceu pontas de seta de grande diversidade tipológica. Este é dos aspectos que deve merecer alguma atenção, já que a tipologia das pontas de seta tem sido considerada elemento com significado cronológico. Nesta jazida conhecem-se exemplares de base com pedúnculo incipiente, triangular, bicôncava, recta e côncava, e ainda exemplares com ou sem aletas laterais e de bordos laterais convexos, rectilíneos e côncavos. Em certos casos, a coexistência dalguns destes tipos está comprovada pelo facto de fazerem parte do mesmo conjunto sepulcral; por exemplo, na sepultura nº 1 recolheram-se exemplares de base triangular com e sem aletas laterais, de base recta e bordos laterais côncavos, e de base côncava e bordos laterais convexos. Situação análoga se observa nas sepulturas nºs 3, 6, 7 e 10, bem como no esconderijo, este último constituído por materiais que, pela própria natureza do depósito, são forçosamente contemporâneos.

No espólio do Museu de Sesimbra conservam-se diversos exemplares dos tipos anteriormente referidos. Tal facto parece apontar para uma efectiva coexistência dos diversos grupos tipológicos de pontas de seta, todos eles coevos das indústrias microlíticas já descritas. Com efeito, torna-se muito difícil, nalguns casos, estabelecer a diferença entre pontas de seta e micrólitos triangulares e de base côncava. Um exemplar do Museu de Sesimbra encosta-se a uma vértebra humana, não sendo, porém, evidente, a penetração no corpo ósseo.

### *Lâminas retocadas e não retocadas*

São abundantes, ocorrendo na maioria das sepulturas escavadas; no ossário e no esconderijo foram recolhidos, também, vários exemplares. No Museu de Sesimbra este grupo encontra-se igualmente bem representado. No conjunto, predominam largamente as lâminas não retocadas, carácter que tem sido considerado arcaizante, já que as lâminas com retoque contínuo parecem ocorrer particularmente no Calcolítico. Muito raramente, algumas lâminas apresentam a extremidade distal transformada em raspadeira.

### *Núcleos*

Os núcleos não abundam. De sílex, cita-se um exemplar de núcleo de lâminas da sep. 7, posteriormente aproveitado como percutor, e outro do Museu de Sesimbra, igualmente de lâminas, prismático.

De quartzo hialino, registam-se três núcleos, todos de lâminas, das escavações de 1966: um, exausto, da possível sep. 9 e dois outros recolhidos na limpeza preliminar da gruta. Nestes, conservaram-se parcialmente os lados do prisma do cristal. O Museu de Sesimbra possui 4 núcleos de quartzo hialino em estádios diferentes de exploração, dos quais foi figurado apenas um (Est. 33, nº 38). Nesta colecção foram ainda identificados dois núcleos de lascas de sílex muito irregulares dos quais um de aparência mustierense. Não foram representados.

### *Percutores ou pedras de isqueiro*

Consideraram-se como percutores ou pedras de isqueiro dois exemplares de sílex, de contorno arredondado, bastante espessos, com indícios de percussão em toda a periferia, um da sep. 3 e outro da sep. 4. São análogos a exemplares provenientes do Castro da Pedra do Ouro (PAÇO, 1966, p. 123-124, fig. 6, nº 7 e 8), considerados como isqueiros.

### *Raspadeiras*

Recolheu-se apenas um exemplar na sep. 9. Trata-se de raspadeira sobre espessa lasca de sílex, cujo plano de separação ocupa todo o reverso (Est. 10, nº 15).

### *Raspadores*

Recolheu-se um exemplar na sep. 6, de quartzito, conservando em todo o bordo esquerdo do anverso o córtex primitivo do seixo em que foi afeiçoado (Est. 4, nº 6). Outros exemplares, de sílex, provêm da sep. 7, da possível sep. 9, bem como da limpeza da gruta que antecedeu a escavação de 1966. Um exemplar de contorno ovóide proveniente da sep. 9 merece referência especial. Tem retoques junto dos bordos laterais, semelhantes aos das lâminas ovais de retoque cobridor características do Calcolítico estremenho (Est. 10, nº 12). O Museu de Sesimbra conserva dois raspadores de sílex sobre lasca de aparência mais antiga (Paleolítico médio?) e por isso não figurados.

### *Furadores*

Sob esta designação poderão ser mencionados apenas dois artefactos, ambos conservados no Museu de Sesimbra. Um é de cunho microlítico (Est. 33, nº 14). O outro corresponde ao tipo de contorno triangular alongado, retocado em ambos os bordos laterais. Está incompleto na ponta (Est. 34, nº 26).

### *“Tarières”*

Reconheceu-se apenas um artefacto deste tipo pertencente ao Museu de Sesimbra (Est. 34, nº 23).

### *Percutores*

Foi recolhido na sep. 10 um seixo de quartzito com vestígios de percussão (Est. 15, nº 1).

### *Lascas residuais*

São escassas, facto que está de acordo com a natureza sepulcral da jazida.

### **Material de pedra polida**

#### *Machados*

Os 22 machados recolhidos na Lapa do Bugio são na sua totalidade de rochas anfibólicas de cores escuras. A maioria possui secção espessa, ovóide a triangular, sendo polidos apenas na zona do gume. Destes, 5 encontram-se distribuídos pelas sep. 4(2), 7(1) e 8(2). A maior parte (9) foi recolhida no esconderijo da forma como anteriormente se descreveu. No Museu de Sesimbra conservam-se os restantes 8. Um fragmento foi recolhido no decurso da limpeza que precedeu os trabalhos de 1966. De dois dos machados encontrados no esconderijo executaram-se lâminas delgadas no Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da U.N.L.. Os resultados obtidos foram os seguintes: Trata-se de xistos verdes tremolíticos (anfíbolitos s.l.), rochas de cor esverdeada com intercalações brancas, de textura cristalina na observação macroscópica. Na observação das lâminas delgadas verifica-se que os minerais formativos essenciais são apenas dois: um mineral máfico levemente pleocróico, de tons entre esverdeado claro e amarelado esbatido e um mineral incolor. Aparecem esparsos por toda a preparação, mas muito insistentemente, grânulos aparentemente negros.

O mineral que se afigura dominante é o máfico, de estrutura quase sempre fibrosa com os caracteres ópticos duma anfíbola do grupo da tremolite (um pouco ferrífera) que forma espécie de rede densa englobando o mineral félsico. Este é plagioclase de composição andesina, em cristais, regra geral de contornos mal definidos ou agregados granulares, entre os quais aparecem também alguns de quartzo.

O minério negro em grânulos, cristais esqueletais de contornos irregulares, mostra-se, em parte, transformado em pirite. A textura granoblástica fina diz respeito ao mineral félsico que se apresenta em microgrãos ou pequeninas hastes de contornos deformados, cujo diâmetro médio é geralmente inferior ao milímetro.

Por sua vez a anfíbola, em virtude da estrutura em grande parte fibrosa,

confere à rocha a textura nematoblástica que aparenta ser a dominante.

Em resumo, trata-se de rocha resultante de metamorfismo de baixo grau de rochas de composição basalto-andesítica.

A origem destas rochas anfibólicas deve ser procurada no Alentejo. Além de afloramentos importantes no Alto Alentejo oriental (GONÇALVES, 1971), também no Baixo Alentejo se conhecem afloramentos susceptíveis de fornecerem rochas análogas, bem representados na faixa vulcano-sedimentar de idade carbónica de Castro Verde - Grândola. Esta zona é, pois, aquela de onde poderia provir, mais proximamente, a matéria prima para estes machados. Exclui-se a faixa Alcácer do Sal - Torrão na bordadura do Maciço Antigo. Efectivamente, embora nela existam metabasaltos e metandesitos, a estrutura original destas rochas está muito bem conservada (vacúolos, micrólitos, etc.), ao contrário dos exemplares agora estudados, que mostram estrutura granoblástica.

### *Enxós*

A Lapa do Bugio ofereceu 27 exemplares de enxós, assim distribuídos: 19 pelas sepulturas escavadas em 1966 (1 na sep. 2; 2 na sep. 5; 4 na sep. 9; 1 na sep. 10; 9 no esconderijo e 1 na limpeza que precedeu os respectivos trabalhos, bem como fragmento de outra. Aquela apresenta vestígios de pintura a ôcre em toda a superfície. Conservam-se ainda 8 no Museu de Sesimbra.

Trata-se, ao contrário dos machados, de artefactos em geral pouco espessos, de secção rectangular achatada e totalmente polidos. A matéria prima evidencia também diferenças, mesmo observadas macroscopicamente, relativamente à utilizada na confecção dos machados. Nestes, a textura granoblástica é em geral evidente; nas enxós, contudo, a rocha não evidencia macroscopicamente qualquer constituinte mineralógico individualizado. A análise macroscópica de um exemplar proveniente do esconderijo, observado em lâmina delgada forneceu os seguintes resultados: rocha negra, uniforme, afírica, isenta de quaisquer indícios macroscópicos de cristalização.

A observação ao microscópio revela que a matriz é substância incolor, isotropa, ou seja, vítrea, da qual se destacam microcristais geralmente granulares e numerosos. Entre estes grânulos, quase sempre de difícil identificação dadas as suas diminutas dimensões, vêm-se feldspatos, piroxenas, óxidos negros metálicos e pequeníssimos restos de cinzas vulcânicas. Um outro mineral presente, não

original, mas secundário (de alteração) com as características ópticas de escapolite, wernerite ou meionite, aparece esparso mas insistentemente por toda a rocha, em grânulos mais desenvolvidos do que os anteriormente referidos.

Este litótipo, de origem vulcânica de textura vitrofírica, é um vulcanito de composição básica, como foi comprovado pelos resultados da análise química efectuada em complemento da observação ao microscópio. Pela análise referida, verifica-se, também, que a matriz vítrea é essencialmente aluminossilicato de cálcio.

A composição química ponderal (aproximada) dos principais elementos desta rocha é a seguinte: SiO<sub>2</sub> - 50%, Al<sub>2</sub>O<sub>3</sub> Fe<sub>2</sub>O<sub>3</sub> - 32%, OMg - 4% e CaO - 11%; total - 97%.

Conclusão da análise petrográfica e química, bem como do conhecimento geológico regional: trata-se de um vulcanito básico, rocha pós-orogénica, constituindo originalmente corpos filonianos relacionados muito provavelmente com a intrusão do maciço de Sines.

### *Escopros*

Conserva-se no Museu de Sesimbra um exemplar que se pode classificar como escopro ou cinzel (Est. 35, nº 7). Possui a extremidade proximal ligeiramente mutilada.

### *Goivas*

Da sep. 5 provém uma goiva, de rocha basáltica. No Museu de Sesimbra conserva-se outra, de tipologia análoga, embora de maiores dimensões. Já de tipologia diferente, integrando-se no grupo das grandes goivas muito alongadas, é o exemplar figurado por ISIDORO (1968, fig. 2,i). De referir ainda que MONTEIRO *et al* (1971, Est. VI, nº 47) figuram uma goiva semelhante, sem dúvida com entrada no Museu de Sesimbra, visto a numeração ser visível. No espólio ali actualmente conservado, não foi possível, contudo, localizar este objecto.

### *Alisadores-Brunidores (?)*

Sob esta designação pode classificar-se um artefacto proveniente da sep. 10 (Est. 14, nº 11). Trata-se de uma cunha de rocha anfibólica polida em toda a periferia com uma secção semelhante à das enxós, podendo, na verdade, ser um fragmento de enxó, visto ambas as faces maiores corresponderem a superfícies de clivagem, desprovidas de afeiçoamento.

### *Alisadores-polidores de arenito*

MONTEIRO *et al.*, 1959, p. 422 referem apenas um exemplar inteiro figurado na Est. 35, fig. 8 do presente trabalho. ISIDORO (1968) descreve e representa, igualmente, fragmento análogo. Nas escavações de 1966 recolheram-se abundantes fragmentos de placas de arenito fino a médio, esbranquiçado e micáceo, de origem regional, destinadas provavelmente a afiar e polir artefactos de pedra e de osso. Possuem, em geral, as faces maiores ligeiramente deprimidas, resultantes do desgaste e, por vezes, também os lados menores. Ocorreram em diversas sepulturas: sep. 9 (4), sep. 11 (1), esconderijo (1), na limpeza que precedeu as escavações de 1966 (3) e no Museu de Sesimbra (8). O Museu de Sesimbra possui quatro exemplares inteiros, sendo um deles (Est. 35, nº 4), pelas suas dimensões e formato, provavelmente tido na mão e portanto móvel. Este facto entra em contradição com a afirmação de MONTEIRO *et al.*, 1959, p.422, referida supra, de que foi apenas recolhida uma peça inteira nas escavações de 1958-59 e conduz à conclusão, confirmada por outros materiais existentes, de que, ulteriormente, houve recolhas, conduzidas para o Museu de Sesimbra, talvez as resultantes da 2ª campanha daqueles autores, que nunca foi publicada. Artefactos deste tipo, foram referidos por LEISNER na quarta gruta de Palmela (1965, tf. 108, nº 27 e 28) e em diversas antas alentejanas (1959, tf. 15, nº 67 e 69, tf. 27, nº 85, tf. 28, nº 11 e tf. 34, nº 3).

### **Objectos de metal**

Das publicações anteriores sobre a Lapa do Bugio apenas A. ISIDORO (1968, p. 353) referencia um objecto metálico, com 19 mm de comprimento e 7 mm de largura máxima, de cobre ou bronze. Nos trabalhos de limpeza foi

recolhido mais um artefacto metálico. Trata-se de um pequeno punção de secção rectangular, sem dúvida de cobre. Um terceiro objecto, igualmente um punção, foi recolhido na sep. 9.

As duas peças a que se teve acesso - códigos 236 A/87 e 236 B/87, do Centro de Física Nuclear da U.L. - foram analisadas pelo método de fluorescência de raios X excitada por radiação  $\gamma$ , já anteriormente descrito (GIL *et al.*, 1981).

As peças foram analisadas em seis regiões distintas. Não foram submetidas a qualquer tratamento prévio, sendo apenas limpas por ultrassons da sujidade que superficialmente as cobria.

As análises revelam tratar-se de objectos essencialmente constituídos por cobre que, como habitualmente se tem observado em peças de cobre do país, apresentam como impurezas o arsénio (As), o ferro (Fe), o estanho (Sn), o antimónio (Sb) e vestígios de prata (Ag).

As composições metálicas de diversos pontos de ambas as peças mostram teores dos diversos elementos em proporções semelhantes, pelo que não se apresentam os resultados parcelares, mas apenas as médias dos valores obtidos. Note-se, contudo, que a peça 236 B/87 revelou um ligeiro enriquecimento sistemático de estanho na face A relativamente à face B. No entanto, globalmente, a diferença encontrada cai dentro dos erros das medidas. Os resultados obtidos foram os seguintes, em percentagens mássicas, excepto para o Sb e Ag cujos valores são indicados em p.p.m.:

| Peça | 236A/87        | 236B/87        |
|------|----------------|----------------|
| Cu   | 99,2 $\pm$ 0,6 | 94,5 $\pm$ 1,5 |
| As   | 0,3 $\pm$ 0,1  | 4,0 $\pm$ 1,1  |
| Fe   | 1,2 $\pm$ 0,5  | 2,2 $\pm$ 0,4  |
| Sn   | 0,1 $\pm$ 0,04 | 0,1 $\pm$ 0,03 |
| Sb   | 100 $\pm$ 20   | 100 $\pm$ 100  |
| Ag   | 40 $\pm$ 20    | 40 $\pm$ 20    |

As percentagens de ferro podem estar ligeiramente sobreelevadas devido a efeitos cruzados de fluorescência, isto é, um enriquecimento aparente do teor deste elemento devido à excitação dos seus átomos não pela radiação primária mas pela radiação X proveniente do cobre.

Apesar de se tratar de análises essencialmente de superfície, os resultados

permitem concluir que existe uma diferença relevante entre as duas peças, uma vez que os efeitos de corrosão e de possíveis enriquecimentos de superfície de um dado elemento serão naturalmente análogos para ambos os objectos. Referimo-nos às diferenças significativas dos teores de arsénio nas duas peças, que variam de uma para a outra de mais de uma ordem de grandeza. Este facto parece indicar duas matérias primas diferentes, uma vez que o arsénio não deve ter sido deliberadamente introduzido pelo metalurgista, tendo a sua origem nas impurezas do material utilizado. Trata-se, portanto, de peças que não fizeram parte do mesmo lote de fundição.

### Material de osso de uso comum

A. ISIDORO (1968, p. 349) menciona apenas fragmentos de diversos furadores que, confrontados com a estampa respectiva, se verifica corresponderem mais provavelmente a fragmentos de hastes de alfinetes, integrando-se, por consequência, no capítulo de peças de adorno, tratadas no ponto seguinte.

As escavações realizadas em 1966 contribuíram significativamente com materiais ósseos de uso comum aumentando, assim, o número dos já depositados no Museu de Sesimbra. Relativamente aos primeiros menciona-se a existência dos seguintes tipos de artefactos (representados por peças inteiras e fracturadas): furadores - sep. 4 (1), sep. 7 (1), sep. 8 (2), sep. 9 (2), sep. 10 (1), esconderijo (1), Museu de Sesimbra (2); cabos de instrumentos - sep. 4 (1), sep. 8 (2), sep. 10 (1); agulhas - possível sep. 9 (1); espátulas - sep. 10 (1). Os furadores podem aproveitar a secção transversal do osso (ossos longos de Ovis ou Capra, incluindo metápodes), ou serem realizados sobre fragmentos tabulares, após seccionamento longitudinal dos respectivos ossos. Uma extremidade de furador, representado em MONTEIRO *et al.* (1959, Est. II, nº 14) não se observou no Museu de Sesimbra onde, pelo contrário, se encontram expostos dois furadores não representados naquele trabalho (Est. 35, nº 2 e 3). Tal como outras peças já referidas, devem ter sido recolhidas nos trabalhos de 1958/59, que nunca se publicaram.

Os cabos de instrumento são na maioria simples tendo-se referenciado a existência dum cabo duplo, isto é, com duas cavidades; destinar-se-iam à fixação de objectos metálicos diferentes? (est. 3, nº 3). O exemplar figurado por

MONTEIRO *et al.* (1959, Est. II, nº 13), não figura entre os materiais actualmente conservados no Museu de Sesimbra.

As agulhas estão apenas representadas por um exemplar. Trata-se de um osso longo seccionado obliquamente por polimento, fragmentado na extremidade distal (Est. 13, nº 18). O mesmo sucede com as espátulas das quais se referencia apenas um exemplar fragmentado (Est. 14, nº 44).

Por fim, refere-se uma plaqueta de osso, conservada no Museu de Sesimbra com decoração incisa em uma das faces, provavelmente uma matriz para cerâmica, da época campaniforme (Est. 40, nº 9). Na gruta I de S. Pedro do Estoril recolheu-se objecto análogo (LEISNER *et al.*, 1964, Est. E, fig. 29); um outro é figurado por LEISNER (1959, tf. 16, nº 1) da Anta do Monte do Cabeço. Idêntica função poderá ter a plaqueta de osso, decorada nas duas faces, recolhida no *tholos* do Pai Mogo (GALLAY *et al.*, 1973, fig. 70).

### Objectos de adorno

Os objectos de adorno contam-se entre os mais abundantes no conjunto dos materiais recolhidos na Lapa do Bugio. A. ISIDORO (1968, p. 348 e 349) cita a existência, nas colecções do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa, no Porto, de 51 contas, um pingente triangular e a extremidade dum alfinete com cabeça canelada, de lignito. Os materiais recolhidos em 1966, bem como os depositados no Museu de Sesimbra serão de seguida analisados.

### Contas

As mais comuns são as de xisto, discóides e de pequenas dimensões, associadas em geral a contas idênticas, de concha e variscite, embora estas sejam frequentemente elipsóides e de maiores dimensões. Uma e outras foram assinaladas nas sep. 1, 2, 5, 6, 8, 9, ossário e esconderijo. Assinala-se a existência de duas grandes contas de fluorite com um paralelo na gruta de Cascais (PAÇO *et al.*, 1959). Contas de moluscos foram apenas assinaladas na sep. 1 de *Neritina fluviatilis* e de *Cypraea europaea*, estas representadas apenas por um exemplar; na sep. 5, de *Neritina fluviatilis* e *Dentalium* sp.; na sep. 8, 9 e ossário de *Dentalium* sp.. Contas de vértebras de peixe, recolheram-se na sep. 8 e ossário. Contas de cerâmica, bicónicas, registaram-se na sep. 5 (1), sep. 9 (1) e nas

colecções do Museu de Sesimbra (1). Contas de azeviche bicónicas encontraram-se nas sep. 5 (1), 6 (1), 7 (1), 8 (3), 9 (5), 10 (2), ossário (2) e na limpeza de 1966 (1). De azeviche discóides na sep. 9 (1).

O Museu de Sesimbra possui um conjunto variado de contas. Além das já mencionadas estão representadas, abundantemente, as contas discóides de xisto e de concha. De variscite há igualmente exemplares bicónicos e elipsóides. De azeviche, conservam-se ali 8 exemplares, dos quais 7 de formato bicónico e um discóide.

### *Pingentes*

Um da sep. 9, triangular, com furo ao centro no lado menor, de variscite; outro do ossário, triangular, com vértice oposto à base truncada, com furo no centro daquela, de variscite.

Os pingentes do Museu de Sesimbra estão representados por dois exemplares de variscite de tipologia semelhante aos anteriormente referidos. Outros objectos de adorno de osso são os alfinetes de cabelo, usualmente constituídos por hastes de secção circular, que nos dois exemplares inteiros atingem 13,7 e 9,7 cm de comprimento, terminadas numa das extremidades por remate feito na mesma peça da haste podendo, neste caso, ser espatulado - que é o mais comum - em forma de garfo ou de forquilha; ou postiço, tratando-se de peças ajustadas à parte terminal da haste. Tais peças podem ser cilíndricas ou tronco-cónicas, lisas ou decoradas por linha helicoidal, ou por uma ou duas caneluras junto das extremidades. Destes dois tipos recolheram-se diversos exemplares distribuídos pelas seguintes sepulturas: Primeiro tipo: sep. 3 (1), sep. 4 (2), sep. 8 (1), ossário (1), esconderijo (2) e Museu de Sesimbra (1). Segundo tipo: sep. 1 (2), sep. 8 (1), sep. 9 (1), sep. 10 (4), esconderijo (4) e Museu de Sesimbra (4).

Naturalmente que os fragmentos de haste referenciados noutras sepulturas não foram tidos em consideração nesta classificação por falta de elementos tipológicos, exceptuando-se os casos em que se conservava a extremidade superior, caracter suficiente para a sua inclusão em um dos tipos considerados. Todas as peças do Bugio são de osso, exceptuando-se a cabeça canelada cilíndrica maciça, de lignito, referida por ISIDORO (1968, p. 349, Est. 1,c).

## Vasos de osso

Na sep. 7 recolheu-se um fragmento de vaso tronco-cónico de osso com linhas incisivas paralelas junto da base e do bordo, sendo o espaço intermédio decorado por linhas reticuladas oblíquas (Est. 5, nº 19). Trata-se de modelo comum ao Calcolítico estremenho; excepcionalmente foi encontrado no povoado fortificado do Monte da Tumba, Baixo Alentejo, integrável no contexto calcolítico do Sudoeste.

## Objectos de carácter mágico-simbólico

Os objectos deste grupo recolhidos na Lapa do Bugio são muito diversos na sua tipologia e matéria prima. Iremos caracterizar seguidamente cada um dos grupos em que foram repartidos:

### *Placas de xisto*

Para o estudo das placas de xisto utilizou-se a classificação de G. e V. LEISNER (1951). Em muitos casos tal foi impossível dado o estado de fragmentação em que se encontram. A. ISIDORO (1968), descreve seis placas que se podem subdividir da seguinte forma:

Um exemplar (fig. 8b) pode incluir-se no grupo correspondendo a placas de ornamentação exclusivamente geométrica com o centro liso.

Quatro exemplares pertencem ao grupo que Leisner (*op. cit.*, p. 127) designou por placas com ornamentos em dente de lobo.

O último pertence ao grupo das placas com ornamento em “zig-zag” de acordo com a terminologia daqueles autores (*op. cit.*, p. 127). A parte superior das placas destes dois últimos grupos, correspondendo em geral a 1/3 da área, mostra quase sempre no centro um triângulo liso com o vértice para baixo. De ambos os seus lados correm faixas paralelas, ligeiramente curvadas (tipo I) ou faixas horizontais (tipo II), quer umas, quer outras, em número variável. Verifica-se que estes caracteres correspondem a três das cinco placas referidas sendo excepção as placas figuradas em ISIDORO (*op. cit.*, Est. III, fig. 4 e Est. IV, fig. 6).

As placas recolhidas na escavação de 1966, encontram-se reduzidas, na sua maioria, a fragmentos, na maior parte dos casos insuficientes para a completa

caracterização tipológica dos exemplares. Registou-se o seu aparecimento nas sep. 3 (dois fragmentos), sep. 4 (2 fragmentos), sep. 6 (5 fragmentos) na possível sep. 9 (9 fragmentos), na sep. 10 (2 fragmentos e uma placa inteira), no ossário (1 fragmento e uma placa inteira), e no esconderijo (1 fragmento). Na limpeza que antecedeu os trabalhos de 1966 foram recolhidos 12 fragmentos.

Os 22 exemplares conservados no Museu de Sesimbra correspondem a fragmentos de grandes dimensões (10 exemplares) ou a placas completas (12 exemplares), sempre bem caracterizáveis do ponto de vista tipológico.

Vistos globalmente, os exemplares distribuem-se predominantemente pelos dois grupos já referidos: placas com ornamentos em dentes de lobo e placas com decoração em “zig-zag”; contudo, do motivo em dentes de lobo, reconheceram-se cerca do dobro dos exemplares integráveis no motivo em “zig-zag”.

Refira-se uma placa recolhida na sep. 10 (Est. 15, nº 16), um dos dois exemplares possuindo dois furos para suspensão, cuja decoração principal pode ser considerada como uma combinação de dentes de lobo, dando origem a motivo híbrido entre o primeiro e o segundo grupo.

De um modo geral, a parte superior das placas encontra-se bem individualizada por uma linha horizontal que pode ser reforçada por dupla linha de pequenos dentes de lobo (por ex. Est. 42, nº 3) ou por faixa preenchida por linhas reticuladas; a zona central daquela área é ocupada por triângulos ou trapézios invertidos em 17 exemplares, não decorados, no centro dos quais se acha o orifício de suspensão. De ambos os lados, desenvolvem-se, nalguns casos, faixas paralelas aos lados do triângulo mas, na larga maioria dos exemplares, tais faixas são horizontais ou oblíquas, relativamente aos lados daquela figura geométrica. Conhecem-se variantes a este modelo decorativo. Nalgumas, o espaço situado de ambos os lados do triângulo é totalmente ocupado por padrão reticulado como as placas da Est. 41, fig. 2 e da Est. 42, fig. 1 ambas do Museu de Sesimbra. Noutras, as faixas são substituídas por triângulos como o exemplar da Est. 7, nº 1, proveniente da sep. 8 e o da Est. 46, nº 4 do Museu de Sesimbra. No exemplar da Est. 15, nº 16, da sep. 10, acima da linha horizontal, desenvolve-se espaço não preenchido encimado por faixa a toda a largura do topo da placa. Noutro exemplar, este espaço é preenchido por rectângulo limitado por barras (Est. 46, nº 1).

Em todos os exemplos referidos, a parte superior encontra-se bem individualizada. Na placa da Est. 42, nº 4, contudo, o triângulo contacta

directamente com o padrão decorativo da zona inferior, não havendo linha horizontal de separação. Da mesma forma, no caso da placa da Est. 19, proveniente do ossário, não há separação nítida entre as duas zonas, estando mesmo ausentes todos os atributos antropomórficos que se patenteiam nas placas anteriores, aqui tornados supérfluos pela figuração do ídolo almeriense na zona central, em posição destacada. Este exemplar foi já objecto de estudo monográfico (MONTEIRO *et al.*, 1967). É desnecessário encarecer mais a importância deste objecto. A figuração de ídolos almerienses em placas tinha já sido referida por G. e V. LEISNER (1951, p. 126) na alínea d do grupo 3, caracterizado pela presença do triângulo duplo em forma de ampulheta, motivo que aparece isolado na parte superior duma placa da Anta Grande do Olival da Pega. Os autores referidos consideram-no, correctamente, como indício de relações com o Sul da Península. Outra placa do Museu de Sesimbra, inclui-se no grupo 2 da classificação referida: “placas trapezoidais que ostentam, além da ornamentação geométrica, uma série de símbolos que no seu conjunto lembram uma cara” (Est. 46, nº 8). Com efeito, é bem patente, na parte superior desta placa, que possui dois orifícios, oculados, sobrepostos por sobranceiras, o nariz e a tatuagem facial. Este exemplar relaciona-se com o anterior por possuir na zona média a representação de 4 ídolos almerienses geminados. foi objecto de estudo de GONÇALVES (1969). Possui, ainda, a particularidade de apresentar na bordadura do reverso uma faixa decorada por linhas incisadas em retícula, carácter que a aproxima do sub-grupo 3b de Leisner, placas com o centro liso.

Outro caso notável consiste numa pequena placa de xisto conservada no Museu de Sesimbra (Est. 46, nº 5) referida por MONTEIRO *et al.* (1959, Est. III, fig. 4). Os autores admitem que a ornamentação, similar em ambas as faces, em linhas gravadas, “duas bem nítidas em sentido vertical, e diversas na horizontal” lembra uma maneira de representar esquematicamente, um corpo envolvido em faixas (*op. cit.*, p. 422).

O artefacto foi reexaminado ulteriormente por um dos autores daquele trabalho (SERRÃO, 1975, p. 211), admitindo a existência do símbolo antropomórfico sugerindo o ídolo almeriense numa das faces e, na outra, doutro símbolo, que poderá ter obedecido à mesma ideia. Parece ter, por conseguinte, adaptado a ideia primitiva a nova concepção mais conforme com os elementos de observação.

Refira-se, por último, uma placa que apresenta a particularidade de possuir

esboço de decoração na base do reverso, propósito certamente abandonado em benefício da decoração, de motivo análogo, que ostenta no anverso (Est. 41, nº 3).

### *Ídolos almerienses*

A representação do ídolo almeriense foi já referida no parágrafo anterior a propósito de duas excepcionais placas de xisto e da plaqueta de xisto. MONTEIRO *et al.* (1959, p. 422) referem a existência de três fragmentos de dois pequenos ídolos de osso, um dos quais figuram (Est. III, fig. 8). Este exemplar, conforme é indicado pelos autores, já não integrava em 1959 as colecções do Museu de Sesimbra. Neste local identificou-se um exemplar ligeiramente mutilado (Est. 46, nº 6), que se encontra figurado em MONTEIRO *et al.* (1971, Est. IV, fig. 36), embora na publicação pareça estar completo. Tem vestígios de fractura na zona média podendo, desta forma, corresponder a dois dos três fragmentos mencionados supra.

Nas escavações de 1966 foram recolhidas as bases de dois ídolos de osso do tipo Almeria (MONTEIRO *et al.*, 1971), um na sep. 3, que agora se verificou corresponder à parte superior de um alfinete de cabeça espatulada (Est. 2, nº 22) e outro no ossário, que não foi possível localizar.

Este tipo de ídolos foi referenciado na zona estremenha no depósito da Samarra (FRANÇA *et al.*, 1958, p. 80) e no dolmen de Monte Abraão (RIBEIRO 1880, fig. 39; LEISNER 1951, fig. 6e), bem como no interior alentejano, na Anta Grande do Olival da Pega (LEISNER, 1951, fig. 6b), os dois primeiros de osso e o segundo de xisto. Embora sejam nítidas as diferenças entre o modelo português e os exemplares espanhóis, de corpo mais alargado os primeiros, filiam-se claramente em modelo comum ao das sepulturas, com ou sem corredor, da Cultura de Almeria (LEISNER, 1951, p. 139).

### *Ídolos de gola*

Trata-se de pequenos objectos de osso, nalguns casos de marfim, de forma cilíndrica, em geral mais bojudos na zona média, afuselando para ambas as extremidades, terminando a superior em “cabeça” achatada, frequentemente inclinada em relação ao eixo da peça. O topo desta “cabeça” é plano nuns

exemplares, possuindo noutros depressão alongada na zona média, mesmo em exemplares de área muito pequena como o da Est. 20, nº 20, proveniente do esconderijo escavado em 1966.

ISIDORO (1968, fig. 2d) representa um exemplar de gola. Nas escavações, desde 1958, foram recolhidos 10 exemplares, distribuídos da seguinte maneira: sep. 4 (1), sep. 7 (1), sep. 9 (1), e esconderijo (3). O Museu de Sesimbra possui 4.

O seu aparecimento é comum, sobretudo em necrópoles estremenhas, grutas naturais, artificiais e *tholoi*. No interior alentejano, é também forma conhecida, embora rara, como demonstra o exemplar da Anta Grande da Comenda da Igreja - Montemor-o-Novo (LEISNER, 1959, tf. 27, nº 1). No povoado fortificado de Leceia identificaram-se vários exemplares, na campanha de escavações de 1988, em níveis de ocupação do Calcolítico inicial da Estremadura.

### *Coelhos geminados*

No ossário escavado em 1966 recolheu-se um par de coelhos de osso geminados pelas extremidades posteriores, constituindo objecto ligeiramente arqueado, que seria suspenso por três orifícios, dos quais apenas o central se conserva intacto (Est. 17, nº 10). MONTEIRO *et al.* representam objecto análogo (1959, Est. II, nº 9), que não se encontra depositado no Museu de Sesimbra. FERREIRA, 1970, fez o inventário das estações portuguesas que forneceram este tipo de artefactos, verificando-se predominância dos achados em grutas naturais da Estremadura. De acordo com o mesmo autor, são desconhecidos fora do País. Nalguns casos as estatuetas são geminadas, como os exemplares presentes, mas na maioria dos casos são simples. Pertencem à primeira categoria os exemplares das grutas de Cascais, da Lapa do Suão, Cabeço da Arruda e Quinta das Lapas. A atribuição a coelho tem sido nalguns casos preterida a favor da mais genérica designação de “roedores” ou esculturas zoomorfas. Porém, de acordo com LEISNER (1951, p. 146) não haverá dúvidas nas atribuições a *Oryctolagus cuniculus*, espécie abundante na fauna das estações Neo e Calcolíticas da Estremadura.

Neste caso, como nos outros, trata-se de um “pendeloque” com significado mágico-religioso, facto sugerido pela uniformidade da escolha daquele animal a que se tem associado a ideia da fecundidade, dada a sua grande capacidade de

reprodução. LEISNER (*op. cit.*, p. 146) vê nalguns, indícios da representação sexual; seis exemplares aparentam ser do sexo feminino, através duma pequena concavidade na base (extremidade posterior), enquanto que um exemplar das grutas de Cascais terá o sexo masculino explicitado.

### *Discos cranianos*

No ossário explorado em 1966, recolheu-se um fragmento de crânio arredondado cuja forma parece ser o resultado de acção deliberada (Est. 18, nº 7). Estar-se-ia, por conseguinte, em presença dum disco craniano, peça de marcado significado mágico-religioso. São escassas em Portugal as referências a objectos desta índole. VASCONCELLOS (1897, p. 193) refere o achado na Anta da Capela (Avis) “no meio de muitos fragmentos de ossos humanos, um pedaço de osso parietal, mais ou menos arredondado, em cuja superfície interna, junto à orla, se vê o começo dum orifício, feito com instrumento cortante”, que ficou inacabado. Pela representação da rodela (Fig. 41), se vê que é muito semelhante à agora estudada. Aquele autor não hesita em considerar o disco craniano da Anta da Capela como amuleto, salientando, todavia “que o fim próprio da trepanação póstuma, não era preparar amuletos” (*op. cit.*, p. 195) o que, em certa medida, vem ao encontro da conclusão de CARTAILHAC (1886, p. 86); embora por outros argumentos, este autor conclui que “le but était la perforation du crâne après la mort et non la confection d’une rondelle”. Para Vasconcellos, com a presença de crânios trepanados em vida ou *post-mortem* ficaria demonstrado um dos traços essenciais da religião do homem pré-histórico, a crença no animismo.

LEISNER (1951, p. 147) refere terem sido recolhidas uma rodela craniana e um fragmento de outra na Anta Grande do Olival da Pega, admitindo poderem constituir resíduos de trepanação. Em ambos são bem evidentes marcas de instrumento cortante; no exemplar intacto, observa-se um sulco na face superior, sub-paralelo ao bordo, que poderia indicar o primeiro esboço do corte (*op. cit.*, p. 240). Tal como o exemplar da Anta da Capela, o da Anta Grande do Olival de Pega é de dimensões muito semelhantes ao do Bugio. Por fim, representa-se na Est. 7, nº 3, um fragmento de calote craniana proveniente da sep. 8 com vestígios de polimento no lado exterior.

## *Objectos de Calcário*

### *Cilindros de gola*

ISIDORO (1968, fig. 2, b e c) representa dois exemplares em tudo semelhantes aos exemplares de osso já estudados.

### *Cilindros lisos, por vezes de tendência tronco-cónica*

Os cilindros lisos são, de entre os objectos com carácter mágico-simbólico, um dos grupos mais abundantes no Bugio. ISIDORO (1968, p. 349) refere a existência de três exemplares. Nos trabalhos de limpeza que antecederam os trabalhos de 1966, identificaram-se as extremidades superior e inferior de dois outros, de tendência tronco-cónica, mas de tamanhos muito diferentes. Destes, o maior é de rocha gabróica, sendo aqui referido por comodidade de exposição.

No decurso da campanha de 1966 recolheram-se dois exemplares na sep. 6. O Museu de Sesimbra possui quatro, sendo um deles, igualmente, de tendência tronco-cónica (Est. 46, nº 2).

### *Cilindros decorados*

Da Lapa do Bugio conhece-se apenas um cilindro decorado proveniente da sep. 9. Trata-se de exemplar não referido no espólio daquela sepultura (MONTEIRO *et al.* 1971, Est. IV, fig. 35). A decoração é constituída por quatro sulcos arqueados, paralelos dois a dois (Est. 19, nº 1). A relativa escassez dos cilindros decorados, face aos lisos, está de acordo com os resultados apresentados por LEISNER (1965, p. 201): dos 199 cilindros inventariados por esta autora, apenas 22 possuem decoração.

### *Cilindros com uma face plana*

MONTEIRO *et al.* (1959, p. 423) descrevem e figuram um cilindro com face plana representado no presente trabalho na Est. 49, nº 1. Trata-se de peça conservada no Museu de Sesimbra, de formato semi-cilíndrico, possuindo um

apêndice na base. A sua parte inferior apresenta-se decorada por conjunto de caneluras paralelas.

Uma outra peça integrável nesta categoria, lisa na parte conservada, foi recolhida na limpeza que precedeu a campanha de 1966.

Este tipo de cilindros com uma zona plana, por vezes de tendência tronco-cónica, são comuns nas necrópoles estremenhas. LEISNER (1965) referencia 11 ocorrências com predominância nas grutas artificiais. A estas haverá de juntar mais duas da gruta sepulcral natural do Correio-Mor (FERREIRA *et al.*, s/d, p. 185), e outra da Anta das Pedras da Granja (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1977).

### *Placas curvas*

O Museu de Sesimbra conserva duas placas curvas de calcário de secção plano-convexa (Fig. 49, nºs 2 e 3). Como estes objectos não são mencionados no estudo de MONTEIRO *et al.* (1959), conclui-se que foram depositados no Museu ulteriormente, talvez em resultado da segunda campanha de escavações realizada na Lapa do Bugio, jamais publicada. Trata-se, tal como as anteriores, de peças de calcário características da zona estremenha. Com efeito, os quatro exemplares referenciados em 1965 por LEISNER provêm todos desta região: Praia das Maçãs (Col. Caetano de Oliveira); Folha das Barradas (gruta artificial); Agualva e Estria (monumentos megalíticos), a que se acresce a recolhida mais recentemente na gruta natural do Correio Mor (FERREIRA *et al.*, s/d, p. 185).

### *Ídolos “pinha”*

O Museu de Sesimbra possui dois objectos que têm sido designados pela maioria dos autores como “pinhas”. Um deles foi estudado no primeiro trabalho consagrado ao Bugio (MONTEIRO *et al.*, 1959, p. 434), onde foi designado por “pinha” ou flor de palmeira”. Está representado na Est. 48, fig. 4; o segundo exemplar (Est. 48, fig. 3) foi recolhido, provavelmente, tal como outros materiais já referidos, na segunda campanha realizada por aqueles autores, como já se disse, jamais publicada. Ulteriormente, um dos autores daquele trabalho (SERRÃO, 1975, p. 212) admitiu que este segundo exemplar fosse a representação do capítulo de uma composta (alcachofra). Desta forma, o ídolo-“pinha” clássico a

que pertence o primeiro exemplar (Est. 47, nº 4) corresponderia à representação de alcachofra em estágio de maturação anterior ao desabrochar. Trata-se de interpretação verosímil, bem documentada pelo autor, e reforçada pelo facto do cardo ou alcachofra ter, desde a época clássica até pelo menos à Idade Média (paramentos religiosos, heráldica, arte religiosa, etc.), tratamento especial, que não será gratuito relacionar, por exemplo, com “o estranho poder” na transformação do leite para a preparação do queijo. MONTEIRO *et al.* (1971) referem um terceiro fragmento que não se referenciou entre o espólio conservado das escavações de 1966. A ocorrência destes objectos, sempre de calcário ou calcário marmóreo é quase exclusiva das necrópoles da Estremadura, facto que acentua o seu carácter votivo. São excepção dois exemplares lisos de Vila Nova de S. Pedro (PAÇO *et al.*, 1945, fig. 4, nº 7 e 8) donde provém, também, uma extremidade de alfinete de osso decorada com a mesma representação (PAÇO, 1945). LEISNER (1965, p. 210) procedeu ao inventário destes objectos, dos quais sete são lisos e seis são decorados, de acordo com o referido estudo.

## Indústria cerâmica

### *Cerâmica lisa*

MONTEIRO *et al.* (1959) mencionam diversas formas de recipientes lisos, semi-esféricos, pratos e vasos “com perfis que lembram tipos peculiares à cultura dolménica” (p. 417). As descrições de ISIDORO (1968) são demasiado imprecisas para que se possam ter em consideração na definição da tipologia dos respectivos exemplares. De acordo com MONTEIRO *et al.* (1971) recolheram-se fragmentos de cerâmica lisa na sep. 1 “uma taça carenada, um fragmento de taça baixa de bordo direito e um fragmento de prato para além de muitos fragmentos de cerâmica lisa variada”; nas sep. 5 e 6 “fragmentos de cerâmica lisa”; na sep. 7 “muitos fragmentos de vários vasos de cerâmica lisa”; na sep. 8 “muitos fragmentos de cerâmica lisa”; na sep. 10 “fragmentos de cerâmica lisa”; no ossário e no esconderijo “fragmentos de cerâmica lisa”, para além do já referido pequeno vaso de cerâmica fina com mamilos perfurados verticalmente. Parte deste material não foi figurado no presente trabalho por não se encontrar entre o material da campanha de escavações de 1966.

Considerando globalmente os fragmentos de cerâmica lisa classificáveis,

provenientes da Lapa do Bugio, estabeleceu-se o seguinte quadro tipológico geral:

pratos de bordo sem espessamento - 7 exemplares  
taças de bordo espessado - 8 exemplares  
taças em calote - 31 exemplares  
esféricos s.l. - 44 exemplares  
carenados s.l. - 13 exemplares  
diversos - 6 exemplares

Há a salientar a pequenez de alguns vasos esféricos, bem como o marcado particularismo de alguns exemplares do grupo dos diversos, como se poderá comprovar pelas ilustrações.

### *Cerâmica decorada*

#### *Cerâmica decorada ante-campaniforme*

*Bordos denteados:* são em número de dois os exemplares existentes no Museu de Sesimbra, pertencentes a taças, uma delas com o bordo espessado exteriormente (Est. 52, nºs 1 e 2). É interessante assinalar que, nos níveis do Neolítico final e do Calcolítico inicial do povoado de Leceia (CARDOSO *et al.*, 1983/84; 1987), os bordos denteados, ao contrário do verificado na presente jazida, são sobretudo característicos dos vasos de bordo em aba.

*Cerâmica incisa:* dentro deste sub-grupo há a considerar os seguintes exemplares:

*Copo* - no Museu de Sesimbra guardam-se fragmentos de copo (MONTEIRO *et al.*, 1959, fig. 3, nºs 3 e 4), com decoração incisa no exterior, constituída por uma faixa de 4 linhas paralelas ao bordo, sobreposta a conjunto de linhas onduladas no bojo. Representa-se na Est. 52, nº 7, um dos três fragmentos ali conservados. Deste mesmo recipiente recolheram-se 5 fragmentos, 3 na sep. 6 e 2 na possível sep. 9 nas escavações de 1966 (Fig. 5, nºs 1 e 2; Fig. 6, nºs 2 e 3, respectivamente); ISIDORO (1968) representa outro fragmento (fig. 1d). Trata-se de recipiente cuja forma geral é semelhante à dos clássicos “copos” do Calcolítico inicial da Estremadura (patente, também, em dois outros fragmentos,

lisos, um recolhido na sep. 8, outro nas operações de limpeza que antecederam as explorações de 1966), mas diferindo destes por possuir decoração obtida por finas linhas incisas e não através das ténues caneluras que caracterizam aqueles. O paralelo mais próximo consiste em recipiente de forma análoga, decorado por linhas em “zig-zag” incisas abaixo do bordo, recolhido na gruta do Cabeço da Ministra - Alcobaça (GONÇALVES, 1978, Fig. 17), igualmente de idade neolítica.

*Vaso tulipiforme* - no ossário escavado em 1966, recolheu-se fragmento de vaso de colo estrangulado decorado a partir deste e até ao fundo (decorado por circunferências concêntricas) por linhas incisas radiadas (Est. 18, nº 9). Trata-se de exemplar para o qual não se encontraram elementos de comparação. No Museu de Sesimbra conserva-se fragmento, de idênticas proporções, do mesmo recipiente, não mencionado por MONTEIRO *et al.* (1959), representado na Est. 52, nº 3.

*Vasos decorados por canelura abaixo do bordo* - este tipo de decoração está representado em materiais recolhidos na limpeza antecedente da escavação de 1966, na sep. 4, na possível sep. 9 e no Museu de Sesimbra.

*Cerâmica impressa*: este grupo encontra-se representado por fragmento de esférico de bordo simples, decorado no exterior por duas faixas verticais de unhas feitas na pasta mole. Conserva-se no Museu de Sesimbra (Est. 52, nº 8).

*Cerâmica com decoração plástica*: no Museu de Sesimbra conserva-se taça de carena alta, exibindo na carena um par de mamilos (Est. 52, nº 9). O espaço entre mamilos e acima destes encontra-se decorado por caneluras verticais muito ténues. Um outro fragmento de taça não carenada de bordo simples conserva-se naquele Museu, possuindo também pequeno mamilo elipsóide junto do bordo (Est. 52, nº 6).

*Cerâmica canelada*: além do exemplar descrito supra, recolheu-se nas operações de limpeza de 1966, um pequeno fragmento com decoração canelada em linhas quase imperceptíveis (Est. 29, nº 3). Nestes trabalhos preliminares que antecederam a escavação, identificaram-se igualmente vários fragmentos de grande taça em calote decorada com caneluras junto do bordo, de onde derivam radialmente outras, a intervalos certos, cerca de 2,5cm. Nove fragmentos do mesmo recipiente conservam-se no Museu de Sesimbra, dos quais dois se encontram figurados na Est. 50, nº 4.

Além dos exemplares descritos, MONTEIRO *et al.* (1971, p. 115) referem “fragmento dum vaso de paredes finas ornamentado por dentro”, da sep. 9 e, da

sep. 10, “um bordo de cerâmica com caneluras”, exemplares que não figuram entre o espólio proveniente das escavações de 1966 a que se teve acesso.

*Vasos com perfurações:* nalguns recipientes observaram-se perfurações realizadas após a cozedura, de secção cónica (um exemplar da sep. 6 figurado na Est. 4, nº 22), ou bicónica (dois exemplares, um recolhido na limpeza de 1966, Est. 29, nº 5, e outro conservado no Museu de Sesimbra, Est. 50, fig. 5), conforme tenham sido realizadas do exterior para o interior ou em ambos os sentidos. Correspondem, em geral, a recipientes de grandes dimensões. Deve ainda ser mencionado um pequeno vaso esférico com mamilos perfurados de secção cilíndrica, proveniente do esconderijo (Est. 20, nº 31), bem como um fragmento com mamilo perfurado, de idêntica forma, conservado no Museu de Sesimbra (Est. 49, nº 1).

### *Cerâmica decorada campaniforme*

MONTEIRO *et al.* (1959, fig. 4) representam 6 fragmentos de recipientes campaniformes, alguns dos quais não se encontram actualmente entre o espólio do Museu de Sesimbra. Por outro lado, desenharam-se fragmentos não mencionados no trabalho referido, conservados naquela instituição. Merece referência especial a taça figurada na Est. 54, nº 1, por possuir uma aplicação de pasta branca preenchendo as linhas incisas.

ISIDORO (1968, p. 352) refere 5 fragmentos campaniformes. Dos exemplares figurados, o da fig. 5 corresponde a uma taça de Palmela, de que se conserva fragmento no Museu de Sesimbra com decoração incisa no bordo e na face exterior (Est. 54, nº 2). O da fig. 7a é, de acordo com as palavras do autor, uma tigela decorada exteriormente por bandas incisas; o da fig. 7b, é um fragmento de caçoila acampanada com decoração incisa da qual se conserva também um grande fragmento no Museu de Sesimbra (Est. 53, nº 4), além de dois fragmentos de menores dimensões pertencentes ao mesmo vaso dos quais se representa um (Est. 53, nº 3). O Museu de Sesimbra possui, ainda, dois fragmentos de vaso com decoração incisa representados conjuntamente na Est. 53, nº 5 bem como fragmento de caçoila com decoração linear pontilhada, representada na Est. 54, nº 5.

Na campanha de 1966 recolheram-se os seguintes fragmentos de recipientes campaniformes:

- na sep. 1 uma taça em calote e um fragmento de caçoila, ambos com decoração incisa (Est. 54, nº 3 e Est. 53, nº 1, respectivamente);

- na sep. 4 um fragmento de taça campaniforme, outro de vaso, com decoração incisa; o primeiro não se encontrou entre o espólio agora estudado; o segundo possui decoração incisa no exterior, encontrando-se representado conjuntamente com fragmento recolhido na sep. 5, para além de dois outros, já mencionados, do Museu de Sesimbra, na Est. 53, nº 5.

- na sep. 9, dois fragmentos de caçoila que não se localizaram presentemente entre o espólio.

- no ossário, fragmento de caçoila (Est. 53, nº 2). Do mesmo recipiente identificou-se um fragmento na sep. 1 e três outros no Museu de Sesimbra, já referidos, para além do figurado por ISIDORO (*idem, ibidem*), já referido também.

Na limpeza que antecedeu a realização dos trabalhos de 1966 recolheu-se um pequeno fragmento que poderá pertencer ao mesmo recipiente (Est. 54, nº 4).

Do que atrás ficou dito, uma conclusão imediata é a dispersão acentuada de fragmentos da mesma peça pelo recinto sepulcral que, nalguns casos, se encontram repartidos pelos conjuntos recolhidos nas sucessivas escavações realizadas, facto que comprova a existência de remeximentos na camada arqueológica.

Procurando determinar o número mínimo de exemplares de recipientes campaniformes recolhidos, incluindo os não observados, mas referidos e figurados pelos diversos autores teremos:

a) *recipientes com decoração incisa*

taça de tipo Palmela - 1

taça de bordo espessado - 1

taça em calote - 1

vaso campaniforme - 1

caçoila - 1

A este número há ainda a acrescentar uma taça quase completa representada por ISIDORO (1968, Est. IV, fig. 7a), de perfil desconhecido, e uma taça em calote ou esférico, figurada por MONTEIRO *et al.* (1959, fig. 4, nº 2), não

identificada entre o espólio actualmente conservado no Museu de Sesimbra.

- b) *recipientes com decoração pontilhada ou linear-pontilhada*  
caçoila - 1  
vaso campaniforme - 1 (figurado em MONTEIRO *et al.* (1959, fig. 4, nº 2), mas que não consta entre os materiais existentes no Museu de Sesimbra).

Trata-se de conjunto relativamente reduzido face à profusão de materiais arqueológicos recolhidos. A dispersão de fragmentos dos mesmos vasos por diferentes sepulturas, facto bem documentado na escavação de 1966, é indício de que se trata de materiais depositados ulteriormente à construção daquelas, os primeiros a sofrerem acções de remeximento, por se situarem nos níveis mais superficiais do depósito arqueológico.

### **Matéria-prima utilizada na cerâmica**

Com o intuito de procurar estabelecer as características das pastas cerâmicas e, com base nelas, de definir eventualmente a origem da matéria-prima, procedeu-se à análise, em lâmina delgada, de 10 fragmentos lisos recolhidos nas operações de limpeza que antecederam as escavações de 1966. Os resultados obtidos apresentam-se de seguida:

#### ***BA - Taça em calote decorada exteriormente por caneluras***

Este fragmento pertence ao mesmo recipiente que os fragmentos representados na Est. 50, nº 4. Dimensões da amostra: 5 x 7 cm; espessura 8 mm; de cor cinzenta escura no interior e avermelhadas as duas faces interna e externa; grãos abundantes observáveis a olho nu.

Ao microscópio verifica-se que este material é constituído por uma matriz ou pasta argilosa, muito impura, de cor dominante castanha-amarelada ou amarela acastanhada (em luz natural) que passa a avermelhada sanguínea nas proximidades das faces interna e externa por efeito da oxidação dos elementos ferrosos e ferromagnesianos incluídos na matriz. Este material plástico engloba numerosos grãos sub-rolados e angulosos de dimensões muito variadas, desde

algumas décimas de milímetro de diâmetro médio, até 2 ou 3 mm. São areias de quartzo e de feldspatos, estes em grande parte representados por plagioclase predominantemente sódica. Esta cerâmica parece ser muito porosa, dada a profusão de espaços vazios observados.

#### ***BB - Esférico de bordo simples*** (Fot. 7 e 8)

Dimensões da amostra: 5 x 8 cm; espessura 7 mm; de cor acastanhada clara, ligeiramente avermelhada nas faces interna e externa.

O exame da lâmina delgada revela material argiloso de cor castanha amarelada, que junto das faces sofreu rubefacção moderada. Os grãos incluídos nesta matriz são abundantes mas de dimensões inferiores a 1 mm de diâmetro médio. Predomina uma anfíbola do grupo da hornblenda parcialmente descorada pela cozedura; observam-se palhetas de biotite e plagioclase de composição próxima do labrador, em grãos numerosos, que não teriam sofrido grande transporte pelas águas.

#### ***BC - Taça em calote***

Dimensões da amostra: 8,5 x 2,5 cm; espessura 7 mm; de cor acinzentada no interior e faces avermelhadas; contém grãos visíveis, embora sejam finos. A matriz, observada em lâmina, aparece avermelhada junto das faces mas este sinal de oxidação é também patente no interior, embora em termos menos acentuados.

Os grãos constituem areia fina de diâmetros inferiores a 1 mm e são, como é regra nestas amostras, de quartzo, ortose e alguma plagioclase sódica, de contornos arredondados, sub-arredondados e angulosos.

#### ***BD - Prato de bordo sem espessamento***

Dimensões da amostra: 4 x 3 cm; espessura 6mm; de cor acinzentada com uma das faces rubefactada; pontuações esbranquiçadas de grãos finos.

A massa plástica vista ao microscópio (luz natural) mostra sinais de rubefacção atingindo grande parte da preparação. Os grãos, com dimensões variadas, são geralmente finos, inferiores a 1 mm de diâmetro mas alguns deles chegam ao dobro desta medida. A maioria não revela rolamento; os contornos são

angulosos. Os minerais da fracção granular continuam a ser o quartzo, plagioclase ácida e microclina, mas neste exemplar existe também calcário microcristalino cujos grãos se podem considerar frequentes.

***BE - Esférico de bordo simples (Fot. 9 e 10)***

Dimensões da amostra: 5 x 4 cm; espessura 1 cm; de cor castanha escura uniforme com pontuações esbranquiçadas de grãos finos e médios. No exame ao microscópio vê-se uma pasta ou matriz abundante, em grande parte rubefactada, por oxidação, mas de baixo grau. Os grãos englobados, angulosos e sub-rolados, são principalmente quartzosos, aos quais se associam com frequência os de calcário, tal como sucede na amostra anterior (BD). A porosidade desta cerâmica não parece ser muito evidente.

***BF - Taça em calote***

Dimensões da amostra: 6,5 x 3,5 cm; espessura 6 mm; de cor cinzenta, no interior, com as faces rubefactadas formando películas com a espessura de cerca de 1 mm, interna e externamente. Grãos abundantes.

A observação da lâmina revela matriz castanha-avermelhada no interior e avermelhada nas duas faces. A oxidação nesta peça afigura-se ter sido intensa tendo atingido grande parte do material argiloso. Os grãos inclusos são principalmente quartzosos e alguns de feldspato potássico (microclina). São areias finas mas alguns dos grãos ultrapassam 1mm de diâmetro.

***BG - Taça em calote***

Dimensões do fragmento: 5 x 2,5 cm; espessura 9 mm; de cor castanha escura, com a superfície externa avermelhada. Não se vêem grãos. O microscópio revela matriz que parece ser escassa, castanha-avermelhada, com uma face rubefactada.

Os grânulos angulosos são em geral de dimensões de 0,2 a 0,3 mm sendo raros os que ultrapassam esta medida. O quartzo é o mineral mais frequente, mas também existe feldspato em quantidade discreta. Esta cerâmica parece ser extremamente porosa.

### *BH - Pequeno esférico de bordo simples*

Dimensões da amostra: 1,8 x 1,5 cm; espessura 4 mm; de cor castanha rosada uniforme. Neste exame não se notou a presença de grãos arenosos. Na lâmina delgada, a matriz argilosa é amarela-acastanhada com rubefacção apenas pontual mas frequente e bem distribuída por toda a pasta, pelo que a coloração geral é levemente avermelhada, sintomática de oxidação pouco activa. Os grãos incluídos na argila, em regra angulosos e alguns (sub-rolados), são de pequenas dimensões, inferiores a 1mm de diâmetro médio. Predomina o quartzo ao qual se associa algum feldspato alcalino. Parece ser muito porosa.

### *BI - Taça em calote*

Dimensões da amostra: 4 x 3 cm; espessura 8 mm; de cor castanha com uma das faces róseo-avermelhada. Muitos grãos arenosos de dimensões variadas. O microscópio patenteia uma pasta argilosa abundante vermelha-acastanhada (sanguínea), distribuída quase uniformemente por toda a preparação examinada, dando à cerâmica o aspecto de oxidação generalizada.

Os grãos incorporados na matriz variam desde poucas décimas de milímetro até pouco acima de 1,5 mm de diâmetro médio. Acusam, pelo rolamento, os efeitos de longo transporte. O quartzo e os feldspatos alcalinos (albite e anortite) são os minerais destas areias.

### *BJ - Taça em calote (mesmo exemplar de BA - Fot. 11 e 12)*

Dimensões da amostra: 3,5 x 2 cm; espessura 8 mm; de cor cinzenta escura no interior, com as duas faces róseo-avermelhadas. Grãos visíveis. O exame óptico da lâmina delgada revela matriz de cor castanha a castanha-avermelhada que frequentemente se mostra castanha escura; além disso, acusa textura fluidal evidente. Estas duas particularidades distinguem a amostra BJ de todas as restantes sugerindo que a cozedura na região do recipiente considerada não teria atingido o mesmo grau de temperatura.

A rubefacção das faces assinalada no exame macroscópico da amostra

revela-se pouco acentuada na lâmina delgada. Além disso, os grãos englobados na pasta são os mais grosseiros chegando a atingir 2 a 3mm de diâmetro com sinais evidentes de rolamento. Estes elementos granulosos são essencialmente de quartzo, aos quais se associam, como é usual nestas amostras, feldspatos alcalinos.

### *Tentativa interpretativa*

Partindo do princípio que as amostras examinadas são representativas da cerâmica colhida nesta estação, serão sugeridas algumas conclusões baseadas apenas na granulometria e natureza mineralógica dos elementos não plásticos englobados na matriz argilosa. A fracção argilosa desta cerâmica encontra-se misturada com grânulos minúsculos e partículas lamelares finíssimas de minerais ferrosos e ferro magnesianos assim como outros elementos estranhos.

Por outro lado, os grãos arenosos englobados nesta matriz plástica formam como que uma rede de malhas variadas conforme as dimensões dos minerais granulares.

O quartzo e os feldspatos alcalinos são os elementos mais vulgares destes grãos mas existem, nalgumas peças, outros minerais ou rochas, como sejam: calcário, anfíbola do grupo da hornblenda, biotite, bem como plagioclases, predominantemente cálcicas (labrador). O zircão é raro.

Se a natureza do material granuloso associado à matriz argilosa pode, com alguma credibilidade, denunciar a proveniência da respectiva peça de cerâmica, dir-se-ia que a maioria das amostras observadas, excepto três - BB, BD e BE - não parecem ter sido fabricadas nas proximidades imediatas do local onde foram colhidas mas poderiam, talvez, provir de qualquer outro, nas vizinhanças do rio Sado, a montante da foz.

As amostras BD e BE, com grãos de calcário, material pouco resistente ao transporte pelas águas, podem corresponder a peças preparadas próximo, sendo provável que este material tenha sido intencionalmente adicionado.

A amostra referenciada como BB difere de todas as restantes, dada a abundância de grãos de anfíbola, ausência dos de quartzo e presença de plagioclase cálcica, igualmente granular. Este material arenoso parece ser integralmente originário de qualquer rocha básica das vizinhanças. Na realidade, existem

rochas ígneas com estas características, por exemplo teschenitos na encosta Sul da Arrábida junto de Sesimbra (ASSUNÇÃO, 1965).

A temperatura e demais condições da cozedura destas cerâmicas teriam sido diferentes. Nalgumas, a atmosfera teria sido mais oxidante do que noutras e daí a rubefacção em maior ou menor grau revelada nas amostras.

Por último, o grau de porosidade parece revelar-se diferenciado nas dez amostras observadas.

### **Fauna malacológica e mamalógica**

Além dos elementos faunísticos utilizados nos adornos e nos artefactos ósseos foram recolhidos os seguintes restos:

#### ***Fauna de vertebrados***

Os restos de vertebrados terrestres mostram a seguinte distribuição: na sep. 6, sep. 8, na poss. sep. 9, sep. 10 e ossário foram recolhidos fragmentos de defesa de javali (*Sus scrofa*). O Museu de Sesimbra possui um outro exemplar. Na poss. sep. 9 recolheu-se um 3º molar de ovelha (*Ovis* sp.) ou cabra (*Capra* sp.); a poss. sep. 9 forneceu restos de coelho (*Oryctolagus cuniculus*). O ossário continha igualmente restos de roedores não identificáveis. Dos vertebrados marinhos citam-se restos de peixes na sep. 8, na poss. sep. 9 e no ossário, vértebras, um dente de *Teleostomidae* e uma espinha causal de raia.

#### ***Fauna malacológica***

Foram recolhidos os seguintes restos: uma valva juvenil de berbigão (*Cerastoderma edule*) na sep. 2; fragmentos de valvas de vieira (*Pecten maximus*) nas sep. 4, poss. sep. 9 e no esconderijo; uma pequena valva de mexilhão (*Mytilus* sp.) de indivíduo jovem e outra da espécie *galloprovincialis*, respectivamente na sep. 4 e sep. 10; duas valvas de ameijoia (*Ruditapes decussatus*) na sep. 8 e no esconderijo, respectivamente; uma valva de *Cardium norvegicum* na mesma

sep.; uma concha de lapa (*Patella* sp.) proveniente do esconderijo; por fim, uma concha de *Balanus* sp. na poss. sep. 9. Conchas de caracóis terrestres foram recolhidas nas sep. 7, poss. sep. 9 e na limpeza de 1966.

O conjunto de restos faunísticos recolhidos indica a existência de possíveis deposições votivas de alimentos, conforme parecem indicar os restos de ovelha ou cabra, de peixes e de moluscos comestíveis. Neste grupo, a presença da pequena valva de mexilhão recolhida na sep. 4, sem interesse comestível, explicar-se-à por ter estado presa a outra maior, aquando da deposição. Da mesma forma, se compreende o aparecimento do pequeno crustáceo *Balanus* sp. na poss. sep. 9, a menos que se admita a presença de camas de algas às quais estas espécies estariam fixadas, sobre as quais se depositariam os cadáveres.

A escassez de restos alimentares, atendendo ao elevado número de sepulturas, parece indicar que a prática de deposição de alimentos junto do morto não seria frequente.

Os restos de coelho e os caracóis poderiam ter penetrado naturalmente na cavidade pelo que não se considera significativa a sua presença.

A relativa abundância de defesas de javali encontradas, por oposição à escassez de restos de outros animais de grande porte, e mesmo de peças ósseas do esqueleto daquele animal, vem mostrar que a sua presença se deve ao seu valor intrínseco, devendo ser consideradas peças de prestígio e de adorno e não vestígios da alimentação depositada na cavidade.

### Macrorrestos vegetais

Foi observado no Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da U.N.L. uma amostra de carvões, conservados numa pequena caixa, recolhidos na campanha de 1966. Os carvões foram observados:

- à lupa binocular e ao microscópio metalográfico, em fractura recente;
- em superfícies polidas observadas ao microscópio metalográfico após inclusão em montagem resinosa.

Identificou-se apenas o género *Pinus* sp. que corresponde a todos os fragmentos observados (ca . 6).

## CONCLUSÕES

### Localização e trabalhos realizados

A Lapa do Bugio abre-se na parte superior de escarpa calcária jurássica da encosta Sul da Serra da Arrábida, com declive superior a 25% e na proximidade do limite da superfície de abrasão que ocupa o topo da serra. Do ponto de vista florístico a área de implantação da gruta é caracterizada, de acordo com a carta de vegetação potencial (S.E.A. 1980), pelo matagal xerofítico dominado pelo *Juniperus phoenicia* (Sabina da praia), *Pistacia lentiscus* (Trovisco fêmea) e *Quercus coccifera* (Carrasco). A diferença entre a média das temperaturas máxima de estio e mínima de inverno é de 15° a 17,5° centígrados e a precipitação média é da ordem dos 900 a 1050mm. Está incluída em área de protecção total (S.E.A. 1980), “pela sua natureza geológica, arqueológica, histórica, paisagística, florística e faunística”.

As escavações efectuadas na Lapa do Bugio em 1966 confirmaram a existência duma importante necrópole pré-histórica, constituída por dez sepulturas individuais, por vezes delimitadas por lajes calcárias. Foi ainda escavado um ossário e um esconderijo, este essencialmente constituído por um conjunto de materiais de pedra polida e por um vaso, depositados no fundo de cavidade, ainda encontrados em posição ritual.

No final dos trabalhos a gruta encontrava-se esvaziada, exceptuando-se um testemunho conservado do lado leste da entrada, que entretanto desapareceu. O corte estratigráfico então realizado veio revelar a existência de apenas uma camada arqueológica, contendo as sepulturas.

A intervenção de 1966, foi antecedida de outras, além de verdadeiras pilhagens de material. A interpretação una e global dos resultados que uma escavação metódica propiciaria ficou, assim, irremediavelmente perdida. Resta o estudos dos materiais recolhidos nas escavações de 1966, da responsabilidade de G. Zbyszewski, O. da Veiga Ferreira e Rafael Monteiro e do das efectuadas por Rafael Monteiro e E. da Cunha Serrão no final da década de 1950, parcialmente conservado no Museu de Sesimbra. O material das colecções da Faculdade de Ciências do Porto foi figurado na sua maior parte por A. Isidoro, não se tendo considerado de especial interesse a sua rerepresentação.

Neste trabalho procedeu-se ao estudo global dos materiais provenientes das escavações de 1966 bem como dos actualmente conservados no Museu de Sesimbra.

### **Estrutura dos enterramentos e ritual funerário**

Os enterramentos encontrar-se-iam perfeitamente individualizados, facto que deve ser realçado. Com efeito, são escassos os elementos que apontam para este tipo de enterramento em grutas naturais no Neolítico final - Calcolítico inicial, época em que estes se integram. Neste caso poderá, talvez, contar-se a Lapa da Galinha (SÁ 1959). A escavação desta necrópole em gruta natural do concelho de Alcanena foi realizada no princípio do Séc. XX por F.A.PEREIRA (1908). De acordo com M.C.Sá, Alves Pereira chamou sepultura ao conjunto de um crâneo e alguns ossos. Classificou cerca de 61 sepulturas (SÁ, 1959, p. 118), encontrando-se “os crâneos espalhados na gruta pelas cavidades e saliências”. Mais evocativo é o exemplo apontado por ROCHA (1899-1903) na caverna de Alqueves (Coimbra), provavelmente neolítica, onde deparou com sepulturas individuais definidas por ortostatos.

Outra gruta natural contendo uma sepultura perfeitamente individualizada é a da Ponte da Laje (VAULTIER *et al.*, 1959). O esqueleto encontrava-se estendido, aproveitando uma pequena anfractuosidade da parede lateral direita da entrada da gruta; do lado oposto, a sepultura encontrava-se definida por “uma pequena parede com blocos de calcário de pequenas dimensões” (*idem*, p. 112). Este enterramento poderá ser atribuído ao Neolítico final, de acordo com o espólio recolhido.

A existência de sepulturas individuais no Neolítico antigo evolucionado e médio da Estremadura não está ainda suficientemente esclarecida. Na gruta do Escoural reconheceu-se a existência de sepulturas individuais em fossa, do Neolítico médio (SANTOS, 1971); outro exemplo, este do Neolítico recente / final, é o da gruta das Salemas (CASTRO *et al.*, 1972). O mesmo se verifica na Lapa da Bugalheira (PAÇO *et al.*, 1971), embora a idade das sepulturas não tenha sido determinada em pormenor (neolíticas ou calcolíticas). Atente-se, ainda, no facto de, em alguns sepulcros megalíticos, grutas artificiais e sepulturas de falsa cúpula, se ter encontrado rudimentos de divisórias ou septos interiores destinados

a separar as diversas deposições funerárias. foram compulsados os seguintes casos:

*Antas* - Anta Grande do Zambujeiro (informação verbal de C.T. da Silva, responsável pelas escavações, que muito agradecemos).

*Grutas artificiais* - Folha das Barradas. Neste monumento a câmara estava repartida em compartimentos limitados por septos (RIBEIRO, 1880, p. 79-80)

*Monumentos de falsa cúpula* - Marcela (VEIGA, 1886, Est. XII, p. 259): “a cripta no quadrante de Sueste manifestou três compartimentos forrados por lajes toscas cravadas no solo mas pouco elevadas”. Monumento I do Monte Velho (VIANA *et al.*, 1959, fig. 1, nº 2 e VIANA *et al.*, 1961, p. 485, fig. 3, nº 8). Do lado esquerdo da câmara encontrou-se uma divisória rectangular encostada à parede lateral constituída por quatro lajes postas verticalmente, assentes sobre o chão lajeado da câmara.

Na região de Los Millares e Huelva conhecem-se, também, vários exemplos de túmulos de falsa cúpula com divisórias interiores (LEISNER, 1943).

Semelhante função teriam as lajes postas no chão de certos monumentos como em Arrifana (VEIGA, 1885, fig. 56, p. 246-247). Neste monumento de falsa cúpula, o pavimento da cripta era calçado de pedra miúda. No meio da calçada assentava uma laje lisa de xisto, sobre a qual jaziam alguns fragmentos ósseos, pedaços de louça, uma ponta (“frecha”) de sílex e uma lasca de osso furada e ponteaguda “deixando perceber que sobre aquela reservada superfície tinham sido depositadas algumas relíquias humanas de maior veneração”. Leite de VASCONCELOS menciona outro exemplo em uma Anta de Trás-os-Montes (1897, p. 248).

O ossário identificado em 1966, foi descrito como um recinto pequeno e fundo revestido a toda a volta por grossas pedras, um verdadeiro amontoado de ossos humanos e materiais (MONTEIRO *et al.*, 1971, p. 109). Esta estrutura, bem como as presumivelmente destruídas nas explorações anteriores, têm, igualmente, diversos paralelos. Um deles encontra-se na Gruta da Furninha de acordo com as observações recolhidas por DELGADO (1884): a fragmentação de ossos humanos por oposição aos dos animais que os acompanhavam (p. 215 a 223) constituía

indício, para o autor, de que os corpos não entravam inteiros na gruta mas já esquartejados (p. 222). Tais observações encontraram-se corroboradas por outras, de acordo com o referido por aquele autor (Casa da Moura, Lapa Furada e outras grutas de Cesareda), no respeitante ao estado fragmentário dos ossos.

Um dos paralelos mais sugestivos é o da vizinha Lapa do Fumo: para o horizonte B, atribuível ao Neolítico recente/final (SERRÃO *et al.*, 1971, p. 135-137), descreve-se o ritual que presidiu à deposição dos restos humanos, que constituíam verdadeiro ossário.

Outros paralelos encontram-se no ossário, igualmente do Neolítico final, da Gruta da Feteira (ZILHÃO, 1984, p. 30) e no da Gruta dos Ossos, de cronologia ainda mal conhecida (OOSTERBEEK, 1987). Este apresenta a particularidade de revelar arrumação dos ossos, de acordo com o seu tamanho.

Em conclusão, as sepulturas individualizadas da Lapa do Bugio bem como o ossário, funcionando este como depósito secundário, são testemunhos importantes das práticas funerárias na Estremadura no Neolítico recente/final como mostra a sua similitude com outras jazidas que se integram neste período. Outro aspecto destas práticas diz respeito à presença de ocre vermelho de que foi desenhado um pequeno fragmento na poss. sep. 9; MONTEIRO *et al.* (1971) referem outros fragmentos na sep. 3 (2), sep. 8(1), sep. 9(1) e no ossário (um fragmento de almagre e outro de ocre), que não fígam entre o espólio agora estudado.

Também a enxó representada na Est. 26, nº 17, recolhida nos trabalhos de limpeza que antecederam as escavações de 1966, apresenta vestígios de pintura a ocre, que originalmente cobria a totalidade de ambas as faces.

A utilização ritual do ocre vermelho foi, igualmente, documentada na Lapa do Fumo: o ossário ali escavado foi polvilhado, no final das cerimónias que presidiram à sua deposição, com ocre vermelho (SERRÃO *et al.*, 1971, p. 136-137).

A pintura dos materiais líticos de pedra polida encontra-se, igualmente, documentada num objecto de pedra polida ainda não publicado proveniente de monumento megalítico dos arredores de Lisboa que, tal como o da presente estação, remonta ao Neolítico recente/final.

## Enquadramento cronológico-cultural

Em trabalho anterior dedicado ao estudo preliminar da jazida (MONTEIRO *et al.*, 1971, p. 117) os autores consideram extraordinário o aparecimento de objectos de metal. O estudo exaustivo do espólio agora realizado, veio mostrar, com efeito, a predominância de materiais do Neolítico recente / final, que constituem conjunto homogéneo e compatível com as associações definidas na região estremenha. Deste período, consideram-se característicos os seguintes elementos: as pontas de seta apresentam base frequentemente pedunculada, convexa ou recta, e embora coexistindo com pontas de seta de base côncava, estão ausentes as mitriformes. São abundantes as peças microlíticas: triângulos, trapézios, lamelas e “encoches”. As grandes lâminas, ou não se apresentam retocadas, ou são-no apenas junto do gume. conforme já se afirmou em trabalho anterior (CARDOSO, 1980); as indústrias microlíticas são, dum modo geral, escassas nos povoados calcolíticos estremenhos (SPINDLER *et al.*, 1970), o mesmo se observando nas sepulturas de falsa cúpula daquela região (GALLAY *et al.*, 1973), Pelo contrário, abundam em grutas naturais (Cascais, Cova da Moura, Galinha, etc.) e artificiais (Alapraia, Palmela, Carenque) e no Alentejo, nas antas de espólio neolítico ou de transição (LEISNER, 1951) da região de Reguengos e de Montemor.

Os machados possuem secção ovalada ou quadrangular-rectangular, sendo mais frequentes os primeiros, apenas com os gumes polidos e a superfície restante picotada. As enxós, semelhantes às de outras jazidas do Neolítico recente/final, ocorrem em número importante. A associação do machado de secção ovalada ou quadrangular à enxó espalmada, totalmente polida foi já salientada em trabalho anterior (CARDOSO, 1980). Tal associação foi comprovada nas grutas naturais das Salemas - nível neolítico (CASTRO *et al.*, 1972), da Cova da Moura (BELO *et al.*, 1961), de Cascais (PAÇO *et al.*, 1959) e da Galinha (SÁ, 1959), nas grutas artificiais de Palmela (LEISNER *et al.*, 1961) e na Gruta II de S. Pedro do Estoril (LEISNER *et al.*, 1964). Já nos povoados calcolíticos estremenhos, onde predomina o machado rectangular, o número de enxós é mais reduzido, como explicitamente é referido em Vila Nova de S. Pedro (PAÇO *et al.*, 1945). Tal facto foi sublinhado, igualmente, pelos Leisner no Alentejo: nas zonas onde prevalece o machado de secção rectangular, como nas Antas de Évora, Montemor, Pavia e Nisa, escasseiam as enxós. Pelo contrário, nas Antas de Reguengos, que exploraram, recolheram

vinte e oito machados cilíndricos e dezoito enxós (LEISNER, 1951).

Nos elementos de adorno, são bons indicadores da idade neolítica recente/final os alfinetes de cabeça postiça, canelada ou lisa. Tais objectos ocorrem em número significativo na câmara ocidental do Monumento da Praia das Maças, mas não no *tholos*, a ela geminado. Conhecem-se em monumentos megalíticos dos arredores de Lisboa, grutas naturais e artificiais. Muito mais raramente, referenciaram-se em monumentos calcolíticos: *tholoi* de Barro (LEISNER, 1965, Bd.1, tf.1, nº 19) e Nora (LEISNER, 1943, tf. 73, 1, nº 41). Aos alfinetes de cabeça postiça, podem somar-se as contas discóides de xisto e de azeviche encontradas em estrato selado da vizinha Lapa do Fumo datado de  $3090 \pm 160$  a.C. (SERRÃO 1978). As contas, em geral, são elementos de diferenciação cronológica duvidosa. Cita-se o exemplo das contas de minerais verdes, que aparecem em contextos desde o Neolítico recente/final até, pelo menos, o período campaniforme.

As placas de xisto, muito bem representadas no Bugio, são outro elemento importante para a periodização da jazida. A ocorrência de placas de xisto na orla ocidental deve ser encarada, até pela natureza da matéria prima em que são executadas, como contribuição do interior alentejano durante o Neolítico recente/final. Uma das jazidas de maior interesse pela proximidade com o Bugio, é a já referida Lapa do Fumo, onde um conjunto selado, constituído por placas de xisto, micrólitos e cerâmica lisa foi datado, como já se disse, em  $3090 \pm 160$  a.C. (SERRÃO *et al.*, 1971). A sua sobrevivência no Calcólítico encontra-se, porém, demonstrada na mesma região, conforme o mostra o exemplar proveniente do povoado do Calcólítico inicial do Pedrão (SOARES *et al.*, 1975). Deve ser realçada a placa com representação do ídolo almeriense (Est. 19, nº 2) pelas implicações cronológicas e culturais que daí advêm.

Às placas de xisto somam-se as duas estatuetas de coelhos geminados cujo paralelo mais próximo se encontrou na já mencionada camada neolítica da Lapa do Fumo (SERRÃO *et al.*, 1971) embora este exemplar represente animal isolado. A ocorrência destas estatuetas predomina nas grutas naturais da Estremadura.

A cerâmica recolhida no Bugio é, na sua grande maioria, lisa. As formas lisas correspondem, predominantemente, a recipientes esféricos, taças em calote e carenadas, tal como as recolhidas na camada neolítica da Lapa do Fumo estreitamente afim da cultura dolménica alentejana (SERRÃO, 1978).

Das formas decoradas, muito escassas, há uma que, nas jazidas estremenhas

é característica do Neolítico final: trata-se dos recipientes de bordos denteados. No Neolítico final abundam recipientes com bordo em forma de aba extrovertida, apresentando-se denteados na face externa do lábio; raramente o são na parte superior, diferenciando-se, por esta característica, de exemplares mais recentes, pertencentes ao Bronze Final. Os bordos denteados serão coevos, no Bugio, de esférico com decoração unguiforme impressa em faixas verticais, de tradição mais antiga. Também um “copo” com decoração incisa em “zig-zag” tem paralelo em recipiente análogo, de gruta alcobacense (GONÇALVES, 1978) com espólio neolítico.

Todos os elementos referidos até agora podem definir, em conjunto, a primeira utilização da gruta como necrópole. Esta ocupação corresponde, pois, ao Neolítico recente/final, e foi datada pelo carbono 14. A datação obtida foi originalmente entendida como interessando ao período campaniforme, visto a sepultura onde a amostra foi recolhida conter fragmentos desta cerâmica (MONTEIRO *et al.*, 1971). A análise deu: GrN-5628-Lapa do Bugio -  $4850 \pm 45$  B.P. =  $2800 \pm 45$  a.C. (VOGUEL, *in* SOARES *et al.*, 1984).

A um segundo período de ocupação do Bugio, remontando ao Calcolítico inicial-pleno, podem atribuir-se, especialmente, os seguintes materiais:

*Objectos de carácter utilitário* - recipiente de osso com decoração reticulada na face externa;

*Objectos com significado mágico-religioso* - cilindros, semi-cilindros, “pinhas”, ídolos tronco-cónicos e placas arqueadas de calcário, ídolos de gola de osso e de marfim.

Note-se que estes produtos se encontram reportados e sepulturas que oferecem, sem excepção, materiais atribuídos sem dificuldade ao Neolítico final.

No Museu de Sesimbra guarda-se um numeroso conjunto de materiais do Calcolítico sobejamente referidos, e diversos ídolos de gola, cujas associações, todavia, se desconhecem. A integração destes materiais calcolíticos no conjunto do espólio do Bugio poderá ser considerada de duas maneiras:

Admitindo a sua associação aos materiais neolíticos, caracterizados anteriormente; neste caso, teríamos um único momento, já calcolítico, para as tumulações, embora com uma componente neolítica ainda dominante, não só ao nível dos objectos do quotidiano, mas também no respeitante às concepções ideológico-religiosas: veja-se a abundância das placas de xisto, aliás bem

documentadas em sepulcros alentejanos calcolíticos como o *tholos* do Escoural (SANTOS *et al.*, 1969);

Admitindo que representem um segundo momento de tumulações, que as sucessivas escavações ali realizadas não diferenciaram do primeiro momento. A reforçar esta hipótese, em detrimento da anterior, há a considerar os seguintes argumentos:

1- A datação obtida por 14C:  $2800 \pm 45$  a.C. parece ser compatível com a cronologia do final do Neolítico na Estremadura. Recentemente, tal período foi datado no povoado de Leceia, com base em três análises de 14C, indicando meados do III milénio a.C. (datações não calibradas); tais datações, conjuntamente com a obtida na Lapa do Fumo, enquadram por defeito e por excesso, respectivamente, a obtida na presente jazida.

O Zambujal ofereceu, como datas de 14C mais antigas,  $2250 \pm 40$  a.C. (GrN-7009) e  $2220 \pm 55$  a.C. (GrN-6671), mas estes valores dizem respeito apenas à 2ª fase das construções defensivas, tendo ficado por datar as fases 1a, 1b e 1c. Os escavadores deste povoado admitem, contudo, que o início da ocupação do Zambujal se tenha verificado por volta de 2400 a.C..

De notar que a construção da muralha mais antiga do Monte da Tumba, povoado integrável no Calcolítico do Sudoeste, foi datada de  $2590 \pm 90$  a.C. (Ugra-172) (SILVA *et al.*, 1985). Por outro lado, o Neolítico final com taça carenada foi datado pelo rádio-carbono no Possanco (fase Comporta III) em  $2320 \pm 50$  a.C. (CSIC-633) (SILVA *et al.*, 1986).

Estes valores apontam para uma longevidade do Neolítico final nas comunidades costeiras do litoral, ao mesmo tempo que o Calcolítico só fazia a sua aparição, na Estremadura e no Alentejo, por meados do III milénio a.C..

2- MONTEIRO *et al.* (1959) declaram ter observado uma distribuição diferenciada dos objectos calcários por eles encontrados - os conservados no Museu de Sesimbra - relativamente às placas de xisto: “torna-se evidente que, nos locais onde há agrupamentos de ídolos de calcário, escasseiam, poderíamos dizer faltam, as placas de ardósia e vice-versa” (p. 414). Com base nesta observação, concluem pela existência de “inumações de populações de culturas diferentes em locais diferentes” (p. 415).

3- Por último, a aparente mistura de materiais neolíticos e calcolíticos explica-se, sem dificuldade, pelos intensos remeximentos na necrópole devidos a depredações clandestinas e às condições deficientes em que as sucessivas campanhas de escavação foram realizadas. Tais remeximentos encontram-se particularmente bem demonstrados pela dispersão de fragmentos de cerâmicas campaniformes.

Em conclusão, os três argumentos apresentados são decisivos na opção pela segunda das hipóteses, isto é, pela existência de um primeiro momento de tumulações, plenamente neolítico, seguido de outro, já calcolítico (inicial?).

O terceiro e último momento de tumulações na Lapa do Bugio ocorreu no Calcolítico superior, definido na Estremadura pelo aparecimento da cerâmica campaniforme. Não obstante o escasso número de exemplares representados, o elevado grau de dispersão dos respectivos fragmentos motivou, por certo, a excessiva importância a eles atribuída e a redução abusiva da idade da jazida apenas a este período (MONTEIRO *et al.*, 1971; ZILHÃO, 1985, Quadro II). De facto, a escassez e heterogeneidade do material recolhido, mostra ter sido o local utilizado apenas esporadicamente neste período. A tipologia das formas e decorações aponta para campaniforme tardio. O Grupo Internacional não ocorre. Este grupo não foi, aliás, até agora referenciado a Sul da Península de Setúbal (SOARES *et al.*, 1974-77). O Grupo de Palmela, que teria surgido no segundo momento, em resultado da miscenização da técnica do grupo anterior com formas regionais pré-existentes, está representado por fragmento de caçoila com decoração linear pontilhada, feita ao pente. Trata-se de grupo bem representado na Península de Setúbal (Pedrão, Moínho da Fonte do Sol, Malhadas, etc.).

Por fim, o terceiro grupo, que será também o mais recente dentro da periodização proposta por SOARES *et al.* (1974-77) é o Grupo Inciso. Constitui o conjunto mais numeroso no quadro dos materiais campaniformes do Bugio. É caracterizado pela técnica exclusivamente incisa dos motivos decorativos, aplicados a formas já existentes, como a taça de Palmela, a caçoila acampanada e a taça em calote, todas representadas no Bugio. Será a este período que, preferencialmente, se deverão reportar os dois punções de cobre de secção rectangular recolhidos na campanha de 1966.

## AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Sesimbra e à responsável pelo Museu Municipal pelas facilidades concedidas para o estudo dos materiais ali depositados. Ao senhor João Pinhal, do referido Museu, endereçam-se agradecimentos análogos pela colaboração prestada no decurso deste estudo. Ao Doutor A.B. Carvalhosa, Geólogo dos Serviços Geológicos de Portugal, pelas sugestões acerca da origem das matérias primas utilizadas nos materiais líticos.

Ao Professor Doutor M. Telles Antunes, Secretário do Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa (INIC) permitindo a execução de todas as lâminas delgadas naquele Centro, e pela concessão da utilização de outros meios ali disponíveis.

Ao Dr. António Carlos Silva e ao Dr Fernando Real, ex-Director e Director do Departamento de Arqueologia do IPPC, pelo interesse com que tentaram promover a publicação deste trabalho na série de Monografias Arqueológicas, infelizmente sem sucesso. A digitação do texto foi, para aquele efeito, executado naquele Departamento, no ano de 1988, o que também se agradece.

## BIBLIOGRAFIA

ASSUNÇÃO, C. TORRE de (1965) - *Notícia explicativa da folha 38 - B da Carta Geológica de Portugal. Rochas eruptivas*. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.

BELO, R.; TRINDADE, L.; FERREIRA, O. da Veiga (1961) - Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. XLV. Lisboa.

CARDOSO, J. L. (1980) - O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa/Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 1ª Parte - *Revista de Guimarães*, Vol. XC; 2ª Parte - *Revista de Guimarães*, Vol. XCI. Guimarães.

CARDOSO, J. L. (1989) - *Leceia. Resultado das escavações realizadas (1983-1988)*. Câmara Municipal de Oeiras. Oeiras.

CARDOSO, J. L.; SOARES, J.; SILVA, C. Tavares da (1983/84) - O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras). 1ª e 2ª campanhas de escavação (1983 e 1984). *Clio-Arqueologia*, Rev. da Unidade de Arqueologia do Centro de História

da Universidade de Lisboa, Vol. 1. Lisboa.

CARDOSO, J. L.; SOARES, J.; SILVA, C. Tavares da (1987) - *Oeiras há 5000 anos. Monografia de Leceia*. Câmara Municipal de Oeiras. Oeiras.

CARTAILHAC, E. (1886) - *Les ages préhistoriques de L'Espagne et du Portugal*. Ch. Reinwald. Paris.

CASTRO, L. de ALBUQUERQUE e FERREIRA, O. da Veiga (1972) - O nível neolítico da gruta das Salemas (Ponte de Lousa). *Arqueologia e História*, Série 9ª, Vol. IV. Lisboa.

DELGADO, J. F. N. (1884) - La grotte de Furninha à Peniche. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte-Rendu de la neuvième session à Lisbonne (1880)*. Lisboa.

FERREIRA, O. da Veiga (1970) - Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do professor Manuel Heleno. *O Arqueólogo Português*, Série III, Vol. IV. Lisboa.

FERREIRA, O. da Veiga e LEITÃO, M. (s/d) - *Portugal pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Publ. Europa-América.. Mem Martins.

FRANÇA, J. Camarate e FERREIRA, O. da Veiga (1958) - Estação pré-histórica da Samarra (Sintra). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. XXXIX. Lisboa.

GALLAY, G.; SPINDLER, K.; TRINDADE, L.; FERREIRA, O. da Veiga (1973) - *O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã)*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.

GIL, F. BRAGANÇA e FERREIRA, G. (1981) - A fluorescência de Raios X e o método PIXE como técnicas analíticas não destrutivas em Arqueologia. *Arqueologia*, nº 4. Porto.

GONÇALVES, F. (1971) - *Subsídios para o conhecimento geológico do Nordeste alentejano*. Memória nº 18 (N. S.). Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.

GONÇALVES, V. dos SANTOS (1970) - Sobre o Neolítico na Península de Setúbal - II - A propósito de duas placas de xisto, da Lapa do Bugio. *Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*, Vol. I. Lisboa.

GONÇALVES, V. dos SANTOS (1978) - *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça*. Secretaria de Estado da Cultura. Lisboa.

HARRISON, R. J. (1977) - *The bell beaker cultures of Spain and Portugal*. Cambridge (U.S.A.).

ISIDORO, A. F. (1963) - A Lapa do Bugio (necrópole pré-histórica de

Azóia). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XIX, fasc. 1. Porto.

ISIDORO, A. F. (1964) - Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XIX, fasc. 3-4. Porto.

ISIDORO, A. F. (1968) - Espólio arqueológico da gruta do Bugio. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. XX, fasc. 3-4. Porto.

LEISNER, G. e V. (1943) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Erster Teil: der Süden*. Römisch-Germanische Forschungen, band 17. Walter de Gruyter & Co. Berlin.

LEISNER, G. e V. (1951) - *Antas de Reguengos de Monsaraz*. Instituto para a Alta Cultura. Lisboa.

LEISNER, G. e V. (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Deutsches Archäologisches Institut, Abteilung Madrid. Walter de Gruyter & Co. Berlin.

LEISNER, V. (1965) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Deutsches Archäologisches Institut, Abteilung Madrid. Walter de Gruyter & Co. Berlin.

LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da Veiga (1961) - *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme*. Memória nº 8 (N. S.). Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.

LEISNER, V.; PAÇO, A. do; RIBEIRO, L. (1964) - *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa.

LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da Veiga (1969) - *Les monuments préhistoriques de Praia das Maçãs et de Casainhos*. Memória nº 16 (N. S.). Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.

MONTEIRO, R.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da Veiga (1971) - Nota preliminar sobre a lapa pré-histórica do Bugio. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*, Vol. I. Coimbra.

MONTEIRO, R.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da Veiga (1967) - Uma notável placa de xisto encontrada na Lapa do Bugio (Azoia). *Rev. Guimarães*, T. LXXVII. Guimarães.

OOSTERBEEK, L. (1987) - O neo-eneolítico da região de Tomar: dados e problemas. *Comunic. apres. às I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras (1987)*.

PEREIRA, F. ALVES (1908) - Crónica. *O Arqueólogo Português*, Vol. XIII.

Lisboa.

PAÇO, A. do; BARTHOLO, M. de L.; BRANDÃO, A. (1959) - Novos achados arqueológicos das grutas de Cascais. *Actas e memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*, Vol. I. Lisboa.

PAÇO, A. do (1966) - Castelo da Pedra do Ouro. *Anais da Academia Portuguesa da História*, Série II, Vol. XVI. Lisboa.

PAÇO, A. do e JALHAY, E. (1945) - El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, T. XX. Madrid. Reimpresso em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, Vol. II, ed. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa

PAÇO, A. do e FERREIRA, O. da Veiga (1971) - Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. LV. Lisboa.

RIBEIRO, C. (1880) - *Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos*. Memória apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa. Lisboa.

ROCHA, A. dos SANTOS (1899-1903) - A caverna dos Alqueves. *Portugalia*, Série I, T. L, fasc. 1 a 4. Porto.

RODRIGUES, M. C. M. (1986) - *Estudo ideológico-simbólico das placas de xisto gravadas (Alto Alentejo)*, Vol. 2. Câmara Municipal de Castelo de Vide.

SÁ, M. C. M. de (1959) - A Lapa da Galinha. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*, Vol. I. Lisboa.

SANTOS, M. FARINHA dos (1971) - Manifestações votivas da necrópole da gruta do Escoural. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*, Vol. I. Coimbra.

SANTOS, M. FARINHA dos e FERREIRA, O. da Veiga (1969) - O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*, Série III, Vol. III. Lisboa.

Serviços de Estudos do Ambiente (S. E. A.) (1980) - *Ordenamento do Concelho de Sesimbra*. Lisboa.

SERRÃO, E. da CUNHA (1967) - As grutas de Sesimbra - II - Duas grutas da região de Sesimbra contendo materiais arqueológicos atribuíveis à cultura do vaso campaniforme, vistas pelo arqueólogo Octávio da Veiga Ferreira. *Bol. do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*, Vol. I, Sesimbra.

SERRÃO, E. da CUNHA (1973) - *Carta arqueológica do concelho de Sesimbra*. Junta Distrital de Setúbal.

SERRÃO, E. da CUNHA (1975) - Contribuições arqueológicas do sudoeste da península de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, Vol. I. Setúbal.

SERRÃO, E. da CUNHA (1978) - A Lapa do Fumo. Aspectos e métodos da pré-história. *Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto*, nº 1. Porto.

SERRÃO, E. da CUNHA e MARQUES, G. (1971) - Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*, Vol. I. Coimbra.

SILVA, C. Tavares da e SOARES, J. (1985) - Monte da Tumba (Torrão). Eine befestigte siedlung der Kupferzeit im Baixo Alentejo. *Madriider Mitteilungen.*, Mainz.

SILVA, C. Tavares da; SOARES, J.; CARDOSO, J. L.; CRUZ, C. S.; REIS, C. A. S. (1986) - Neolítico da Comporta: Aspectos cronológicos (datas 14C) e paleoambientais. *Arqueologia*, nº 14. Porto.

SOARES, J. e SILVA, C. Tavares da (1975) - A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, Vol. I. Setúbal.

SOARES, J. e SILVA, C. Tavares da (1974/77) - O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*, Série III, Vol. VII-IX. Lisboa.

SPINDLER, K. e TRINDADE, L. (1970) - A póvoa eneolítica do Penedo - Torres Vedras. *Actas das I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Vol. II. Lisboa.

VASCONCELOS, J. LEITE de (1897) - *Religiões da Lusitânia*. Vol. I. Imprensa Nacional. Lisboa.

VAULTIER, M.; ROCHE, J.; FERREIRA, O. da Veiga (1959) - Novas escavações na gruta da Ponte da Lage. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*, Vol. I, Lisboa.

VEIGA, S. P. M. Estácio da (1886) - *Antiguidades Monumentais do Algarve. Tempos pré-históricos*, Vol. I, Imprensa Nacional, Lisboa.

VIANA, A.; ZBYSZEWSKI, G.; ANDRADE, R. FREIRE de; SERRALHEIRO, A.; FERREIRA, O. da Veiga (1959) - Contribuição para o conhecimento da arqueologia megalítica do Baixo Alentejo. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*, Vol. I. Lisboa.

VIANA, A.; ANDRADE, R. FREIRE de e FERREIRA, O. da Veiga (1961) - monumento pré-histórico do Monte Velho (Ourique). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, T. XLV. Lisboa.

ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da Veiga; LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J. (1977) - Le monument de "Pedras da Granja" ou de "Pedras Altas" dans la "Várzea de Sintra", *Ciências da Terra (UNL)*, nº 3. Lisboa.

ZILHÃO, J. (1984) - *A Gruta da Feteira (Lourinhã). Escavação de salvamento de uma necrópole neolítica*. Trabalhos de Arqueologia nº 1. Lisboa.

## LEGENDAS DAS ESTAMPAS<sup>(1)</sup>

### Estampa 1

#### Sepultura nº 1

##### *Pedra lascada*

- 1 - lâmina com indícios de utilização em ambos os bordos.
- 2, 5 - geométricos (trapézios assimétricos).
- 3, 4, 6 a 9, 10 e 11 - pontas de seta: com aletas laterais e base côncava (3); de base côncava (4, 6, 8, 10 e 11); de base recta (7); de base triangular (9).

##### *Objectos de adorno*

- 12 e 13 - alfinetes de cabelo (com cabeça postiça, que falta no nº 13 e é lisa no nº 12).
- 14 - arranjo feito com contas de conchas de *Neritina fluviatilis*, *Cypraea europaea* e contas discóides de concha.
- 15 - concha de *Cypraea europaea*, utilizada como conta.
- 16 e 22 - conchas de *Neritina fluviatilis*, utilizadas como contas.
- 17 a 21 e 23 - contas discóides de concha.

#### Sepultura nº 2

##### *Pedra lascada*

- 24 - lâmina retocada em ambos os bordos.

##### *Pedra polida*

- 25 - enxó em rocha eruptiva (cf. metabasalto).

##### *Objectos de adorno*

- 26 - arranjo com contas discóides de diversas substâncias.

---

(1) Sempre que a natureza da matéria-prima da indústria lítica não é mencionada, subentende-se que seja o sílex.

### *Fauna*

27 - valva de *Cardium edule* juvenil.

### **Estampa 2**

### **Sepultura 3**

### *Pedra lascada*

- 1, 2 - lâminas com indício de utilização, possuindo a nº 2 uma pequena "encoche".
- 3 - lamela de quartzo hialino.
- 4, 5, 7 - trapézios assimétricos com base côncava.
- 6 - trapézio assimétrico.
- 8 - lasca com retoque num bordo lateral.
- 9 - lasca subtrapezoidal.
- 10 - fragmento de ponta de seta com retoque cobridor.
- 12 - triângulo.
- 11, 13, 14, 15, 16, 18 - pontas de seta: de base côncava (11); triangular (13, 15); e recta (14, 16 a 18).
- 19 - pequeno percutor ou isqueiro.

### *Indústria de osso*

- 20 - extremidade de furador.
- 21 - cabo.

### *Objectos de adorno*

- 22 - extremidade de alfinete de cabeça espatulada.
- 23 a 25 - fragmentos de hastes de alfinetes.

### *Objectos de carácter simbólico*

- 26, 27 - fragmentos de placas de xisto.

### *Cerâmica*

- 28, 29 - fragmentos com decoração incisa.

### *Fauna*

- 30 - fragmento de defesa de javali (*Sus scrofa*).

#### Sepultura 4

##### *Pedra lascada*

- 31, 32, 37 - triângulos (o 37 é de quartzo hialino).
- 33, 34, 36 - trapézios (o 33, com base côncava; o 36, de quartzo hialino).
- 35 - ponta de seta incompleta na base (quartzo hialino).
- 39, 40 - pontas de seta de base côncava.
- 41 a 44 - lâminas, por vezes com vestígios de utilização nos bordos (nº 41 e 44).
- 45 - pequeno percutor ou isqueiro.

##### *Pedra polida*

- 38 - machado de secção quadrangular de rocha anfibólica.

#### Estampa 3

#### Sepultura 4

##### *Pedra polida*

- 1 - machado de secção elipsoidal.

##### *Indústria de osso*

- 2 - furador.
- 3 - cabo para dois punções, com incisão longitudinal na face dorsal.
- 4 - fragmento de espátula.

##### *Objectos de adorno*

- 5 - alfinete com cabeça em forquilha, de osso, fragmentado.
- 10, 11 - fragmentos de hastes de alfinetes de osso.

##### *Objectos de carácter simbólico*

- 6, 7, 8 - fragmentos de placas de xisto.
- 9 - ídolo de osso com gola incipiente.

##### *Cerâmica*

- 15 - bordo de taça decorada por canelura.

##### *Fauna*

- 12, 14 - fragmentos de conchas de vieira (*Pecten maximus*).

13 - concha de *Mytilus* sp. jovem.

#### Sepultura 5

##### *Pedra lascada*

16, 17 - lâminas (a nº 16 possui truncatura distal oblíqua).

18 - trapézio assimétrico com "encoche" na base.

19 - trapézio assimétrico com "encoche" lateral pouco pronunciada.

##### *Pedra polida*

20, 21 - enxós de rocha ígnea (cf. metabasalto).

26 - goiva de basalto.

##### *Objectos de adorno*

22 - arranjo com contas discóides de xisto, de *Dentalium* sp. e de *Neritina fluviatilis*.

25, 27 - contas bicónicas de cerâmica (25); e de azeviche (27).

##### *Objectos de carácter religioso*

23, 24 - fragmentos de placas de xisto.

##### *Fauna*

28 - conchas de búzio (*Cassis saburon*).

#### Estampa 4

#### Sepultura 6

##### *Pedra lascada*

1 a 5 - lâminas (a 2 e a 4 possuem retoques num ou em ambos os bordos laterais).

6 - lasca de quartzito afeiçoada em raspador simples, convexo, rectilíneo em um dos bordos laterais, de idade paleolítica provável.

7, 8 - trapézios assimétricos ( com base recta o 7 e com "encoche" o 8).

9 a 12 - pontas de seta: de base côncava (9 e 12); e triangular com aletas laterais incipientes (10 e 11). O exemplar 11 encontra-se muito alterado.

##### *Objectos de adorno*

13 - arranjo de contas discóides com uma conta elipsoidal de mineral verde.

19 - fragmento de conta bicónica de azeviche.

### *Objectos de carácter simbólico*

14 a 18 - fragmentos de placas de xisto.  
20, 21 - cilindros de calcário marmóreo.

### *Cerâmica*

22 - taça de lábio espessado, ligeiramente extrovertido, com furação cónica.  
23 - taça carenada.

### **Estampa 5**

### **Sepultura 6**

### *Cerâmica*

1 a 3 - fragmentos de copo decorado por incisões (não caneluras) rectilíneas abaixo do bordo e em linhas onduladas no bojo.

### *Fauna*

4 - fragmento de defesa de javali (*Sus scrofa*).

### **Sepultura 7**

### *Pedra lascada*

5 - lâmina.  
6 a 10 - pontas de seta: de base convexa (6, 9); de base triangular (8); de base côncava (7, 10).  
11, 12 - percutores ou pedras de isqueiro. O 11 é reaproveitado de núcleo prismático de lâminas.

### *Pedra polida*

13 - machado de secção elíptica de rocha anfibólica.

### *Objectos de osso*

18 - fragmento de furador.  
19 - fragmento de vaso decorado por incisões reticuladas em toda a sua superfície e por linhas paralelas junto do bordo e do fundo.

### *Objectos de adorno*

16 - arranjo de contas discóides, com uma conta tubular de mineral verde.

*Objectos de carácter simbólico*

17 - ídolo de gola incipiente.

*Cerâmica*

20 - taça de bordo espessado e lábio introvertido.

*Fauna*

15 - concha de *Helix* sp..

**Estampa 6**

**Sepultura 7**

*Cerâmica*

1 - vaso de carena alta.

**Sepultura 8**

*Pedra lascada*

2, 4, 5, 13 a 15 - lâminas e fragmentos de lâminas.

3, 6 a 10 - geométricos: triângulo com dupla "encoche" na base (3); trapézios assimétricos (6, 9, 10); crescente (7); lamelas com truncatura oblíqua (8).

11, 12 - pontas de seta: de base triangular e aletas incipientes (11); de base bicôncava (12).

*Pedra polida*

16, 17 - machados de secção elíptica de rocha anfibólica.

*Objectos de osso*

18, 19 - cabos de instrumentos.

20, 26 - furadores.

### *Objectos de adorno*

- 21 a 23 - contas bicónicas de lignito.
- 24 - fragmento de haste de alfinete.
- 25 - alfinete de cabeça espatulada.

### *Objectos de carácter simbólico*

- 27, 28 - fragmentos de placas de xisto.

## **Estampa 7**

### **Sepultura 8**

#### *Objectos de pedra polida*

- 2 - fragmento de polidor de arenito.
- 3 - fragmento de calote craniana com a superfície externa polida.

#### *Objectos de adorno*

- 4 - arranjo com contas discóides (especialmente de xisto); tubulares (de conchas de *Dentalium* sp.); de vértebras de peixe e elipsoidais de minerais verdes.
- 5 - elemento de pedra polida, possivelmente de adorno, com sulco transversal.
- 6 - arranjo com contas discóides (essencialmente de concha), tubulares (de conchas de *Dentalium* sp.) e de vértebras de peixe.

#### *Objectos de carácter simbólico*

- 1 - fragmento de placa de xisto.

#### *Cerâmica*

- 7 - esférico de bordo com ligeiro espessamento.

## **Estampa 8**

### **Sepultura 8**

#### *Cerâmica*

- 1 - vaso de fundo plano.
- 2 - taça de carena alta.
- 3 - taça de bordo sem espessamento, com canelura irregular, larga e pouco profunda, na face externa.

## Estampa 9

### Sepultura 8

#### *Cerâmica*

- 1 - taça em calote.
- 2 - vaso em forma de saco (?).
- 3 - taça em calote, de bordo ligeiramente espessado.
- 9 - esférico do bordo ligeiramente espessado.

#### *Fauna*

- 4, 5 - vértebras de peixe.
- 6 - concha de amêijoia (*Venerupis decussatus*).
- 7 - concha indeterminada por se encontrar muito erodida.
- 8 - fragmento de defesa de javali (*Sus scrofa*).

## Estampa 10

### Sepultura 9

#### *Pedra lascada*

- 1, 2, 5 - lâminas e lamelas com truncatura oblíqua em uma ou ambas as extremidades.
- 3, 10 - triângulos, o segundo com "encoche" no lado menor.
- 4 - trapézio muito irregular e dissimétrico com "encoche" na base.
- 6 - lasca de quartzo hialino com retoque na base.
- 8, 9, 11, 13 e 14 - pontas de seta de base convexa (8, 9); com espigão (11); e de base recta (13, 14).
- 12 - lâmina oval com retoque remontante.
- 15 - núcleo poliédrico.

#### *Pedra polida*

- 16, 17, 18, 20 - enxós em rocha ígnea (cf. metabasalto).
- 19 - fragmento de polidor de arenito.

## Estampa 11

### Sepultura 9

#### *Pedra polida*

- 1 a 3 - fragmentos de polidores de arenito.

### *Objectos de osso*

5, 7 - furadores.

### *Objectos metálicos*

4 - punção de cobre

### *Objectos de adorno*

8 a 11, 15 a 17 - contas bicónicas: de cerâmica (8, 16); de lignito (9 a 11 e 17).

15 - conta discóide de lignito.

12, 14 - arranjo de contas discóides, com raras contas tubulares de *Dentalium* sp..

13 - arranjo de contas discóides, contas tubulares de *Dentalium* sp., uma conta elipsoidal de mineral verde e um pendente alongado da mesma substância.

### *Objectos de carácter mágico-religioso*

6 - ídolo de gola de osso ou de marfim.

## **Estampa 12**

### **Sepultura 9**

#### *Cerâmica*

1 - taça de bordo sem espessamento semelhante à da Est. 8 (3), proveniente da sep. 8.

2 - taça em calote.

3 - esférico com o bordo em aba introvertida.

4 - esférico alto.

5, 6 - taças em calote.

## **Estampa 13**

### **Possível sepultura 9**

#### *Pedra lascada*

10, 11, 13, 14 - triângulos. Os 10, 11 e 13 são de quartzo. O 14 apresenta, no lado maior, finíssimo retoque, representado nas Fot. 3 a 6.

12 - lamela com truncatura oblíqua.

15 - lasca de quartzo com bordo abatido.

16, 17, 30, 31, 33 a 37, 41, 46 - lâminas e fragmentos de lâminas não retocadas. Algumas mostram vestígios de utilização nos bordos.

32 - pequeno núcleo de quartzo hialino.

### *Objectos de osso*

19 a 28 - fragmentos de haste de alfinetes de osso.

### *Objectos de carácter simbólico*

4 - pequeno "rognon" de ocre vermelho.

39 a 45 - fragmentos de placas de xisto.

### *Cerâmica*

1 - taça em calote decorada por caneluras abaixo do bordo.

2, 3 - fragmentos de "copo" que pertencem ao mesmo exemplar do figurado na Est. 5 (1, 2, 3).

### *Fauna*

5 - 3º molar de *Capra* sp. ou *Ovis* sp..

6 - vértebra de peixe.

7 - elemento ósseo de raia.

8 - fragmento de concha de *Pecten maximus* (vieira).

9 - concha de *Helix* sp.

## **Estampa 14**

### **Possível sepultura 9**

#### *Pedra lascada*

2, 3 - lamela microlítica e triângulo, de quartzo.

#### *Objectos de carácter religioso*

1, 7 - fragmentos de placas de xisto.

#### *Cerâmica*

8 - vaso de corpo alto, em forma de saco, de paredes muito finas.

#### *Fauna*

4 - concha de *Balanus* sp..

5 - tíbia de coelho (*Oryctolagus cuniculus*).

6 - defesa de javali (*Sus scrofa*).

9 - dente de peixe (*sparídeo*).

10 - hemimandíbula de coelho (*Oryctolagus cuniculus*).

## Sepultura 10

### *Pedra lascada*

12 a 14, 22 - Triângulos. Os nºs 13, 14 e 22 são muito assimétricos, sendo o nº 13 de quartzo.  
15, 16, 23, 25 - trapézios. O nº 15 possui uma extensa "encoche" ao longo da base menor e o nº 23 é muito assimétrico e possui a base côncava.  
20 - lâmina com truncatura oblíqua.  
17 a 19, 32 a 34, 38 a 40 - lâminas e fragmentos de lâminas, algumas com indícios de utilização, outras retocadas.  
24 - lamela residual de quartzo hialino.  
26 a 30 - pontas de seta: de base côncava (27, 28); de base triangular (29); de base ocupada por espigão (30).  
A 26 encontra-se incompleta.

### *Pedra polida*

31 - machado de secção elíptica, achatado, de rocha anfibólica.

### *Objectos de osso*

43 - cabo.  
44 - espátula incompleta com furo de suspensão numa das extremidades.

### *Objectos de adorno*

35 a 37 - elementos de alfinete, canelados, de osso, destinados a serem fixados em haste.

## Estampa 15

### Sepultura 10

#### *Pedra lascada*

1 - percutor feito sobre calhau rolado de rocha ígnea.

#### *Objectos de osso*

2 - parte distal de furador.

#### *Objectos de adorno*

3 a 8 - fragmentos de hastes de alfinetes de osso.  
9, 10 - contas bicónicas de azeviche.  
17 a 22 - contas discóides, algumas fragmentadas, de xisto.  
12 - arranjo com contas discóides e tubulares, estas de *Dentalium* sp..

### *Objectos de carácter simbólico*

11, 15, 16 - placas de xisto, intacta e fragmentadas.

### *Fauna*

13 - defesa de javali fragmentada (*Sus scrofa*).

14 - concha de mexilhão (*Mytilus galloprovincialis*).

### Estampa 16

### Sepultura 10

### *Cerâmica*

1, 3 - taças carenadas.

2 - vaso de corpo alto e bordo espessado, ligeiramente extrovertido.

4 - taça de bordo extrovertido com ligeiro espessamento do lado interno e externo, e lábio aplanado.

### Estampa 17

### Sepultura 11 (Ossário)

### *Pedra lascada*

1 - crescente.

2, 3 - trapézio (2) e triângulo (3).

4 - ponta de seta de base convexa.

5 - lamela com truncatura distal transversal.

6 a 8 - lâminas com indícios de utilização.

### *Pedra polida*

15 - fragmento de machado de rocha anfibólica.

16 - fragmento de polidor de arenito.

### *Objectos de adorno*

9 - alfinete de cabelo em forma de "garfo".

11 a 13 - contas bicónicas (11 e 12 de lignito, 13 de mineral verde).

14 - pendente de mineral verde.

17, 18 - arranjos com contas discóides e tubulares, estas de *Dentalium* sp..

### *Fauna*

19 - vértebra de peixe.

## Estampa 18

### Sepultura 11 (Ossário)

#### *Objectos de carácter simbólico*

7 - disco craniano.

#### *Cerâmica*

1 - pequeno vaso de corpo cilíndrico.

2 - esférico.

9 - vaso tulipiforme com decoração radial de linhas incisas.

10 - grande vaso de corpo alto e bordo simples.

#### *Fauna*

3 a 5 - ossos longos de pequenos mamíferos.

6 - vértebra de peixe.

## Estampa 19

### Sepultura 9 e Sepultura 11 (Ossário)

#### *Objectos de carácter simbólico*

1 - Cilindro de calcário com tatuagem facial (sep. 9).

2 - placa de xisto com representação de ídolo almeriense (ossário).

## Estampa 20

### Esconderijo

#### *Pedra lascada*

1, 2 - lâminas não retocadas.

3 a 6 - trapézios com o lado menor retocado (3, 4, 5) ou convexo (6).

7 - triângulo assimétrico.

8 a 13 - pontas de seta: de base triangular com aletas incipientes (8, 9); de base recta (10); de base côncava (11 a 13). A 8 é de quartzo hialino.

#### *Objectos de osso*

14 - furador.

### *Objectos de adorno*

- 15, 27 - alfinetes de cabeça canelada, fragmentados, de osso.
- 16 - cabeça canelada de alfinete, incompleta.
- 25 - alfinete fragmentado de cabeça globular, bombeada, decorada com duas caneluras.
- 23, 24 - alfinetes de cabeça espatulada. O 23 encontra-se fragmentado.
- 19, 28 a 30 - hastes e fragmentos de hastes de alfinetes de osso.
- 18 - conjunto de contas discóides de xisto.

### *Objectos de carácter simbólico*

- 17 - fragmento de placa de xisto.
- 20 a 22 - ídolos de gola, o 20 com cabeça incipiente.

### *Cerâmica*

- 31 - vaso esférico, de fundo plano, com mamilos perfurados no bojo.

### *Fauna*

- 32 - lapa (*Patella lusitanica*)
- 33 - amêijoia (*Venerupis decussatus*)
- 34 - vieira (*Pecten maximus*)

## **Estampa 21**

### **Esconderijo**

#### *Pedra polida*

- 1, 2 - machados de secção rectangular.
- 3 - polidor de arenito.
- 4 - machado de secção oval.

## **Estampa 22**

### **Esconderijo**

#### *Pedra polida*

- 1, 3, 4 - enxós de secção espalmada de rocha vulcânica (cf. metabasalto).
- 2 - machado de secção rectangular de rocha anfibólica.

### **Estampa 23**

#### **Esconderijo**

#### *Pedra polida*

1 a 4 - machados de rochas anfibólicas.

### **Estampa 24**

#### **Esconderijo**

#### *Pedra polida*

1 a 4 - enxós de secção espalmada de rocha vulcânica (cf. metabasalto).

### **Estampa 25**

#### **Esconderijo**

#### *Pedra polida*

1, 2 - enxós de secção espalmada de rocha vulcânica (cf. metabasalto).

### **Estampa 26**

#### **Limpeza Veiga Ferreira *et al.* de 1966**

#### *Pedra lascada*

- 1 a 6 - lâminas sem retoques.
- 7, 8 - núcleos sobre cristais de quartzo fumado.
- 9 - ponta microlítica.
- 10 - segmento de círculo.

#### *Pedra polida*

- 17 - grande enxó de secção rectangular de rocha anfibólica com vestígios de pintura a ocre vermelho em toda a superfície.
- 18 - fragmento de instrumento de pedra polida (enxó ou machado).

#### *Objectos metálicos*

- 14 - punção de cobre.

### *Objectos de adorno*

11 a 13 - fragmentos de hastes de alfinetes de osso.

### *Cerâmica*

16 - bordo de possível taça em calote.

### **Estampa 27**

**Limpeza Veiga Ferreira *et al.* de 1966**

### *Pedra lascada*

1 - raspador denticulado.

2 a 5, 9 - lâminas e lamelas. A nº 2 tem vestígios de utilização num dos bordos.

6 - trapézio retocado no lado menor.

7, 8 - triângulos. O nº 8 é de quartzo.

15 - raspador de sílex negro.

18 - raspador sobre lasca.

### *Pedra polida*

10 - fragmento de enxó de rocha vulcânica (cf. metabasalto).

19 a 21 - fragmentos de polidores.

### *Objectos de adorno*

11 a 14, 17, 21 - fragmentos de hastes de alfinetes.

### *Fauna*

19 - fragmento de defesa de javali (*Sus scrofa*).

20 - concha de *Helix* sp..

### **Estampa 28**

**Limpeza Velga Ferreira *et al.* de 1966**

### *Objectos de carácter simbólico*

1 a 5, 10 a 16 - fragmentos de placas de xisto.

6 - parte superior de ídolo tronco-cónico de calcário.

7 - fragmento anterior de enxó (?) votiva, espalmada, de calcário.

8 - parte inferior de ídolo tronco-cónico, de gabro.

9 - parte central de ídolo plano-convexo, de calcário.

## Estampa 29

Limpeza Velga Ferreira *et al.* de 1966

### *Cerâmica decorada*

- 1, 2 - fragmentos decorados por incisões (1) ou canelura (2) abaixo do bordo.
- 3 - fragmento decorado por caneluras, muito finas.

### *Cerâmica lisa*

- 4 - pequeno vaso tronco-cônico de fundo convexo.
- 6 a 12 - taças de bordo sem espessamento.

## Estampa 30

Limpeza Velga Ferreira *et al.* de 1966

### *Cerâmica*

- 1, 2 - taças de parede reentrante (a nº 1 possui fundo plano).
- 3 - taça de bordo sem espessamento.
- 4 a 6 - pequenos recipientes: taças de paredes ligeiramente reentrantes (4, 5); taça em calote (6).
- 7 - taça de bordo em aba, ligeiramente extrovertida.
- 8 - taça de bordo espessado internamente com o lábio aplanado para o exterior e aresta interior muito acentuada.
- 9 - taça de bordo sem espessamento com o lábio muito inclinado para o interior.
- 10, 11 - taças de bordo convexo, inclinado para o interior, com espessamento interno e externo.
- 12, 13 - vasos de colo estrangulado e bordo sem espessamento.
- 14, 15 - taças caneladas, de bordo sem espessamento: de carena baixa e parede inclinada para o exterior (14); e de carena alta e parede inclinada para o interior (15).

## Estampa 31

Limpeza Velga Ferreira *et al.* de 1966

### *Cerâmica lisa*

- 1 - esférico (?)
- 2, 4 - vasos de bordo sem espessamento, de parede inclinada para o interior (2), e para o exterior (4).
- 3 - grande taça carenada de parede muito reentrante.
- 5, 10 - vasos de corpo alto e bordo ligeiramente espessado (5) ou sem espessamento (10).
- 6 a 9 - taças: de bordo pouco espessado e lábio convexo (6, 9); de bordo pouco espessado exteriormente e lábio convexo inclinado para o interior (8); de bordo sem espessamento (7).
- 10 - grande recipiente de bordo sem espessamento e forma indeterminada.

### Estampa 32

Limpeza Velga Ferreira *et al.* de 1966

*Cerâmica lisa*

1 a 16 - vasos esféricos e globulares, com bordo extrovertido (1, 2); espessado interiormente (4); e sem espessamento (os restantes).

### Estampa 33

Museu de Sesimbra

*Pedra lascada*

1 a 4, 13 - triângulos dissimétricos, de base rectilínea (1, 2) ou côncava (3, 4).

5 a 10, 16 - trapézios dissimétricos (5 a 7, 9, 10) ou simétricos (8), de base convexa (5, 10), rectilínea (8, 9) ou côncava (6, 7). Um possui "encoche" lateral (16).

11, 12 - crescentes.

14, 15 - lamelas retocadas, uma delas afeiçãoada em ponta (14).

17 a 23 - indústrias microlíticas de quartzo: triângulos de base convexa (17, 21), rectilínea (18, 22) ou côncava (19, 20, 23).

30, 31 - lascas microlíticas retocadas.

24 a 29, 32 a 37, 39 a 43 - pontas de seta: de base triangular (24, 26); de base triangular ou convexa, com aletas incipientes (25, 27 a 29); de base convexa (32); de base rectilínea e bordos laterais convexos (33); de base côncava e bordos laterais convexos ou rectilíneos (34 a 36, 39 a 43); de base indeterminada e bordos laterais finamente denticulados (37).

38, 44 - núcleos de lâminas; o primeiro, fragmentado, é de quartzo.

### Estampa 34

Museu de Sesimbra

*Pedra lascada*

1 a 15, 18 a 22, 24, 25, 27 a 32 - lâminas e fragmentos de lâminas e lamelas, não retocadas ou com retoques junto dos bordos, em geral descontínuos.

23 - "tarière en bout-de-lâme".

16, 17 - lascas residuais.

### **Estampa 35**

**Museu de Sesimbra**

*Pedra lascada*

1, 2 - lâminas sem retoques.

*Pedra polida*

3 - fragmento de polidor de arenito (elemento dormente).

4 - polidor-afiador (elemento movente) de arenito.

5 a 7 - machado, goiva e escopro de rochas anfibólicas.

8 - polidor de arenito.

### **Estampa 36**

**Museu de Sesimbra**

*Pedra polida*

1, 2, 4, 5 - machados de secção elíptica, polidos apenas no gume, de rochas diversas.

3 - machado de secção rectangular de rocha anfibólica.

*Fauna*

3 - defesa de javali (*Sus scrofa*).

### **Estampa 37**

**Museu de Sesimbra**

*Pedra polida*

1 a 8 - enxós totalmente polidas, de secção espalmada, de rochas diversas.

### **Estampa 38**

**Museu de Sesimbra**

*Pedra polida*

1 a 5 - polidores de arenito, inteiros e fragmentados (elementos dormentes).

## **Estampa 39**

### **Museu de Sesimbra**

#### *Objectos de osso*

2, 3 - fragmentos de furadores, o primeiro obtido por seccionamento transversal, o segundo por seccionamento oblíquo da peça óssea.

9 - placa de osso ou marfim decorada por motivo campaniforme.

#### *Objectos de adorno*

1 - arranjo com contas discóides, essencialmente de xisto; tubulares, de conchas de *Dentalium* sp.; e de formato bombeado, de diversos minerais.

5, 6 - pingentes de mineral verde.

7, 8, 10, 11, 15 a 19, 21 a 26, 28 a 33 - contas bicónicas, cilíndricas e discóides de materiais líticos ou minerais. A nº 17 é de fluorite, bem como, provavelmente, a nº 28. A nº 26 é de azeviche e a nº 33 é de cerâmica. As restantes são essencialmente de minerais anegrados ou verdes.

35 a 42 - conjunto de contas bicónicas de azeviche.

4, 14 - fragmentos de hastes de alfinetes.

12, 13, 20, 43 - cabeças postiças de alfinetes. Três apresentam a clássica decoração de caneluras; a nº 20 é de corpo bombeado, sendo análoga à recolhida no esconderijo escavado por O. da Veiga Ferreira *et al.* (Est. 20, fig. 25).

27, 34 - Extremidades superiores de alfinetes com cabeças postiças lisas. Apenas a nº 27 apresenta uma ténue canelura junto da extremidade superior.

## **Estampa 40**

### **Museu de Sesimbra**

#### *Objectos de carácter simbólico*

1 a 4 - placas de xisto.

## **Estampa 41**

### **Museu de Sesimbra**

#### *Objectos de carácter simbólico*

1 a 3 - placas de xisto. A nº 2 poderia ser parte do corpo de um "báculo".

#### **Estampa 42**

**Museu de Sesimbra**

*Objectos de carácter simbólico*

1 a 4 - placas de xisto.

#### **Estampa 43**

**Museu de Sesimbra**

*Objectos de carácter simbólico*

1 a 4 - placas de xisto.

#### **Estampa 44**

**Museu de Sesimbra**

*Objectos de carácter simbólico*

1 a 3 - placas de xisto.

#### **Estampa 45**

**Museu de Sesimbra**

*Objectos de carácter simbólico*

1 a 4 - placas de xisto.

#### **Estampa 46**

**Museu de Sesimbra**

*Objectos de carácter simbólico*

1 a 4 - ídolos de gola de osso ou marfim.

5 - placa de xisto com duas representações antropomórficas (?) esgrafitadas em ambas as faces.

6 - ídolo almeriense realizado em tábua óssea.

7 - cilindro de calcário.

8 - placa de xisto com 4 representações de ídolos almerienses na sua parte média.

### Estampa 47

#### Museu de Sesimbra

##### *Objectos de carácter simbólico*

- 1, 2, 5 - cilindros de calcário por vezes de tendência tronco-cónica.
- 3, 4 - "ídolos-pinha" de calcário.

### Estampa 48

#### Museu de Sesimbra

##### Objectos de carácter simbólico

- 1 - Ídolo plano-convexo de calcário com decoração canelada na base.
- 2, 3 - placas curvas de calcário.

### Estampa 49

#### Museu de Sesimbra

##### *Cerâmica lisa e decorada*

- 1 - "botão" de suspensão perfurado talvez pertencente a pequeno vaso esférico de fundo plano semelhante ao representado na Est. 20, fig. 31.
- 2 - vaso tronco-cónico de fundo plano.
- 3 - taça de bordo espessado e lábio convexo.
- 4, 7 - taças de bordo simples, a primeira decorada por ténue canelura junto do bordo.
- 5, 6 - taças em calote, a primeira afim do vaso esférico, de bordo com tendência em aba.

### Estampa 50

#### Museu de Sesimbra

##### *Cerâmica lisa*

- 1 a 3 - vasos esféricos.
- 5 - grande taça em calote, com perfuração bicónica.

##### *Cerâmica decorada*

- 4 - grande taça com decoração canelada, em linhas radiais.

## Estampa 51

Museu de Sesimbra

*Cerâmica lisa*

1 a 21 - perfis de recipientes de cerâmica lisa: vasos esféricos (1 a 3, 5, 11); taças em calote de diferentes dimensões (4, 6 a 10, 20, 21); taças carenadas de diferentes tipologias (12 a 16, 18, 19); pratos altos (17). As taças carenadas 18 e 19 lembram, pelo perfil, recipientes da Idade do Bronze.

## Estampa 52

Museu de Sesimbra

*Cerâmica decorada*

- 1, 2 - taças de bordo denteado.
- 3 - vaso tulipiforme, mesmo recipiente que o representado na Estampa 19, fig. 9, proveniente do ossário.
- 4, 5 - pequenos vasos de paredes muito finas, de fundo convexo e de corpo cilíndrico ou tronco-cónico.
- 6 - taça com pequeno botão perfurado.
- 7 - fragmento de copo decorado por incisões. Mesmo exemplar dos representados na Est. 13, nº 2 e 3, possivelmente provenientes da sep. 9. Conservam-se mais dois recipientes no Museu de Sesimbra.
- 8 - esférico com decoração por unhas, dispostas em faixas verticais.
- 9 - taça carenada, com dois pequenos mamilos alongados na carena e decoração canelada de linhas verticais, no espaço compreendido entre ambos.

## Estampa 53

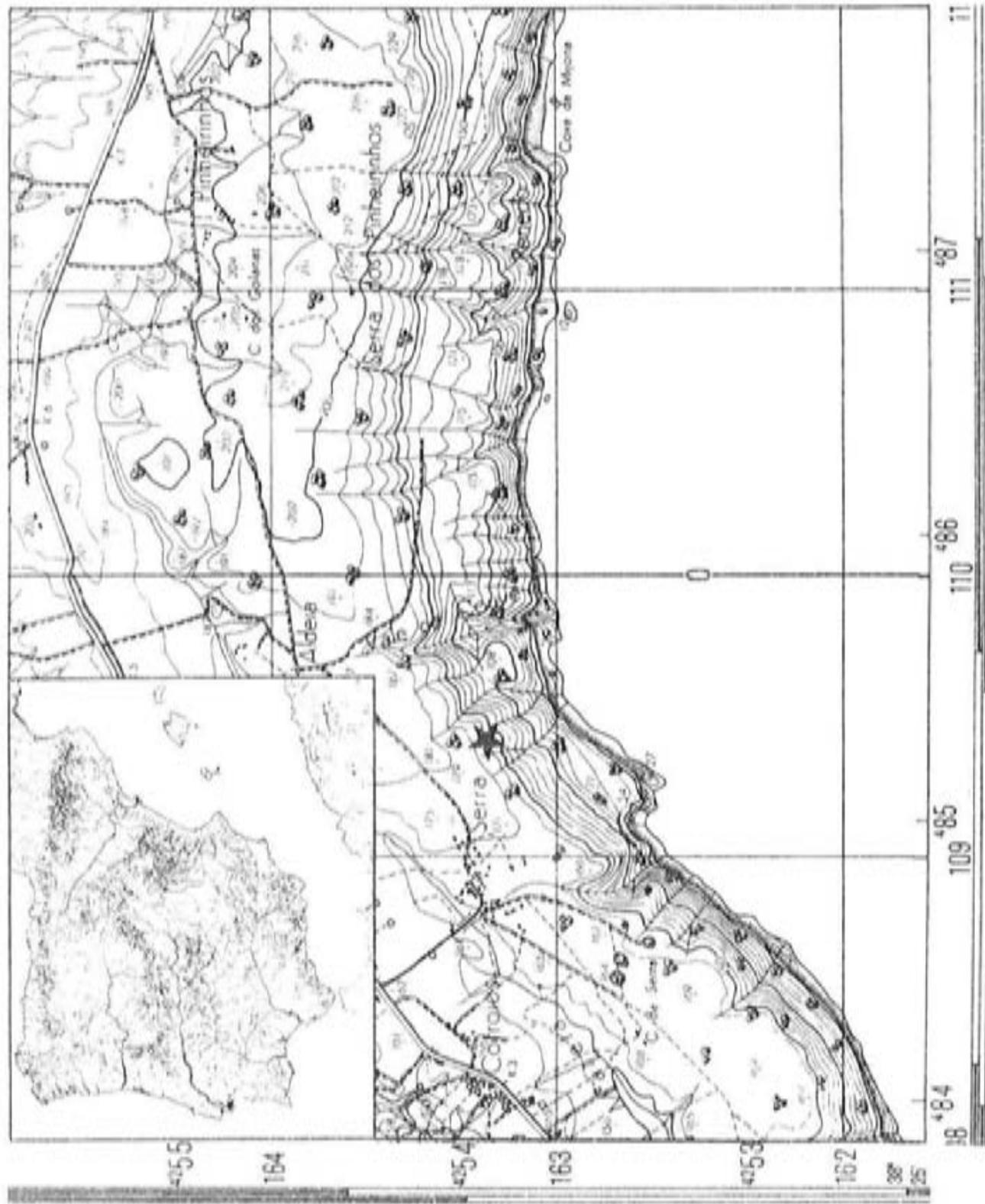
*Cerâmica campaniforme*

- 1 a 4 - fragmentos de caçoila campaniforme com decoração incisa. Os exemplares possuem a seguinte distribuição: 1, sep. 1; 2, sep. 11 (ossário); 3 e 4, Museu de Sesimbra, onde se conserva mais um fragmento não representado.
- 5 - reconstituição de vaso campaniforme a partir de diversos fragmentos com a seguinte proveniência: sep. 4 (1), sep. 5 (1); Museu de Sesimbra (2).

## Estampa 54

*Cerâmica campaniforme*

- 1, 2 - fragmentos de taças de bordo espessado e de tipo Palmela, respectivamente, com decoração incisa. O primeiro mostra as incisões preenchidas com pasta branca. Museu de Sesimbra.
- 3 - fragmento de taça em calote com decoração incisa, Sep. 1.
- 4 - fragmento de caçoila (?) campaniforme, com decoração incisa, pertencente (?) ao exemplar figurado por diversos fragmentos na Est. 53, nºs 1 a 4. Limpeza de Veiga Ferreira *et al.*, de 1966.
- 5 - fragmento de caçoila campaniforme com decoração linear-pontilhada. Museu de Sesimbra.



Figs. 1 e 2 - Localização da Lapa do Bugio na Península Itálica (fundo topográfico gentilmente cedido pelo Instituto Arqueológico Alemão) e na Carta Militar de Portugal (escala de 1/25 000)

Proj. IV do Meridiano Internacional

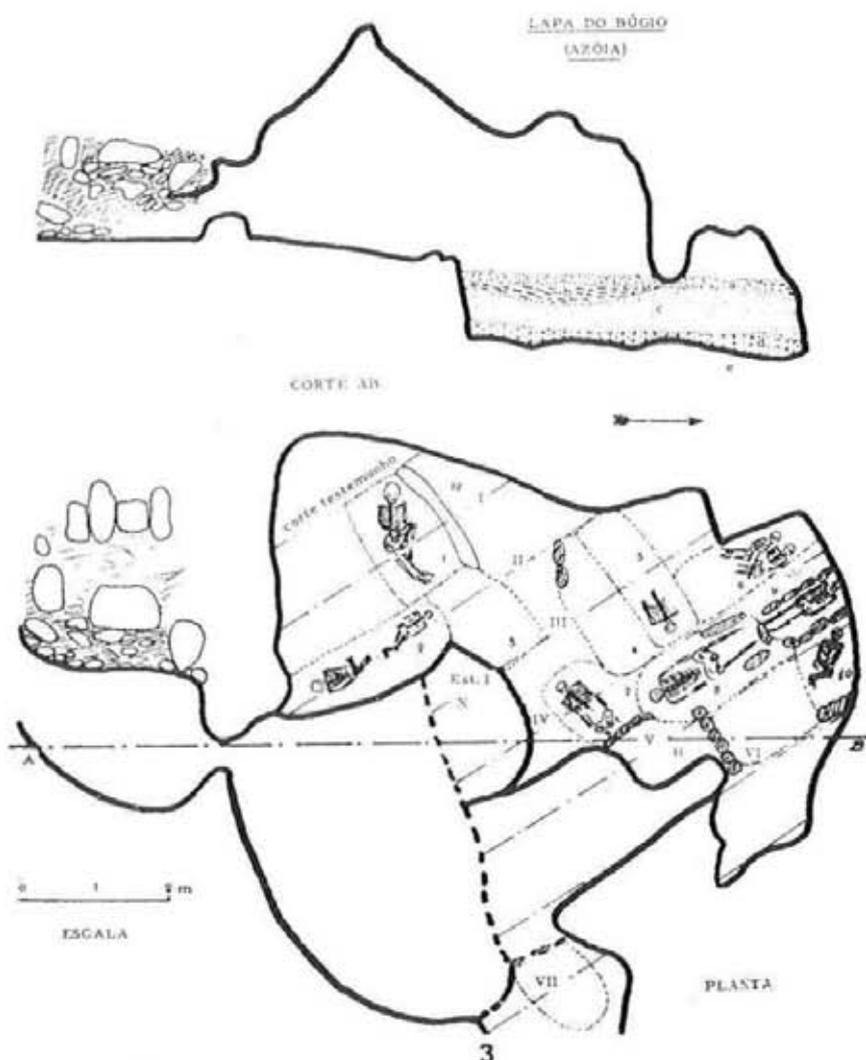


1



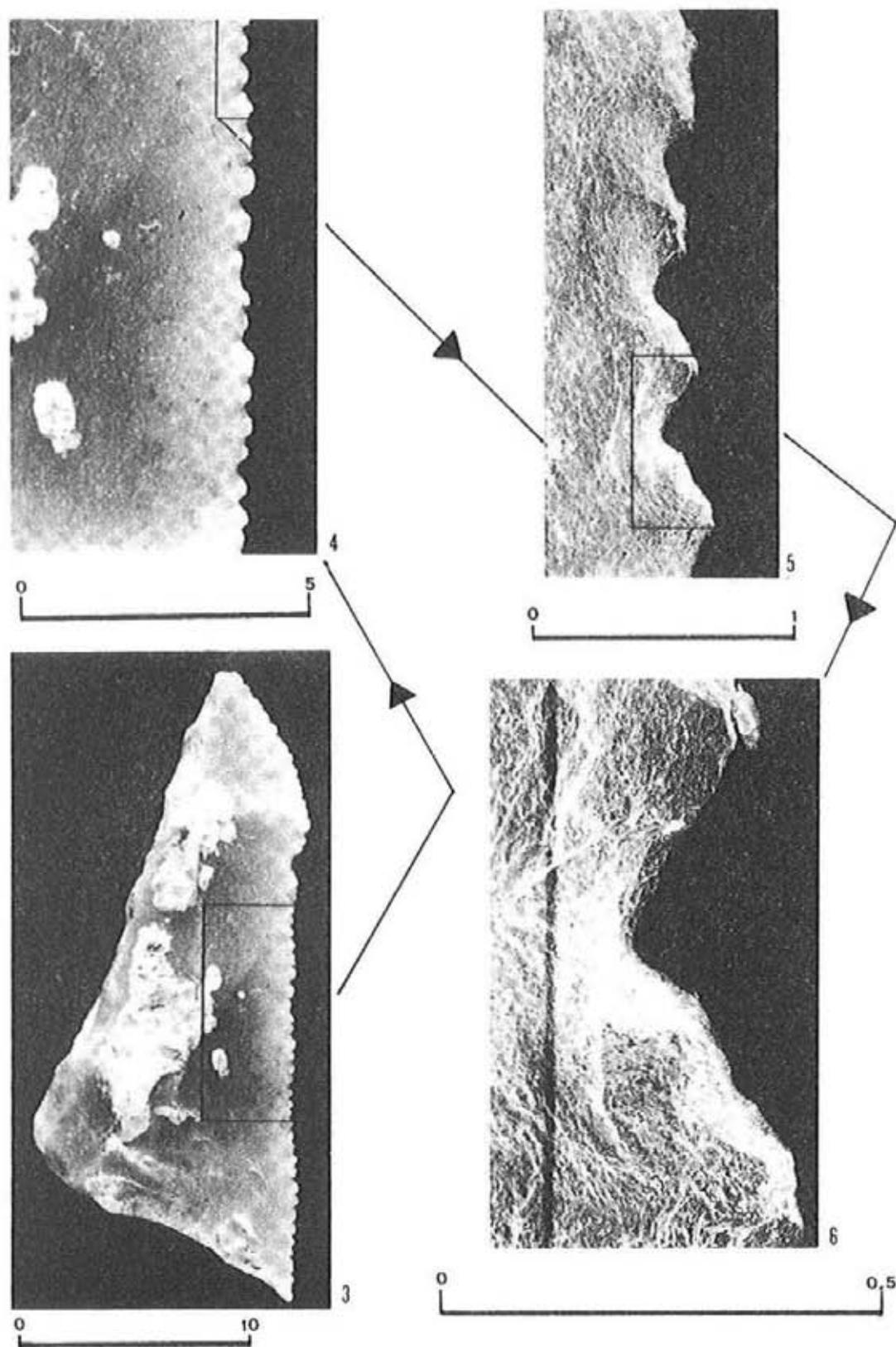
2

Fots. 1 e 2 - Aspecto actual da entrada da Lapa do Bugio (foto de J. L. Cardoso) e situação da Lapa do Bugio (ao centro da foto) na paisagem envolvente (foto de J. L. Cardoso):

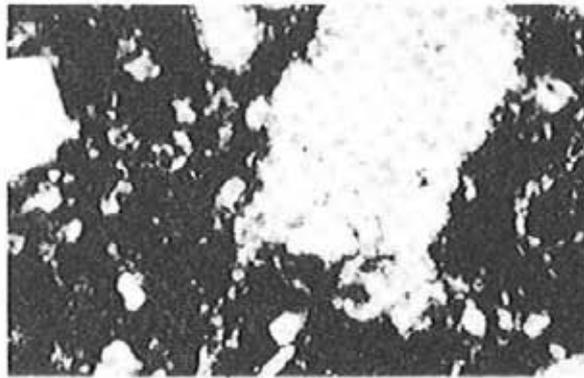


3

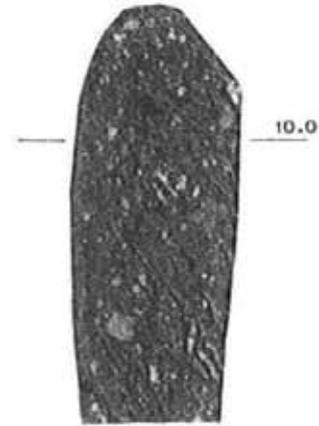
Fig. 3 - Planta e corte realizados na Lapa do Bugio, no final da campanha de escavações de 1966 (in MONTEIRO *et al.*, 1971).



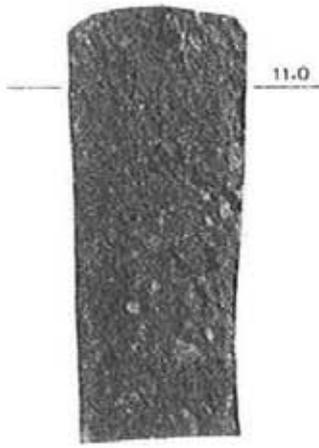
Fots. 3 a 6 - Pormenores do gume do micrólito figurado na Est. 13, nº 14, proveniente possivelmente da sep. 9 (fotos 3 e 4 de G. Cardoso; fotos 5 e 6 de J. Pais, obtidas no microscópio electrónico de varrimento do Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa). (Dimensões em mm).



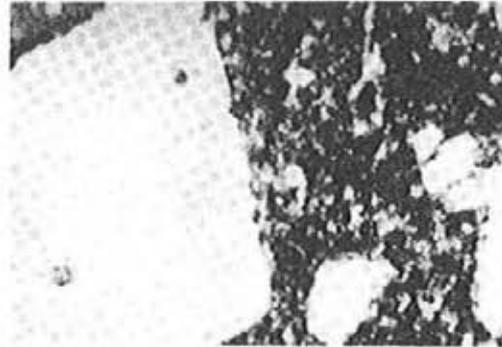
7



8



9



10

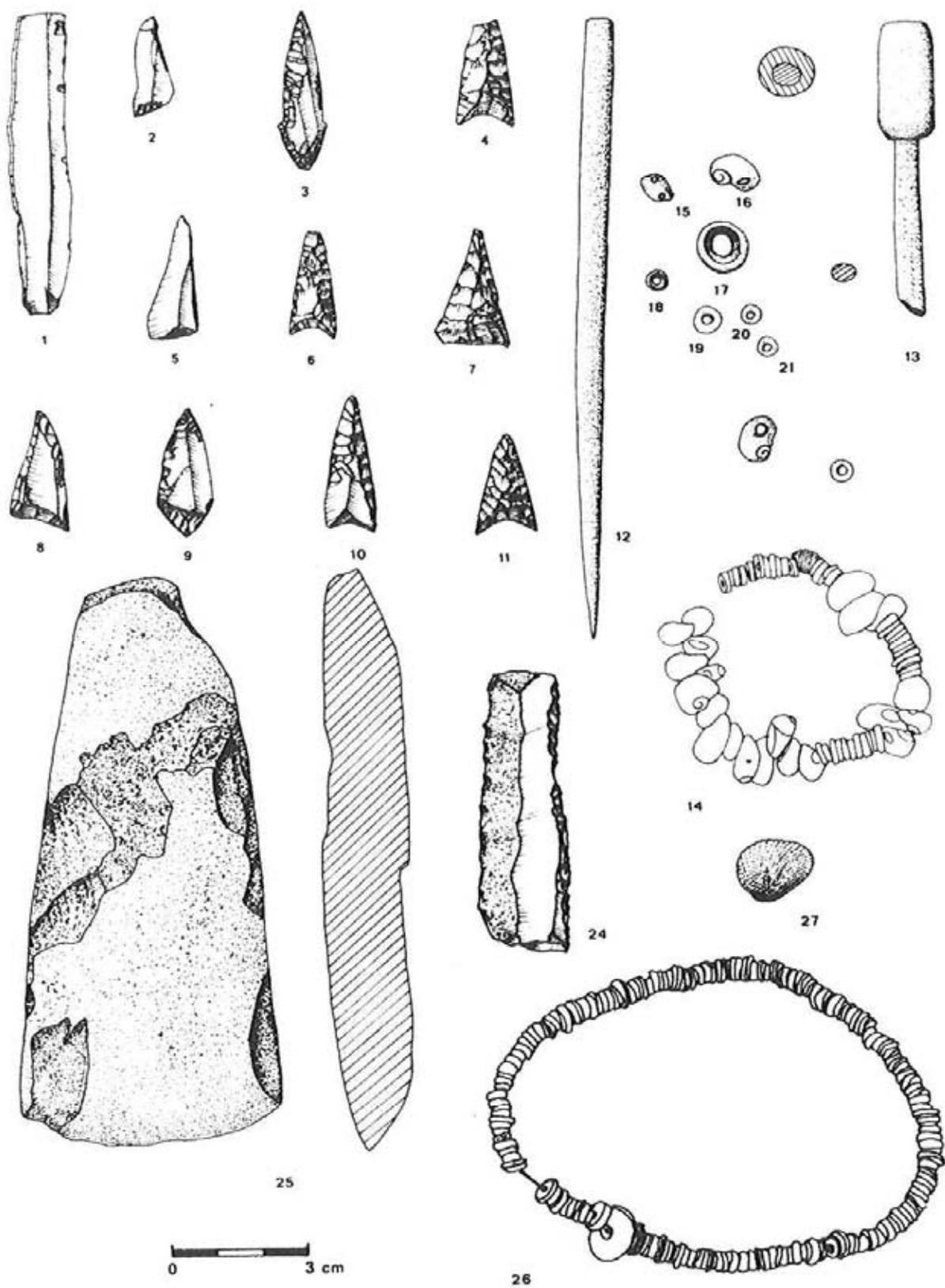


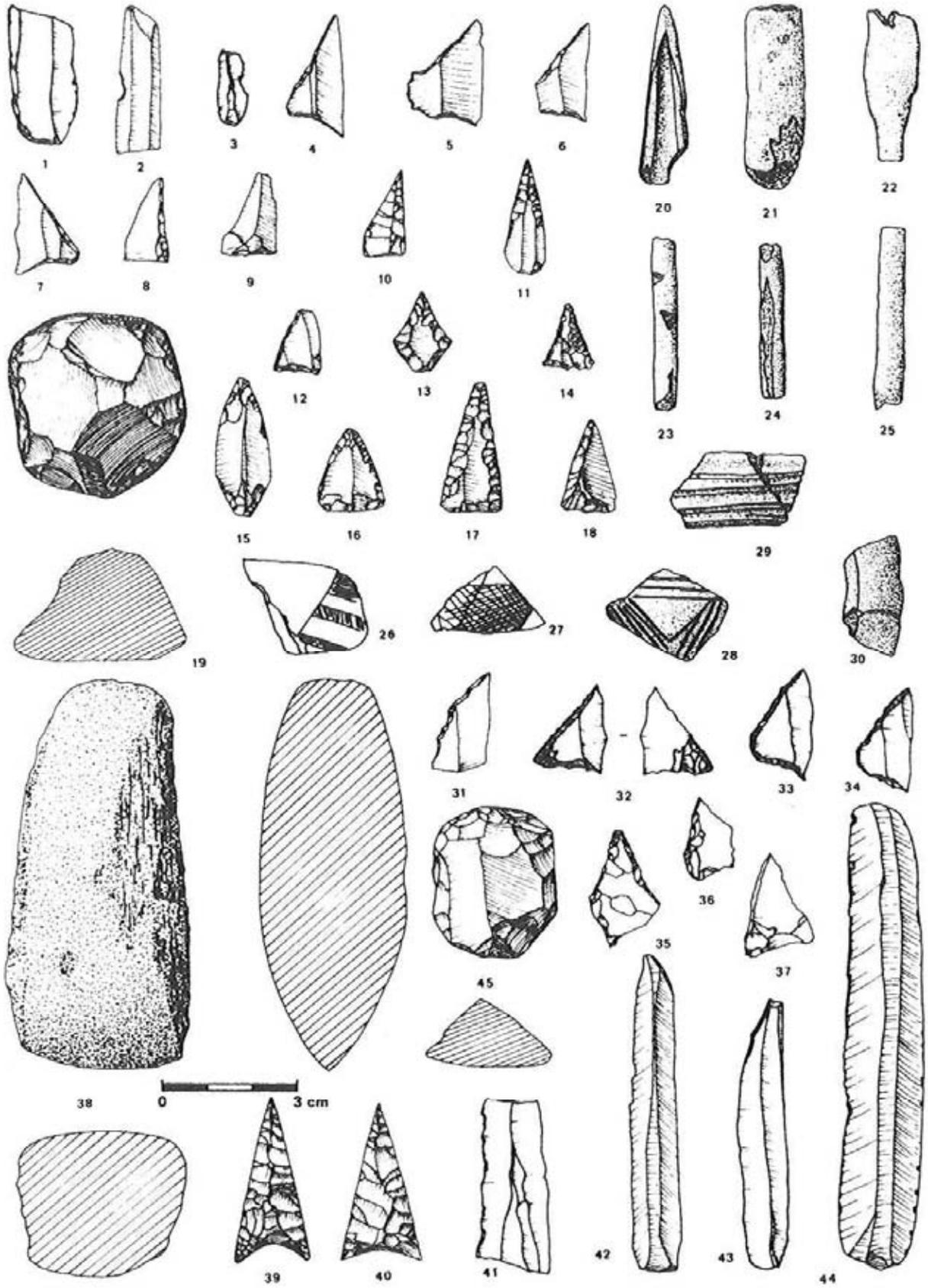
11

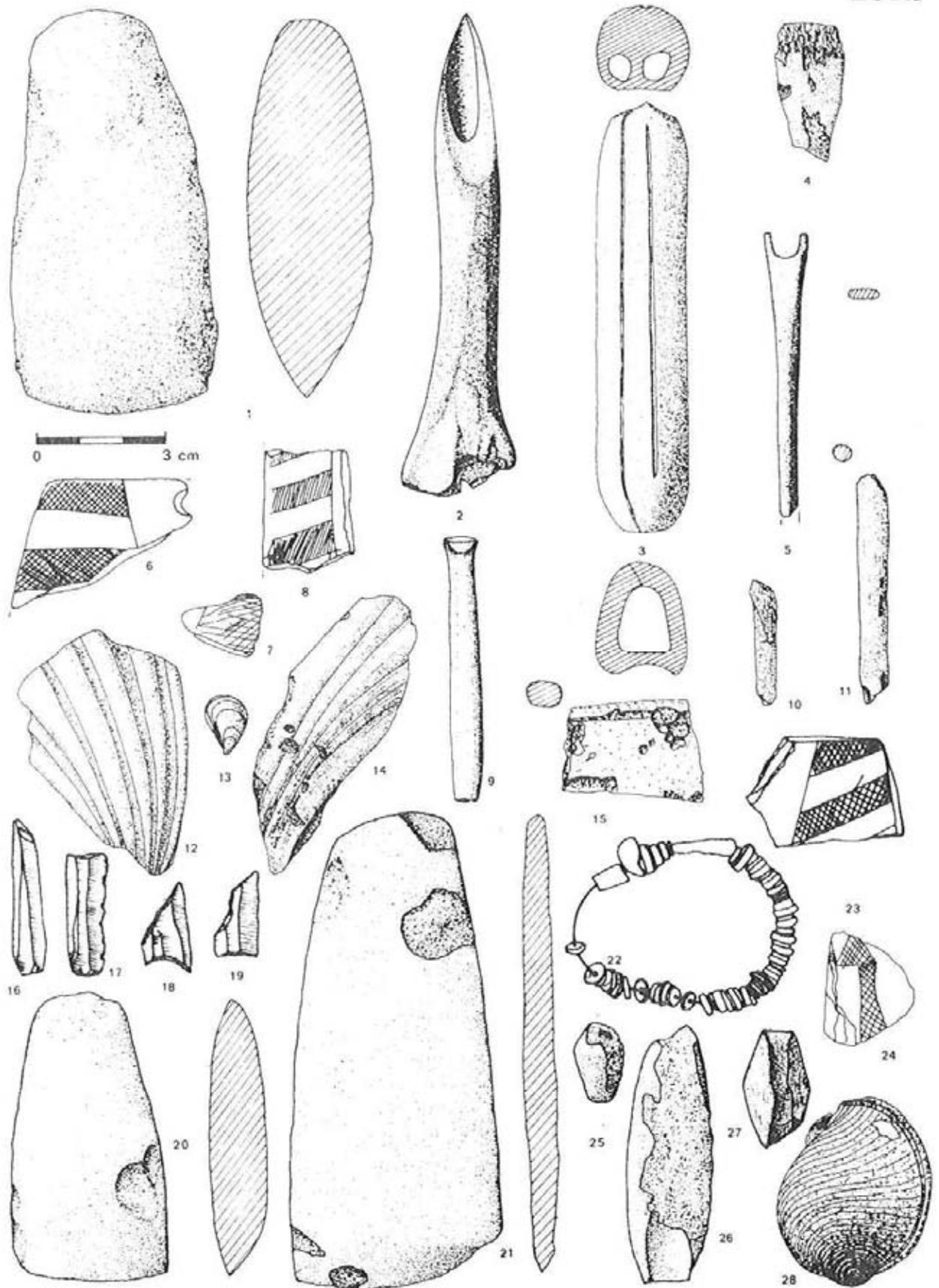


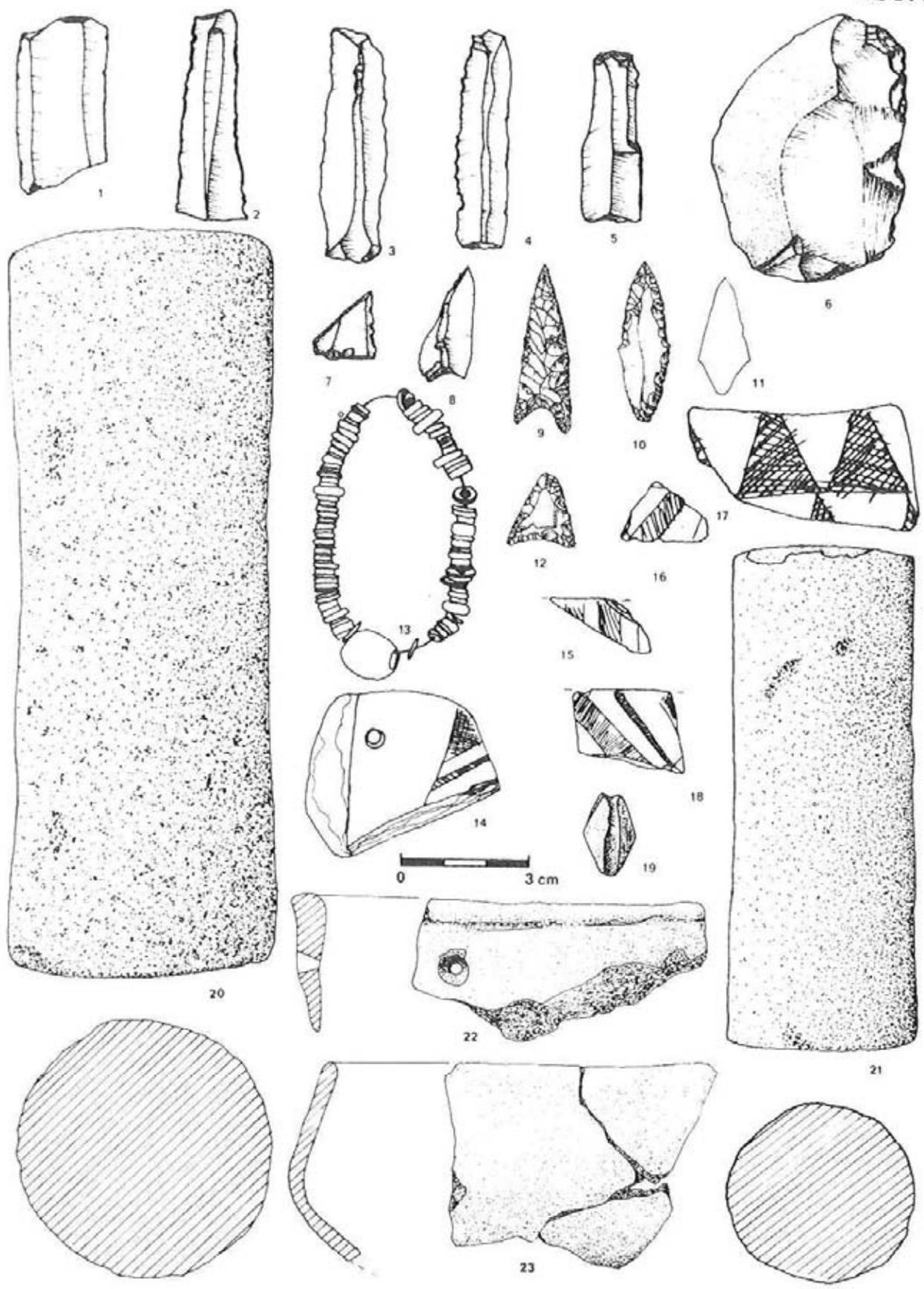
12

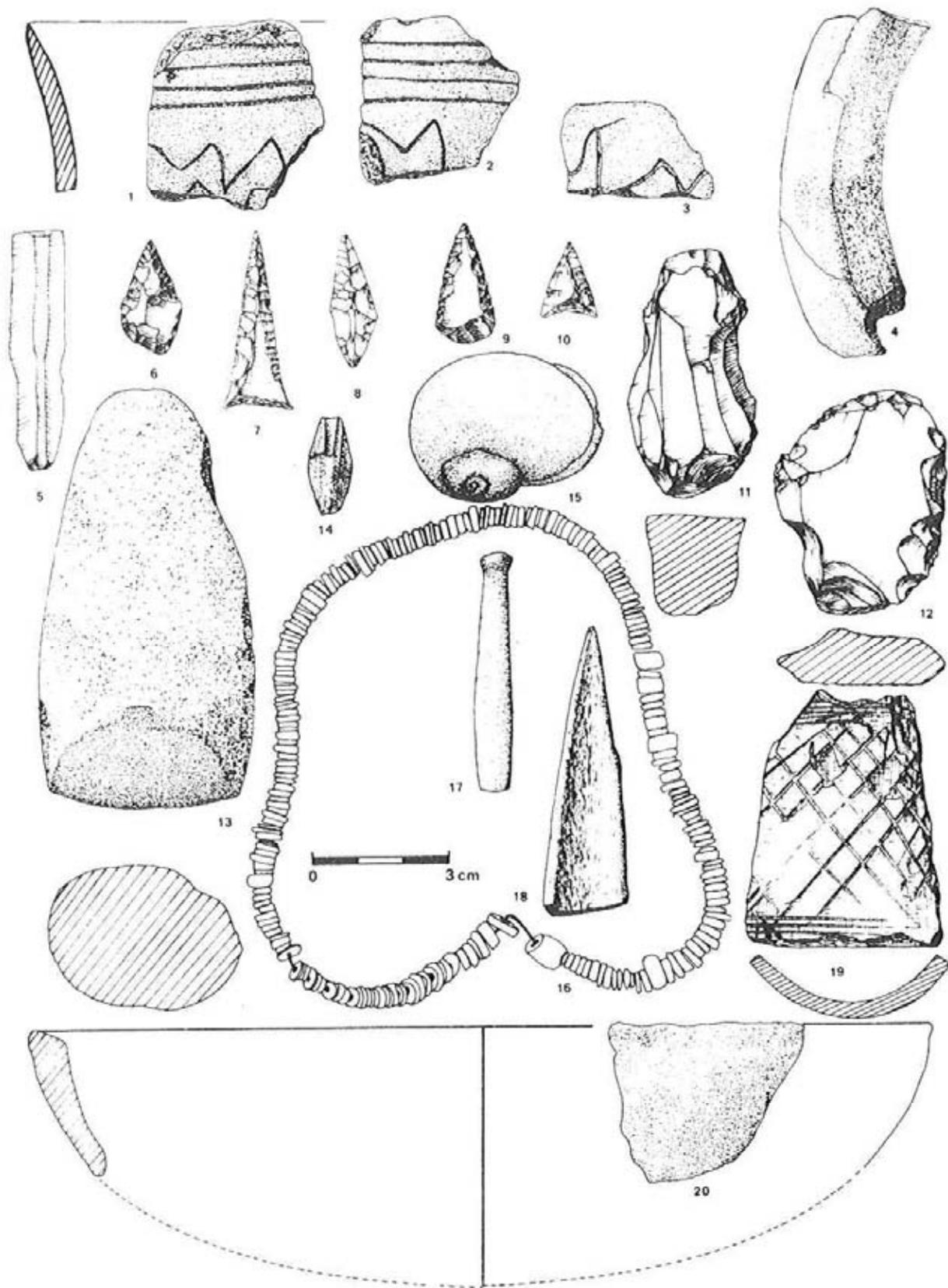
Fots. 7 e 8 - Microfotografia (7) e macrofotografia da amostra de cerâmica BB. Fot. 7 - cristais de anfíbola e de plagioclase cálcica, indicando como origem da matéria-prima uma rocha básica (foto de A. Pinto Coelho). Fot. 8 - vista de secção transversal do fragmento cerâmico (foto de J. L. Cardoso).  
Fots. 9 e 10 - Macrofotografia (9) e microfotografia (10) da amostra de cerâmica BE. Fot. 9 - vista de secção transversal do fragmento cerâmico (foto de J. L. Cardoso). Fot. 10 - grãos de calcário de dimensões diversas e de contorno anguloso, dispersos na pasta (foto de A. Pinto Coelho).  
Fots. 11 e 12 - Microfotografia (11) e macrofotografia da amostra de cerâmica BJ, pertencente ao mesmo vaso que os fragmentos representados na Est. 50, nº 4. Fot. 11 - pasta muito deficientemente calibrada, com grande cristal de quartzo com abundantes inclusões (foto de A. Pinto Coelho). Fot. 12 - vista de secção transversal do fragmento cerâmico (foto de J. L. Cardoso). (Dimensões em mm).

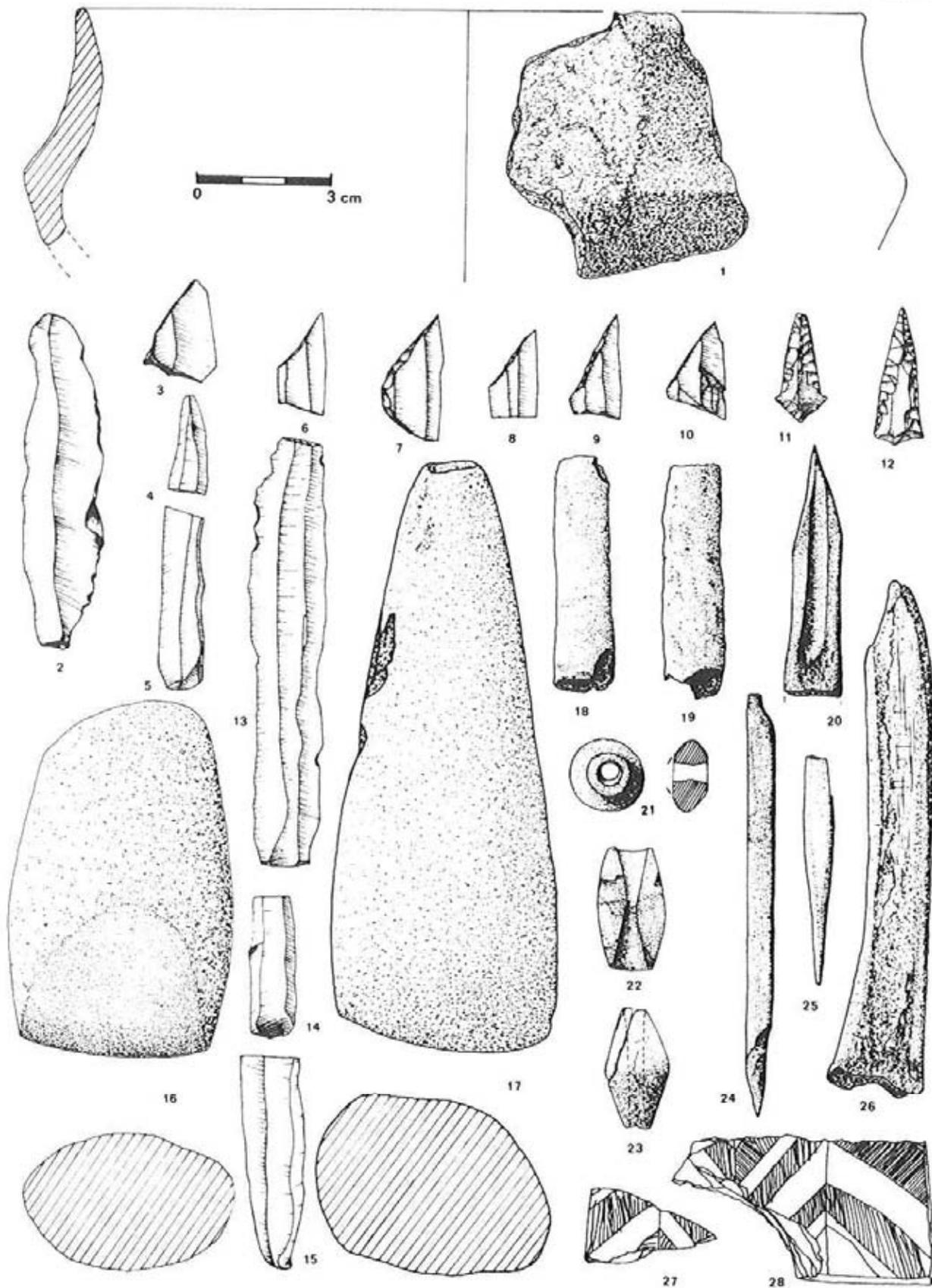


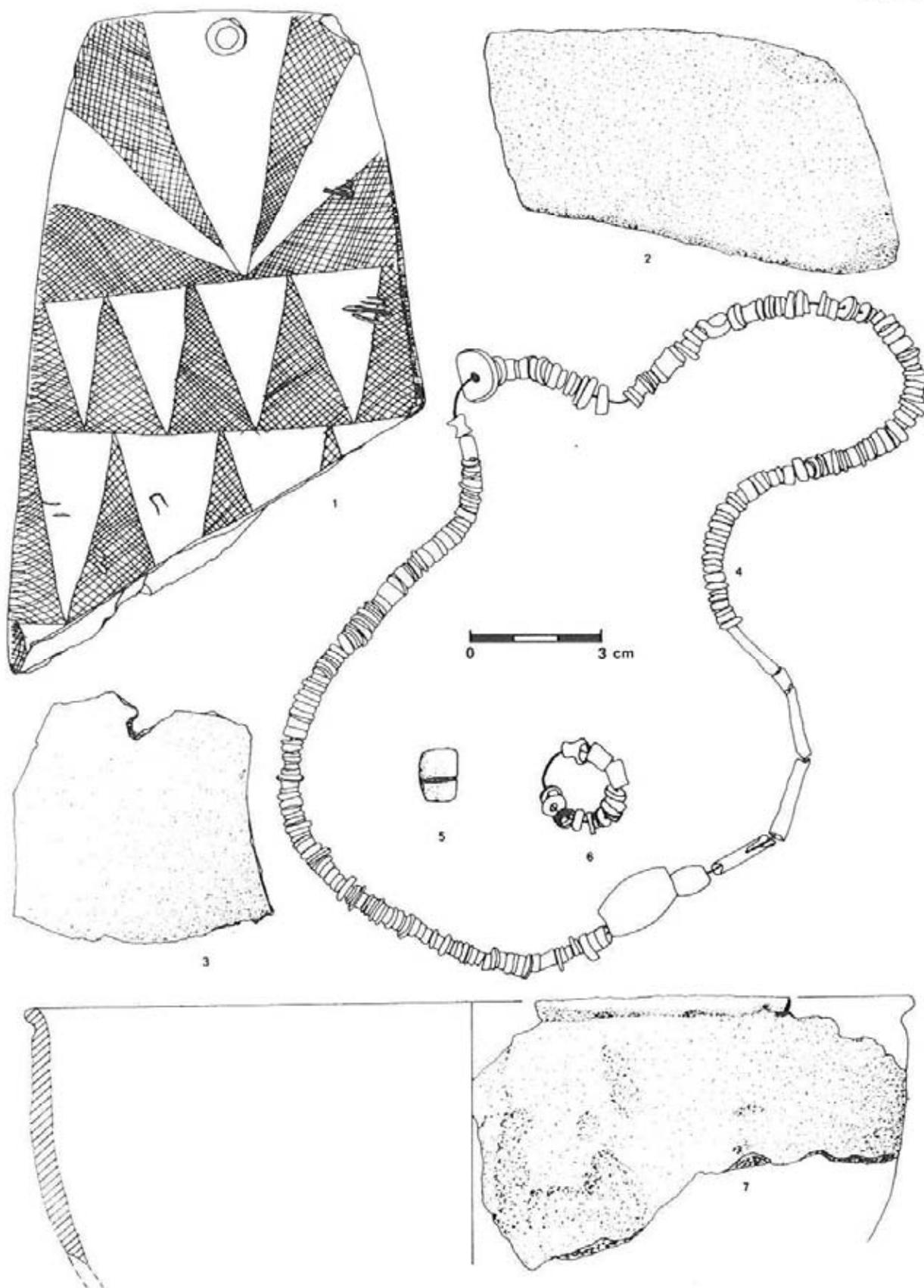




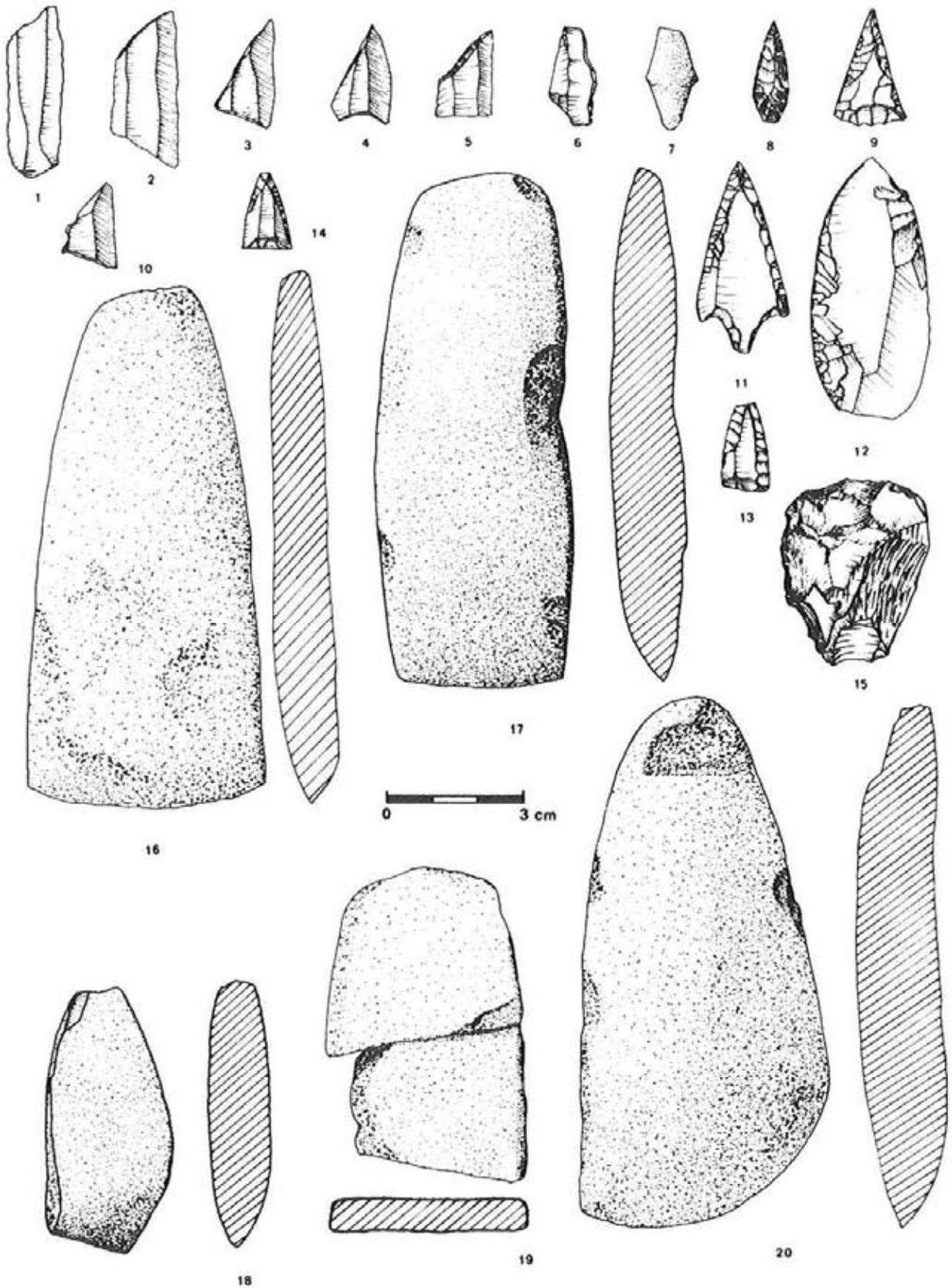


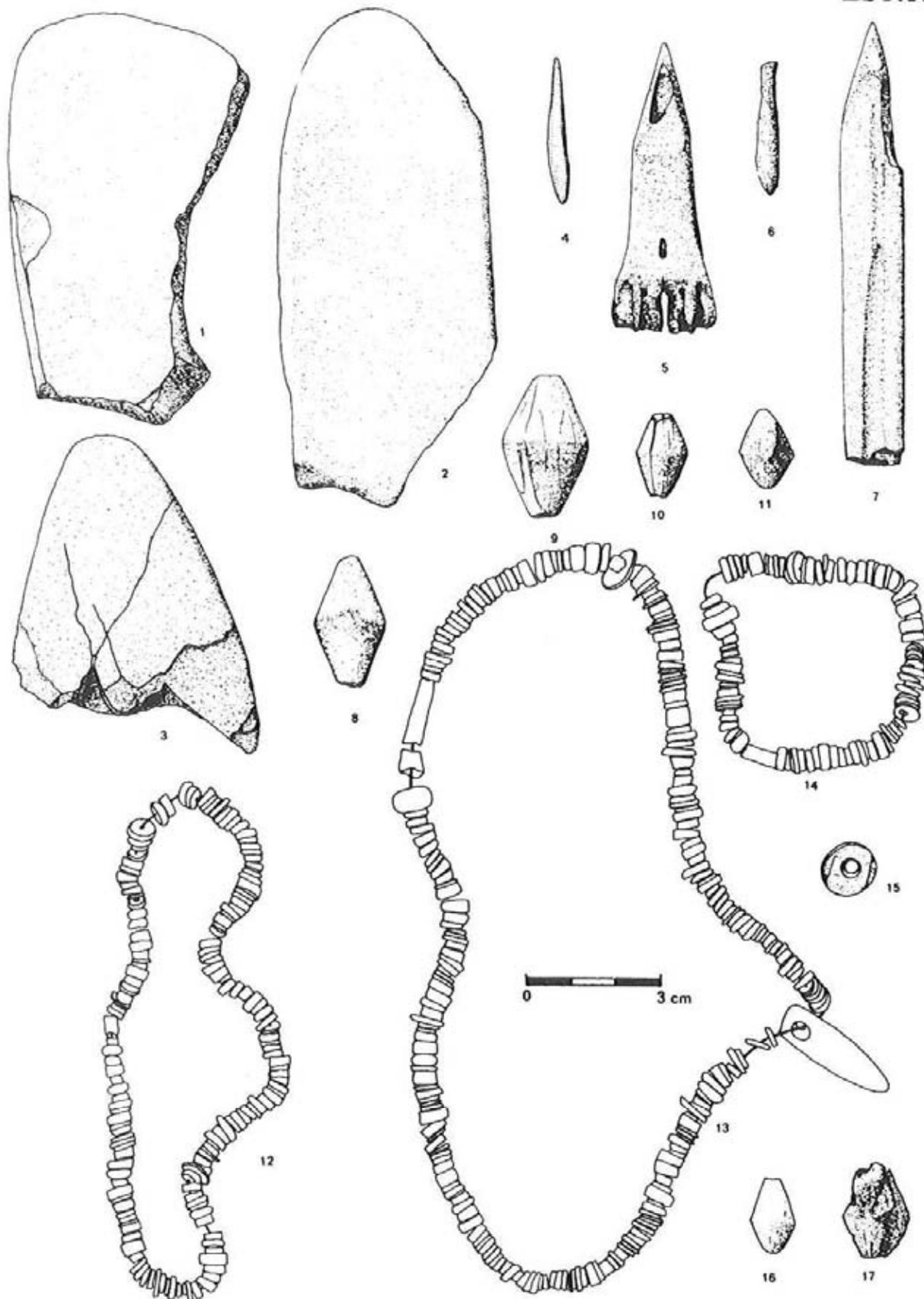




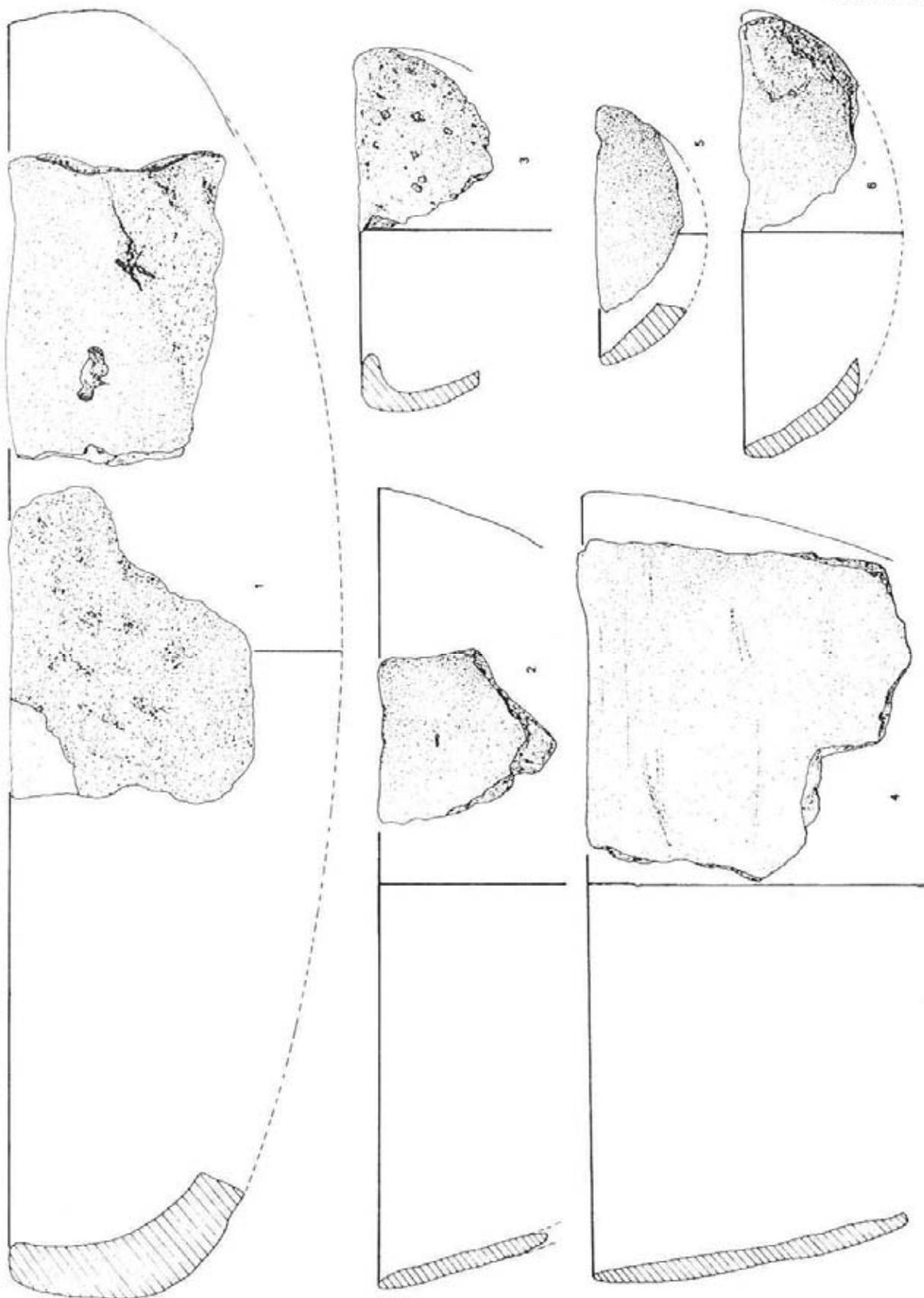


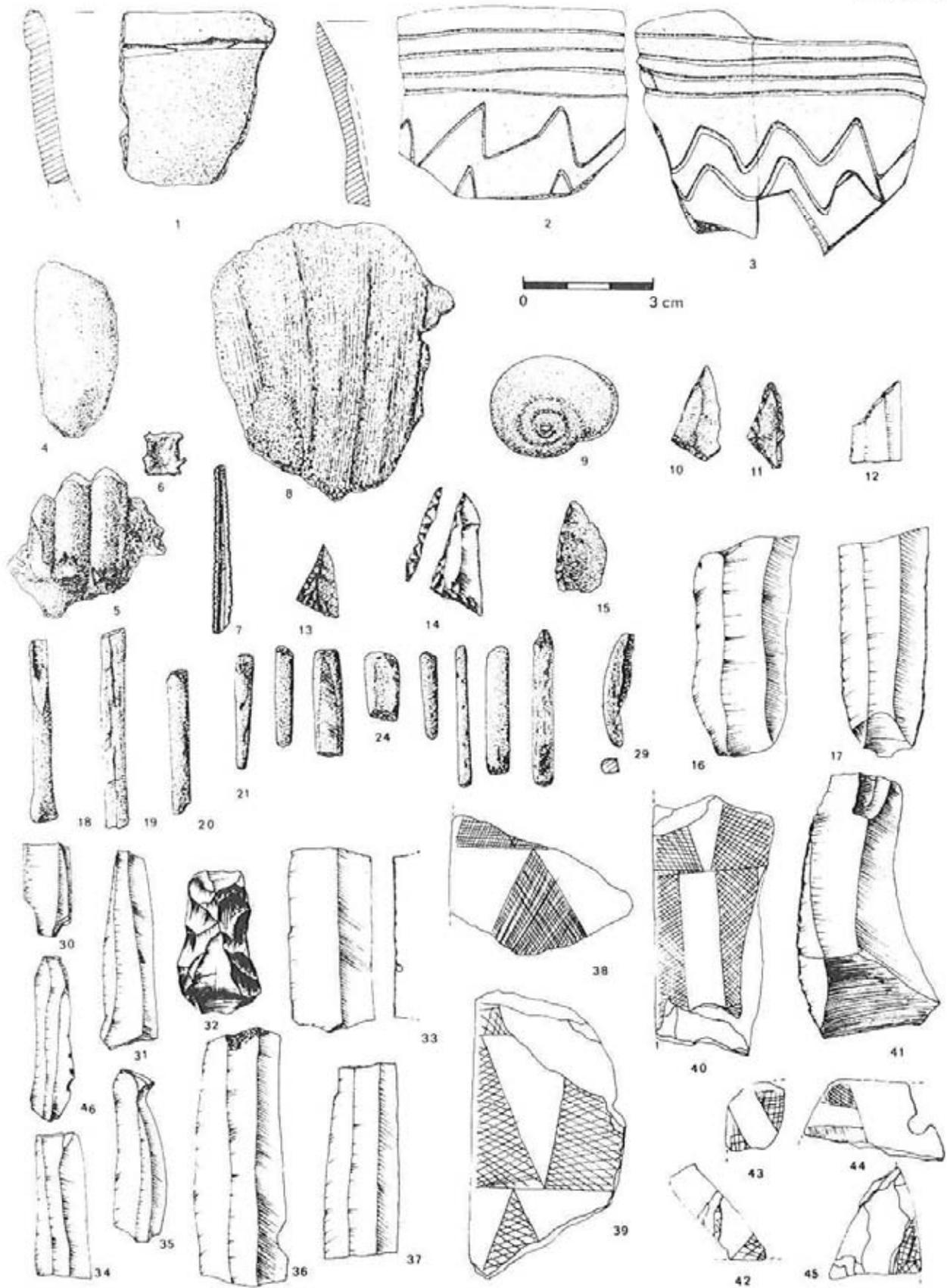


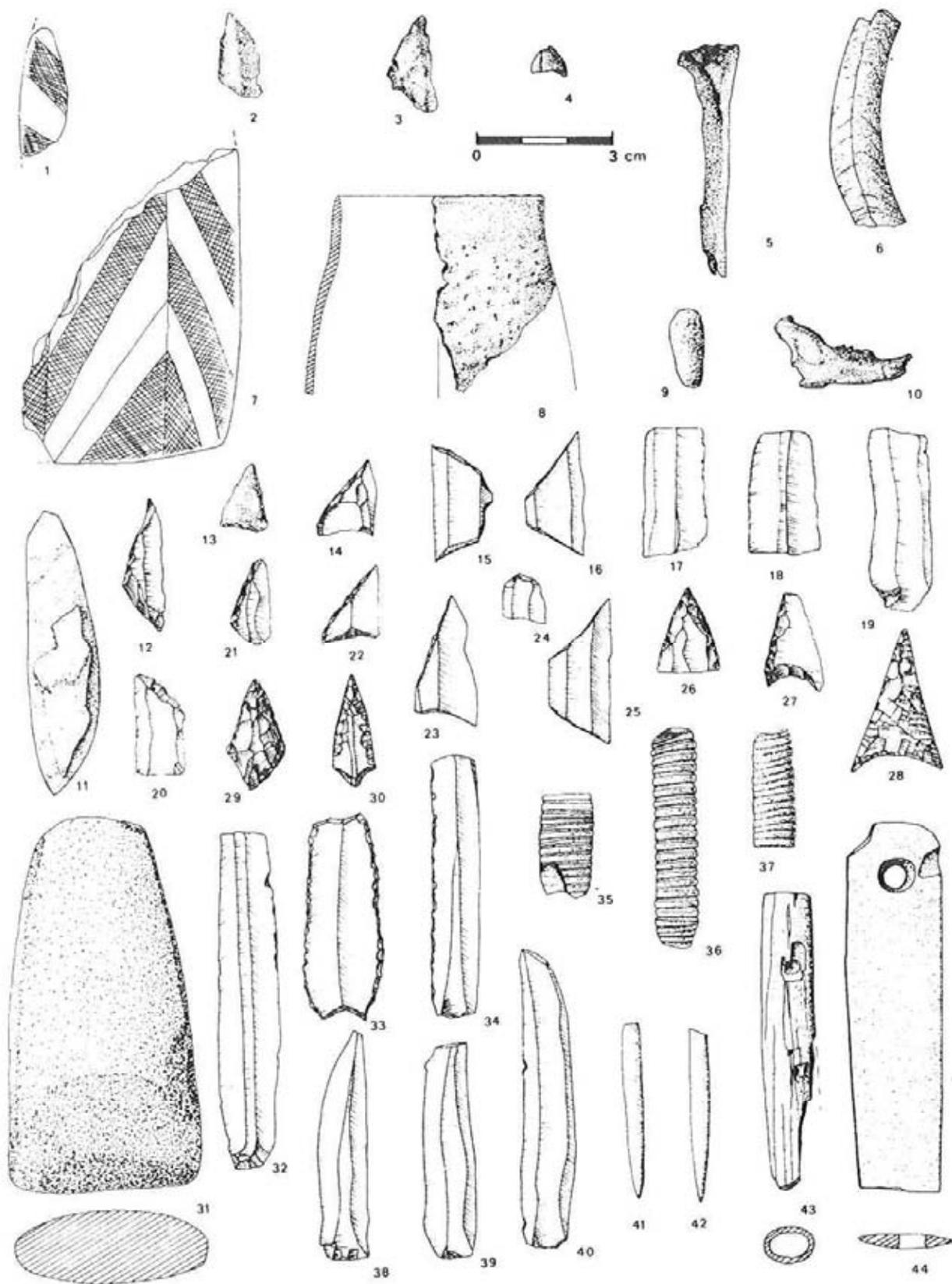




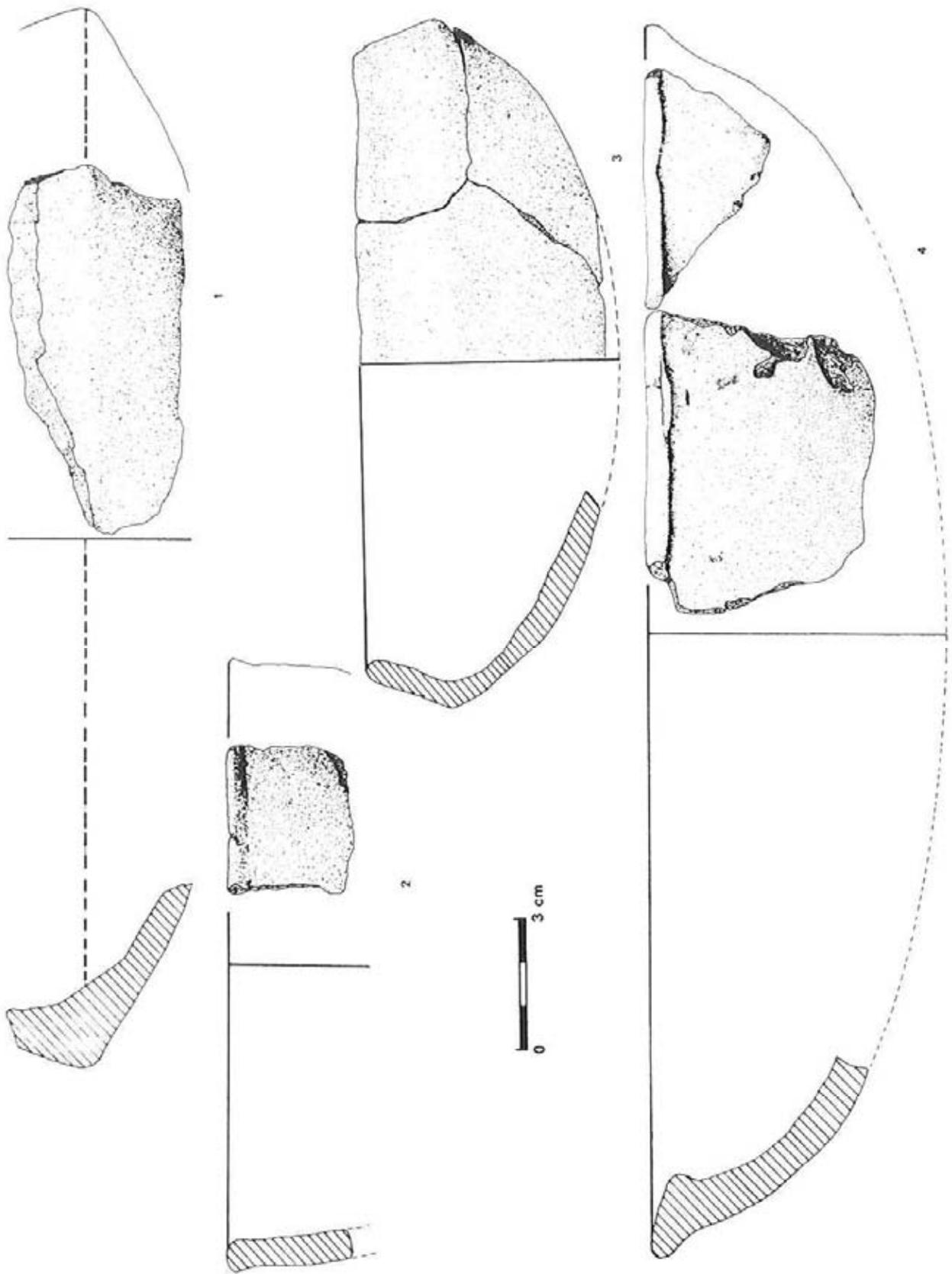
EST.12

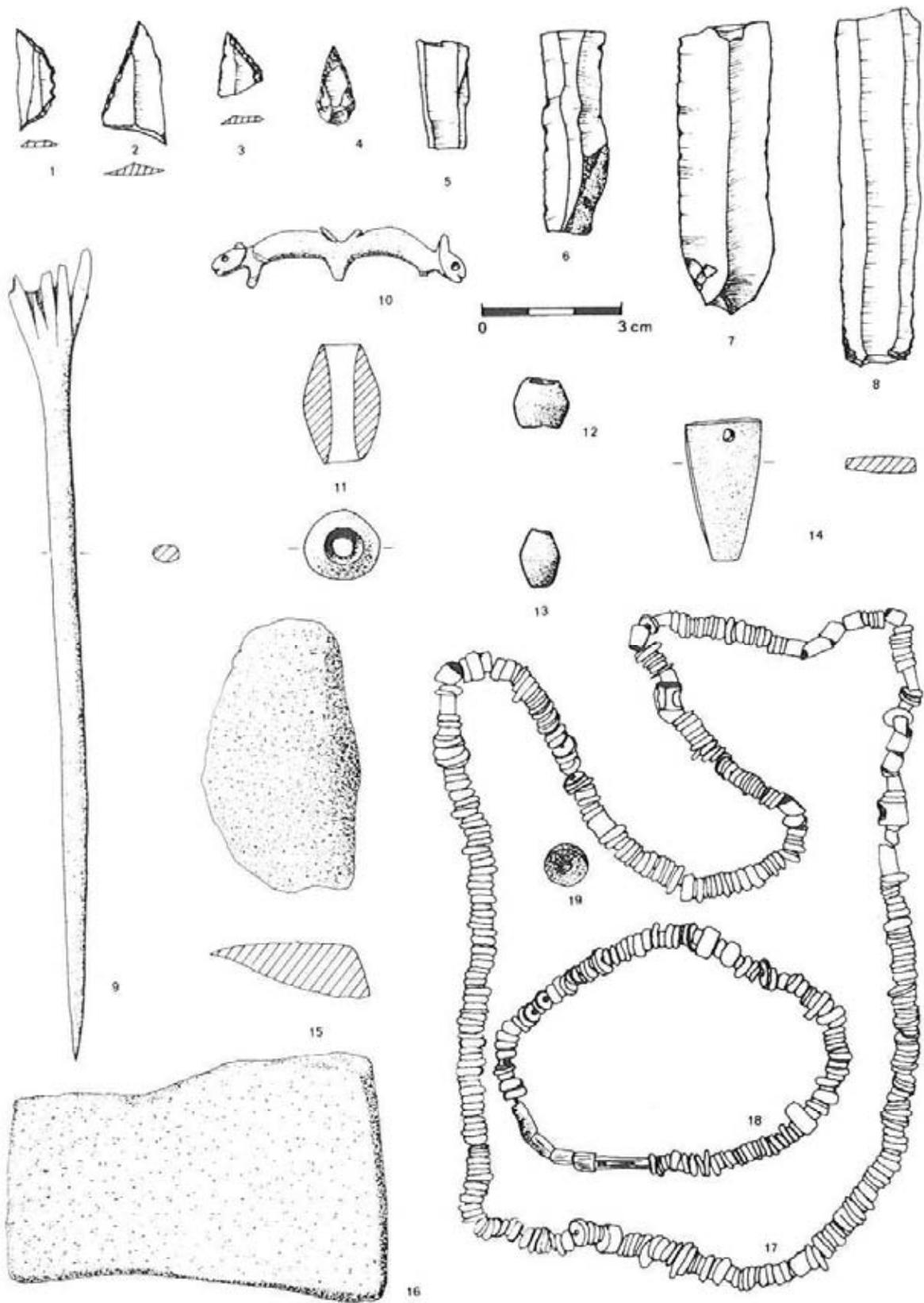


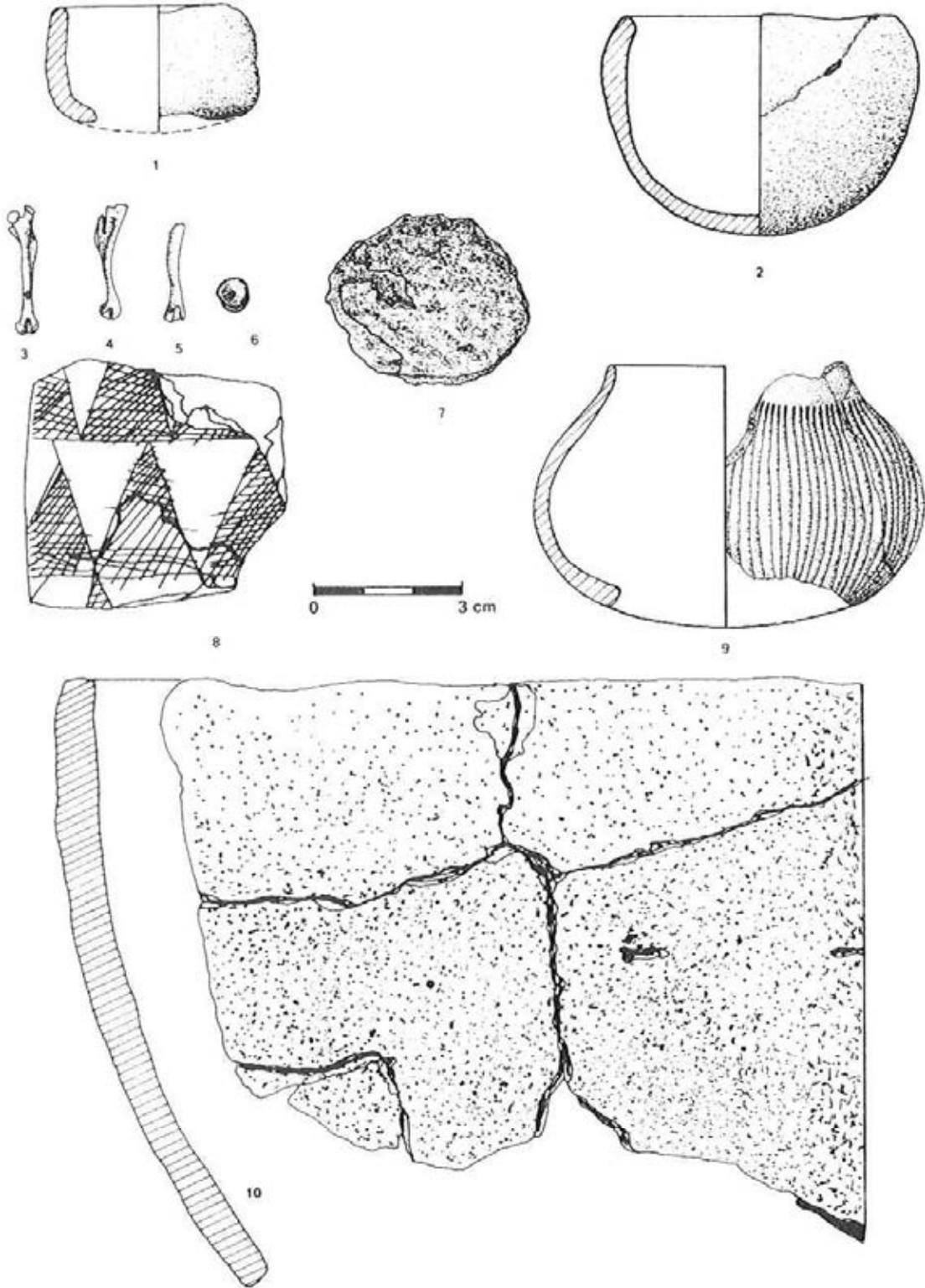


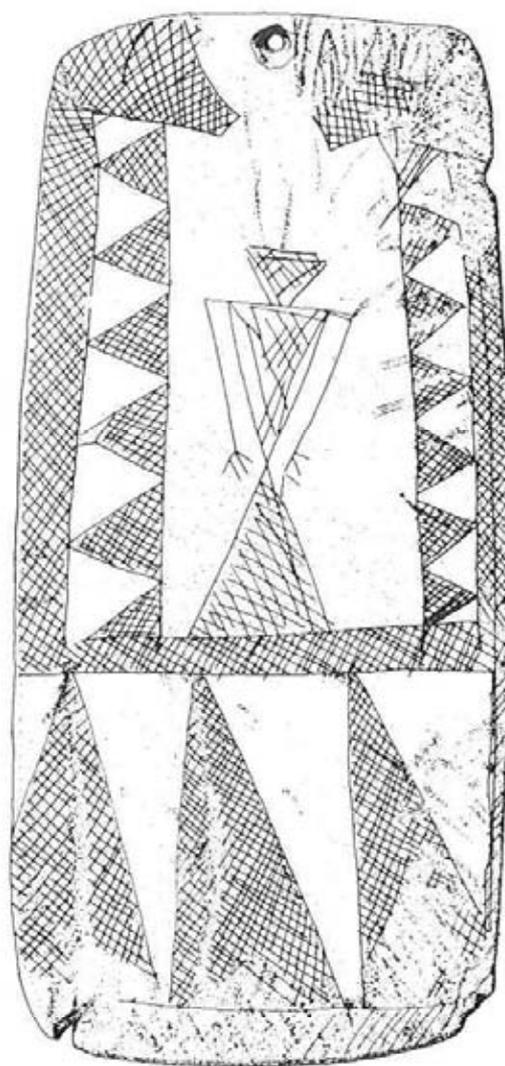
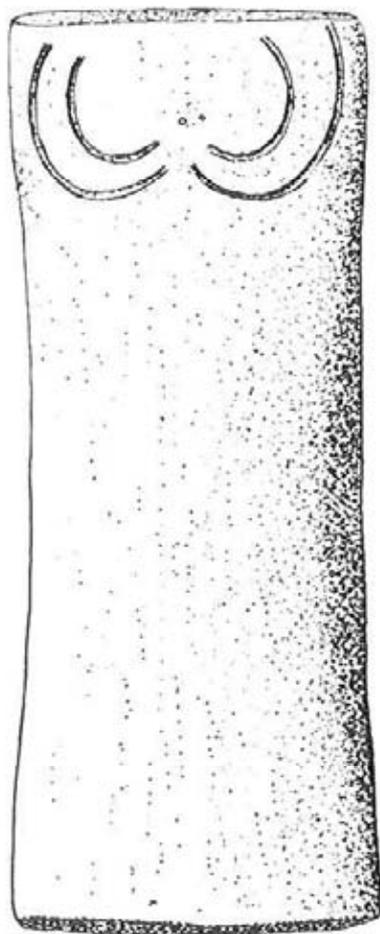


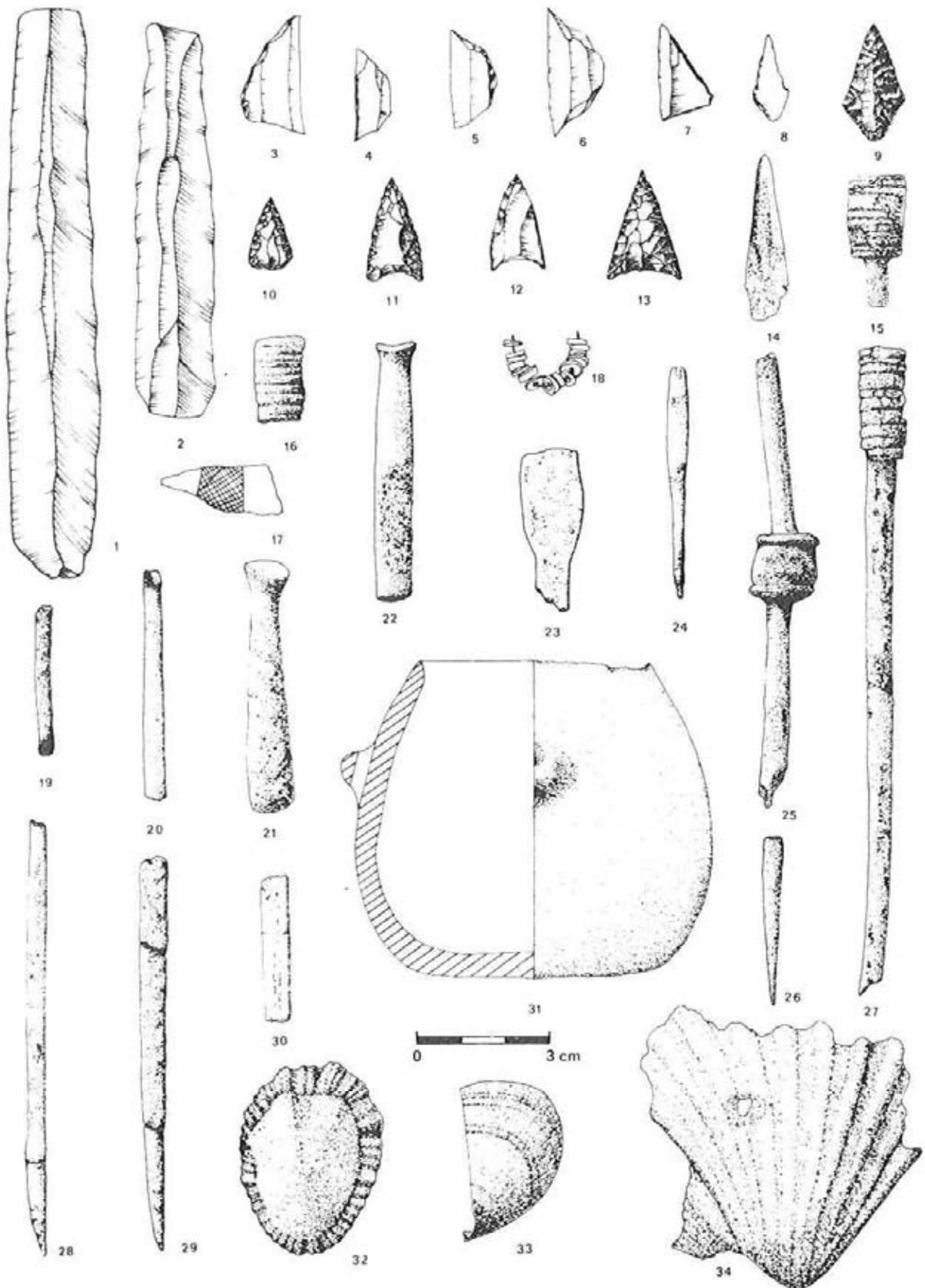


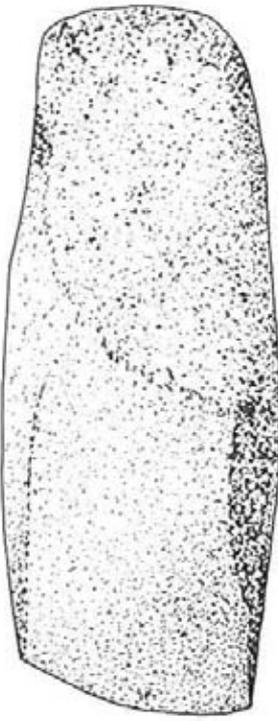




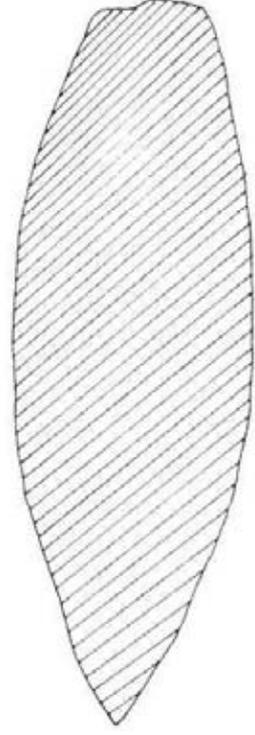
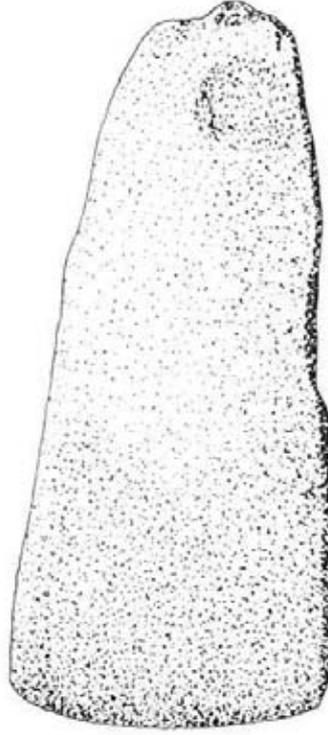




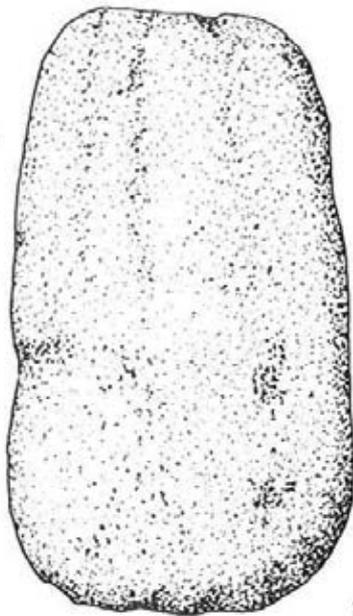




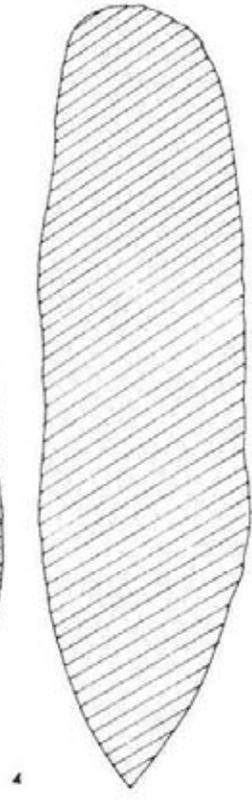
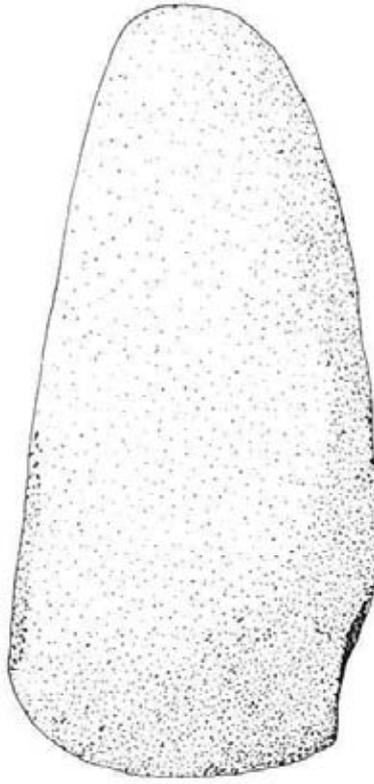
1



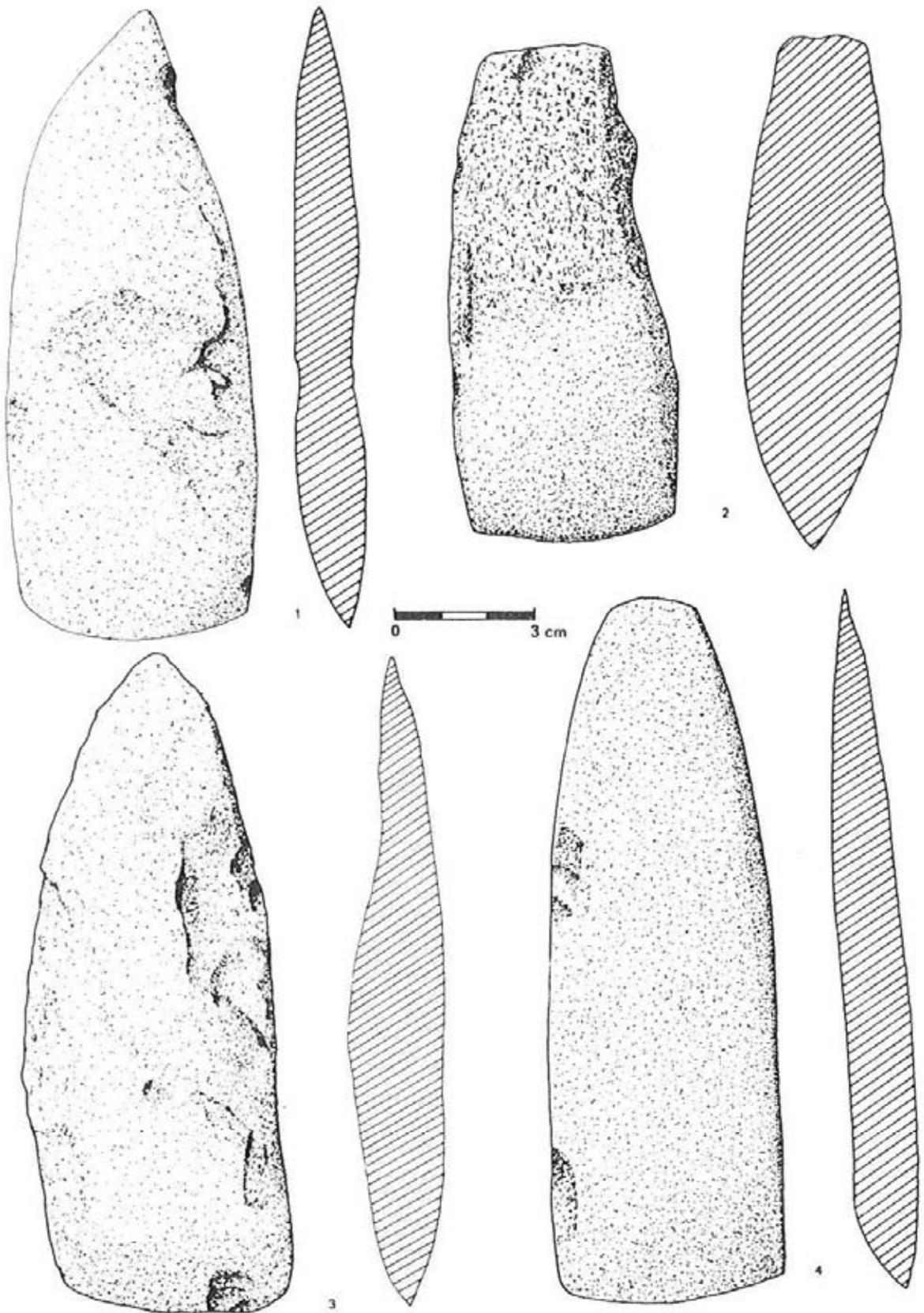
2

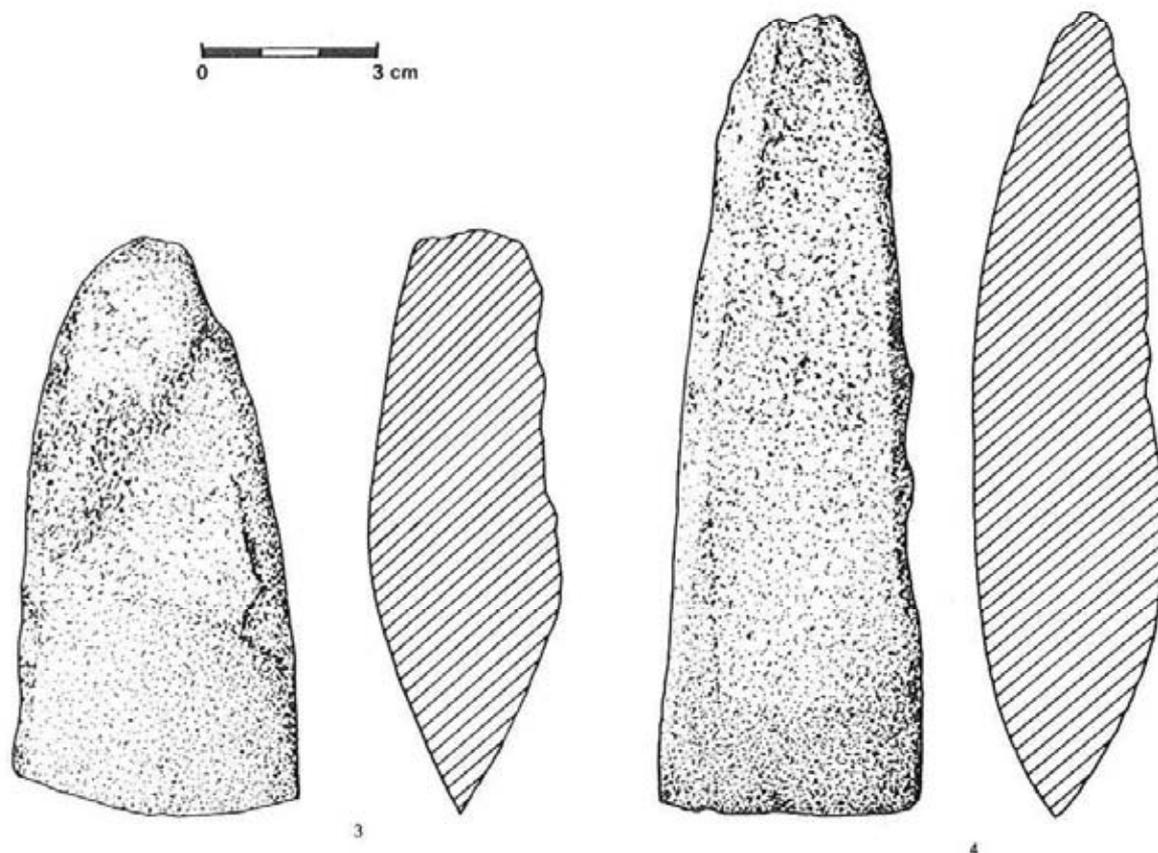
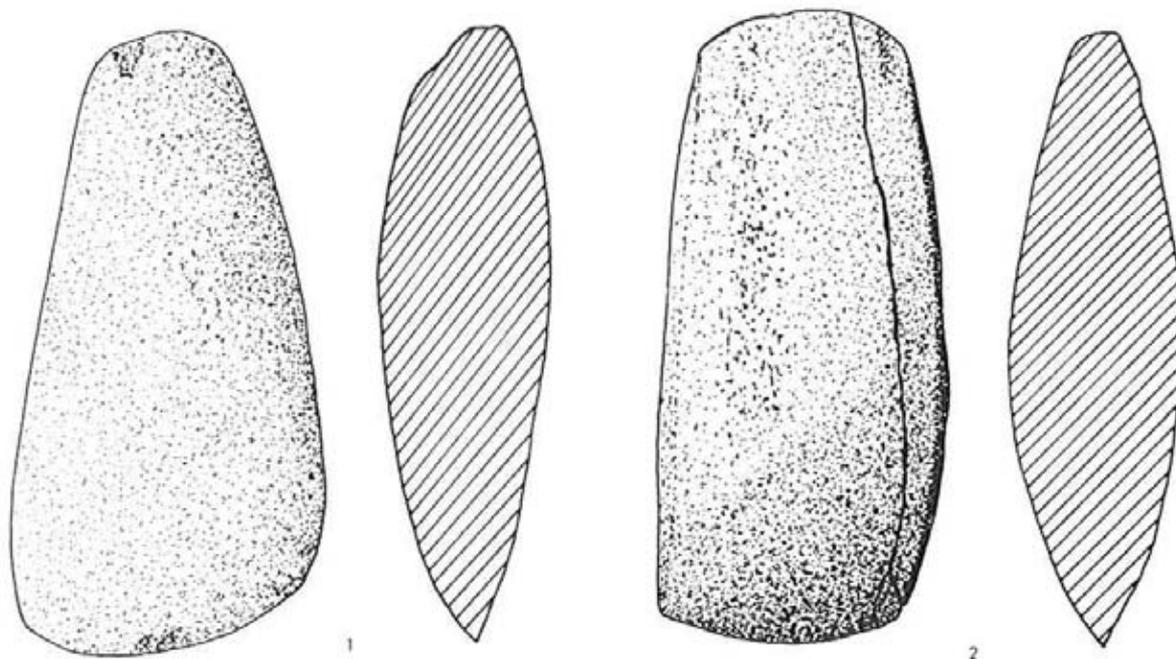


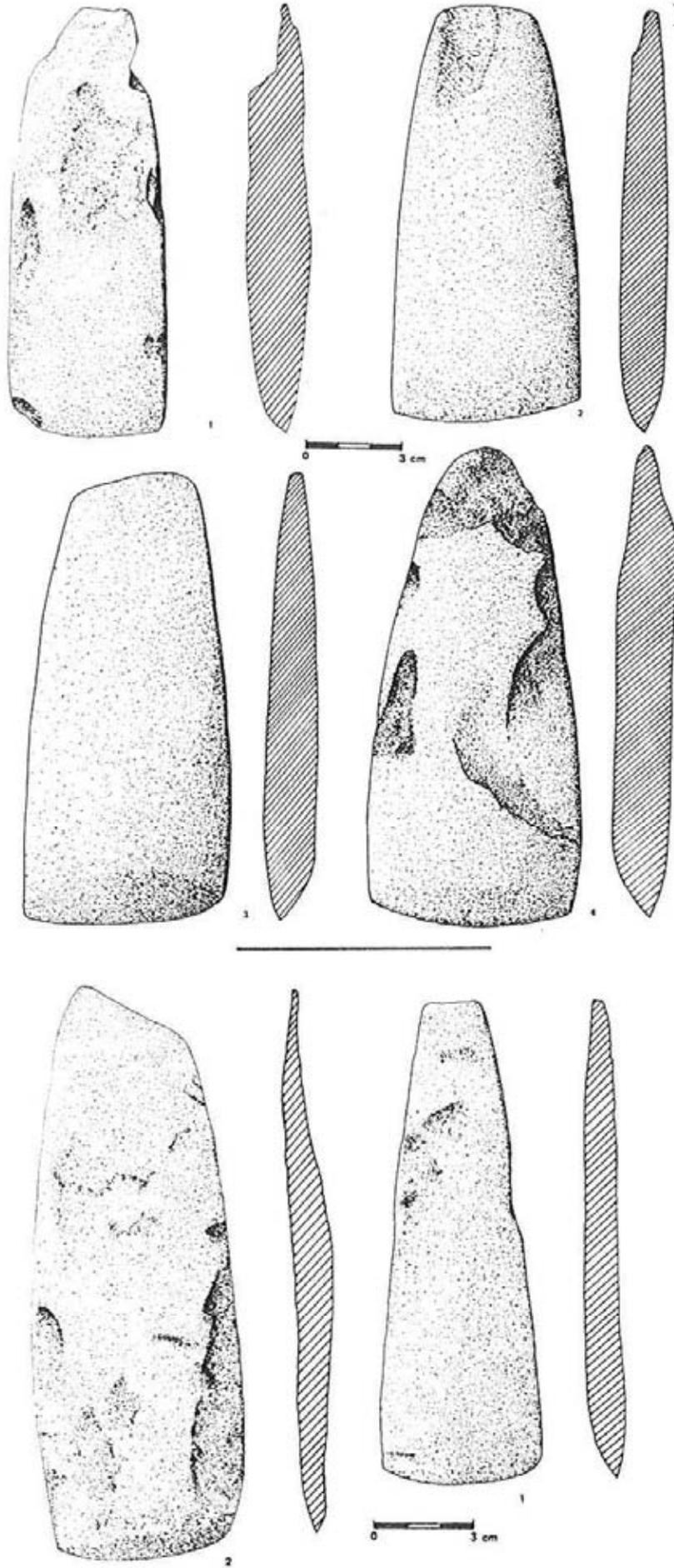
3

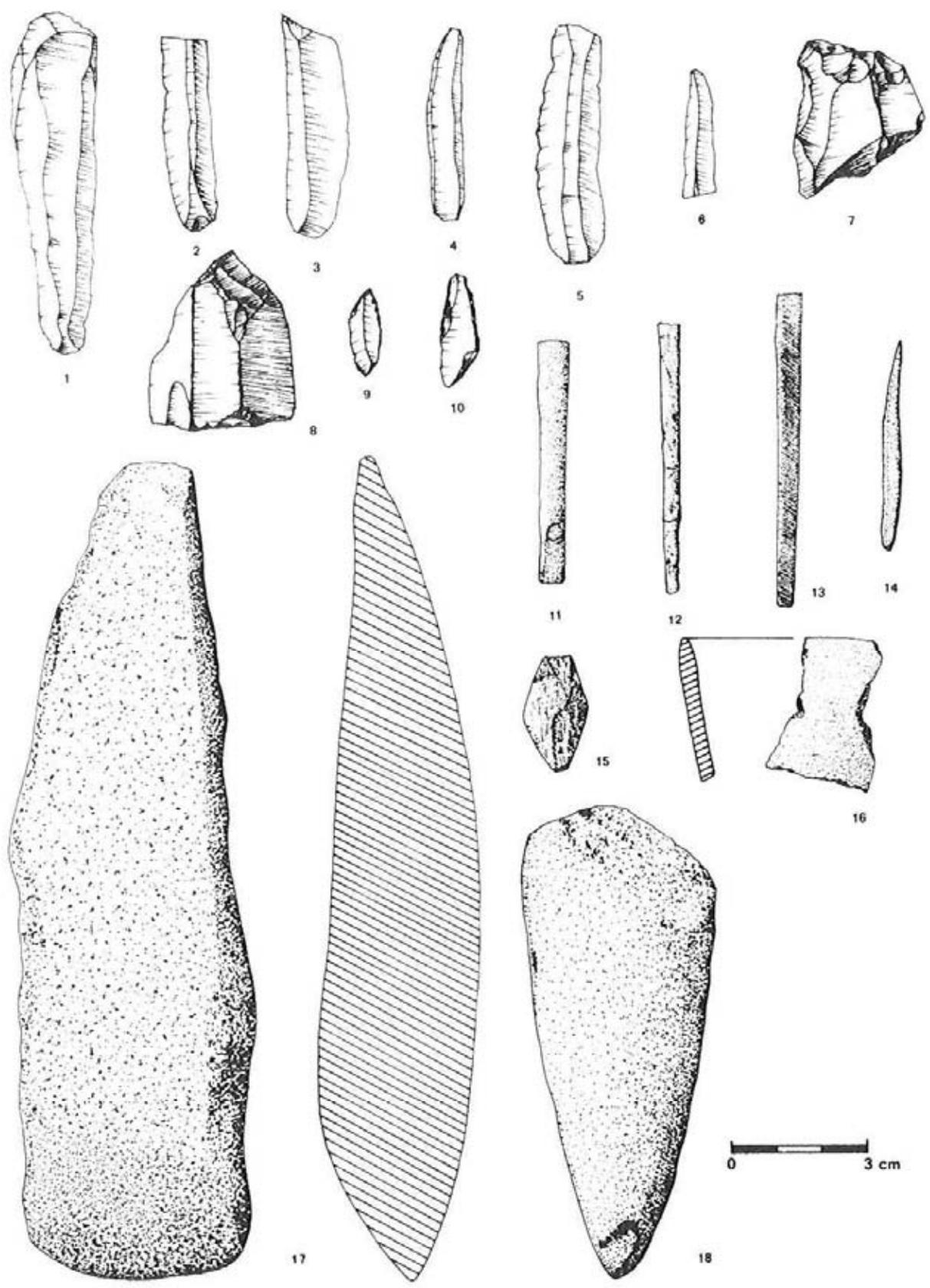


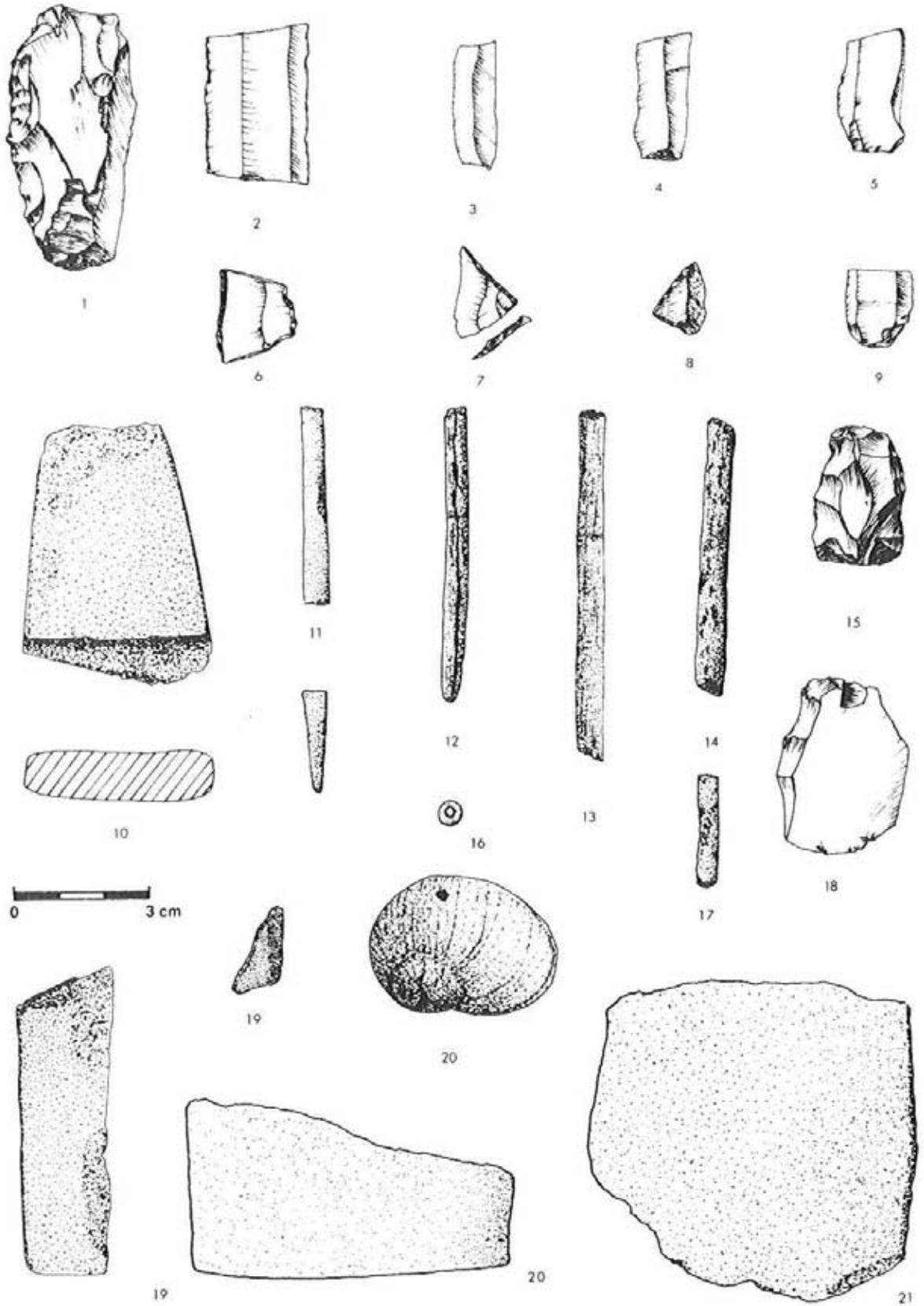
4

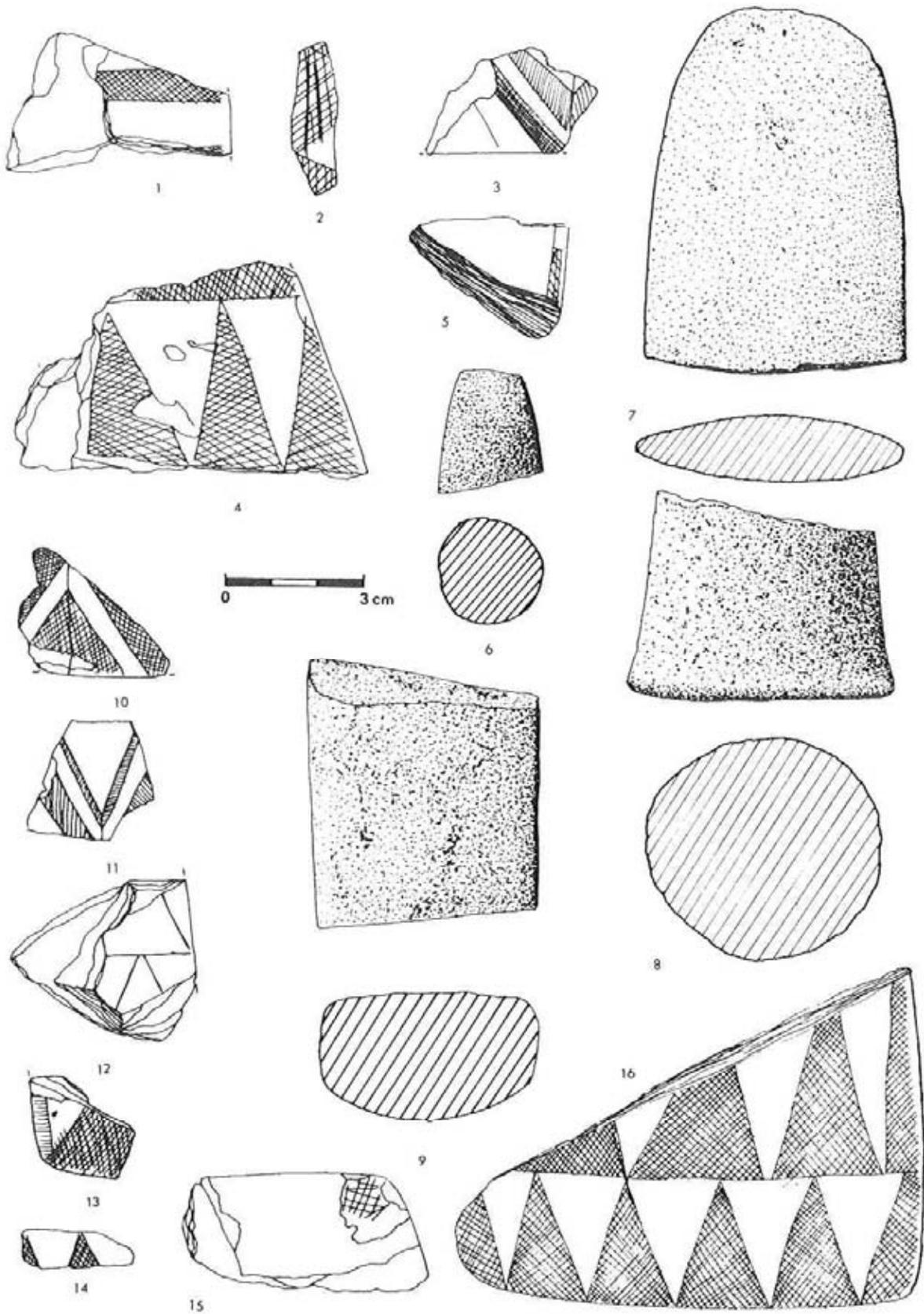


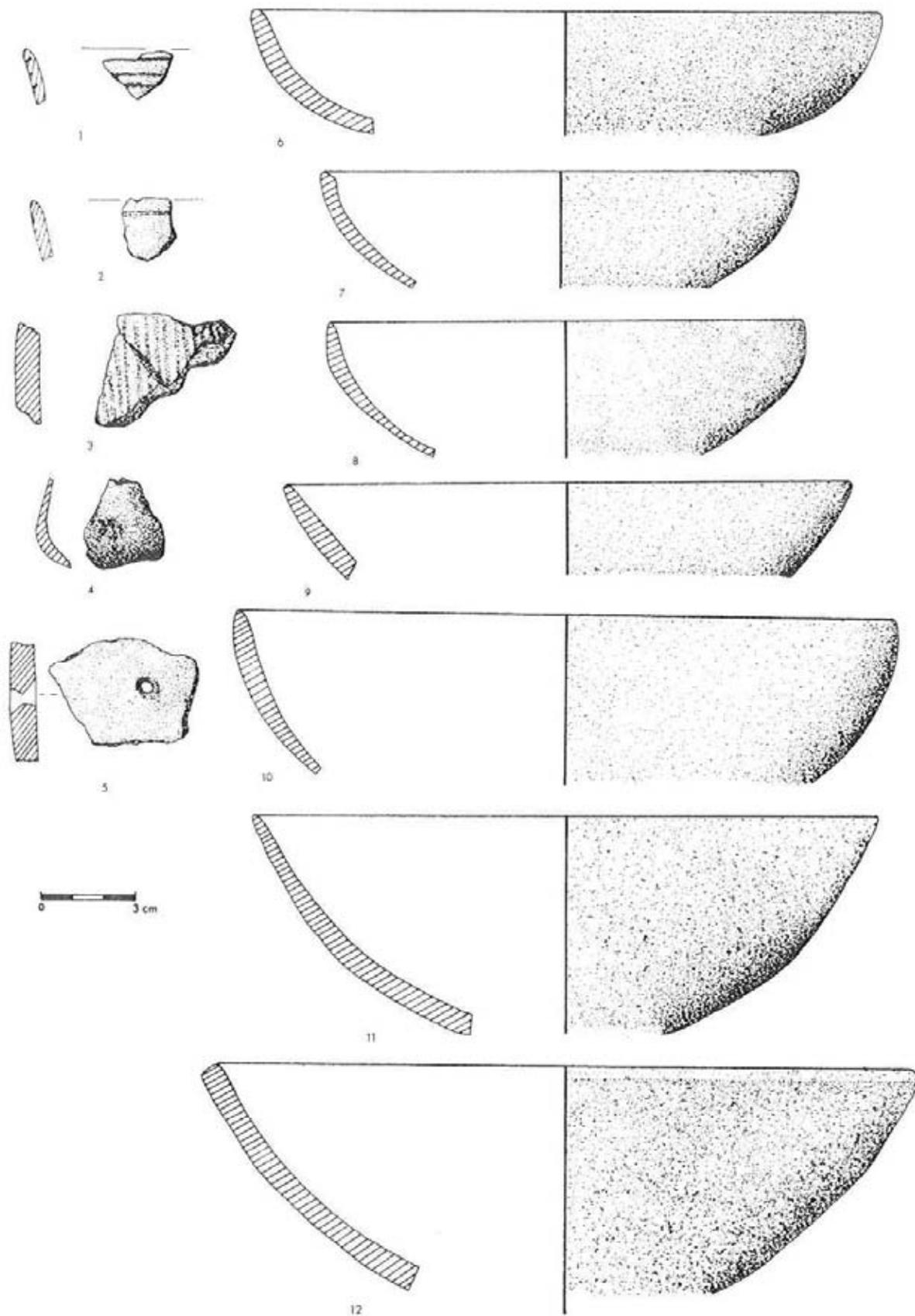






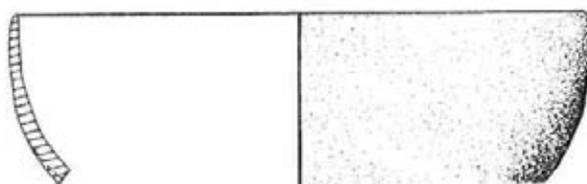




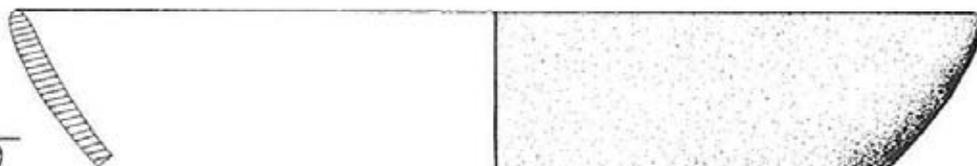




1



2



3



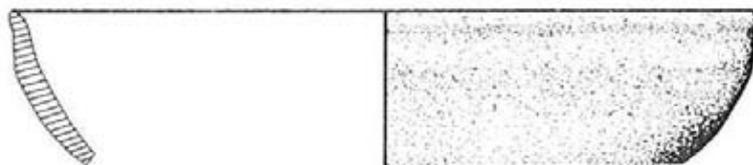
4



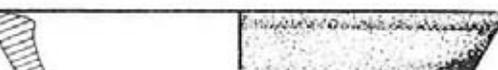
5



6



7



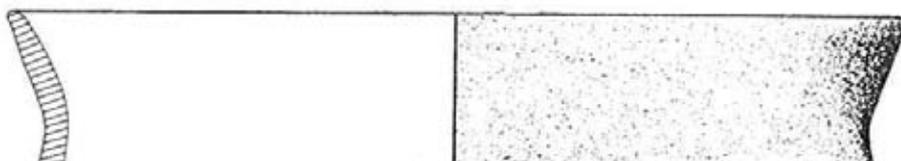
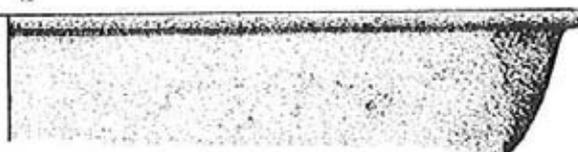
9



10



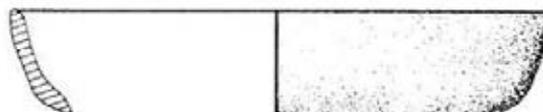
11



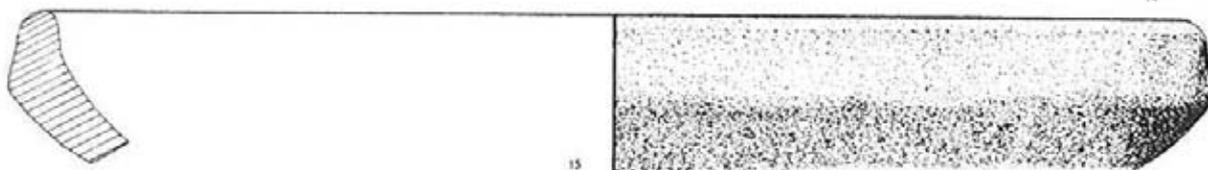
12



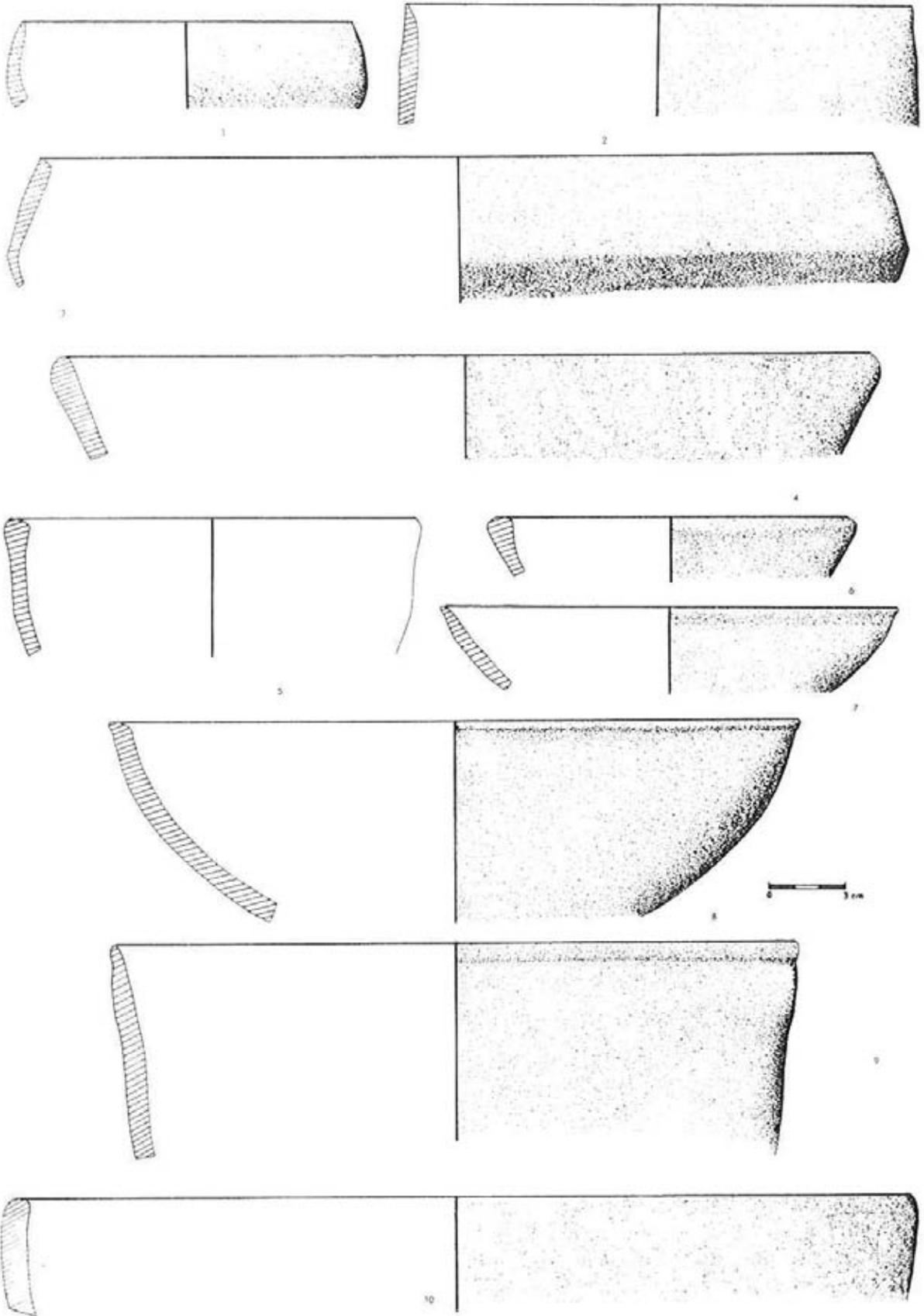
13

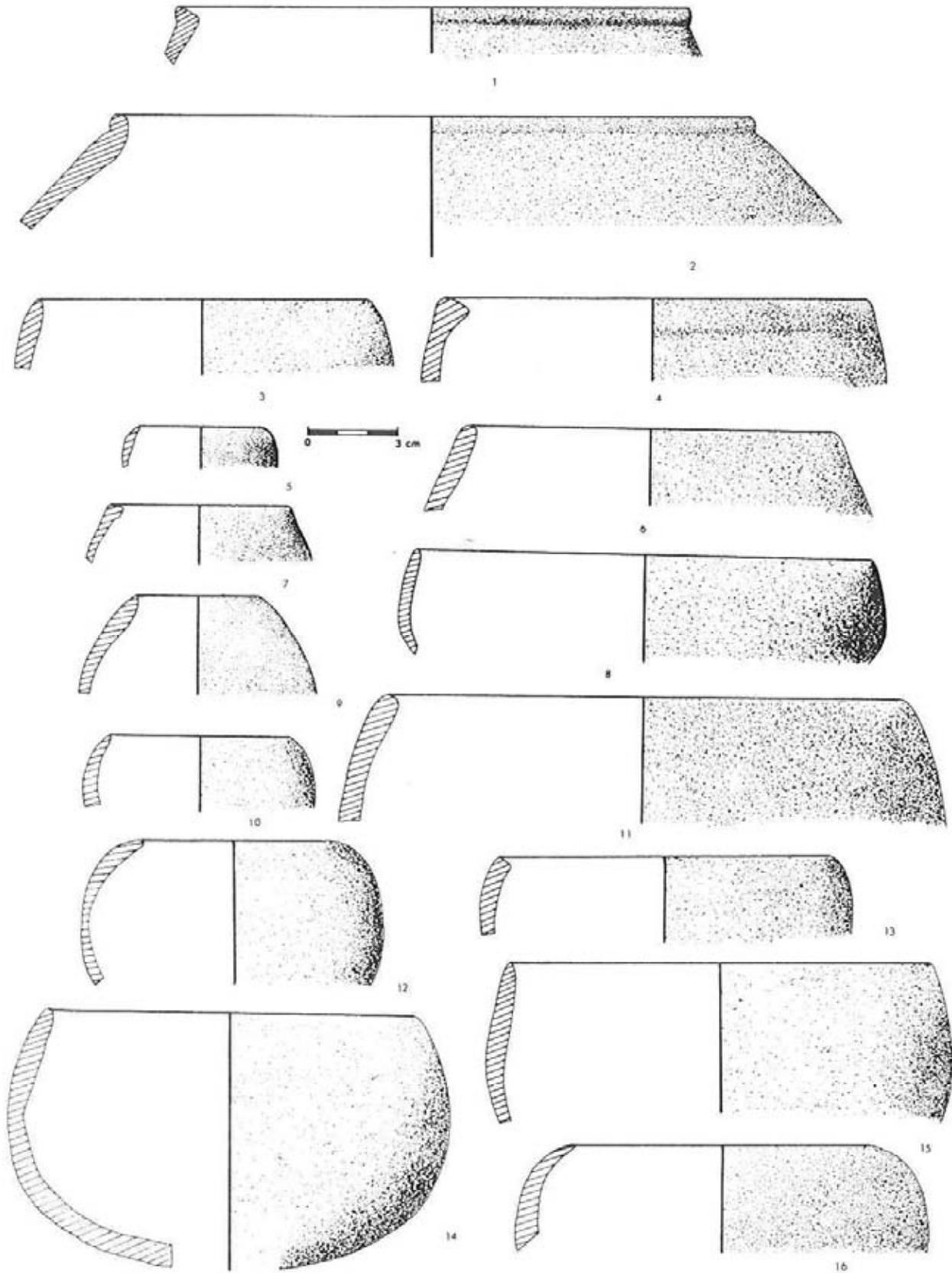


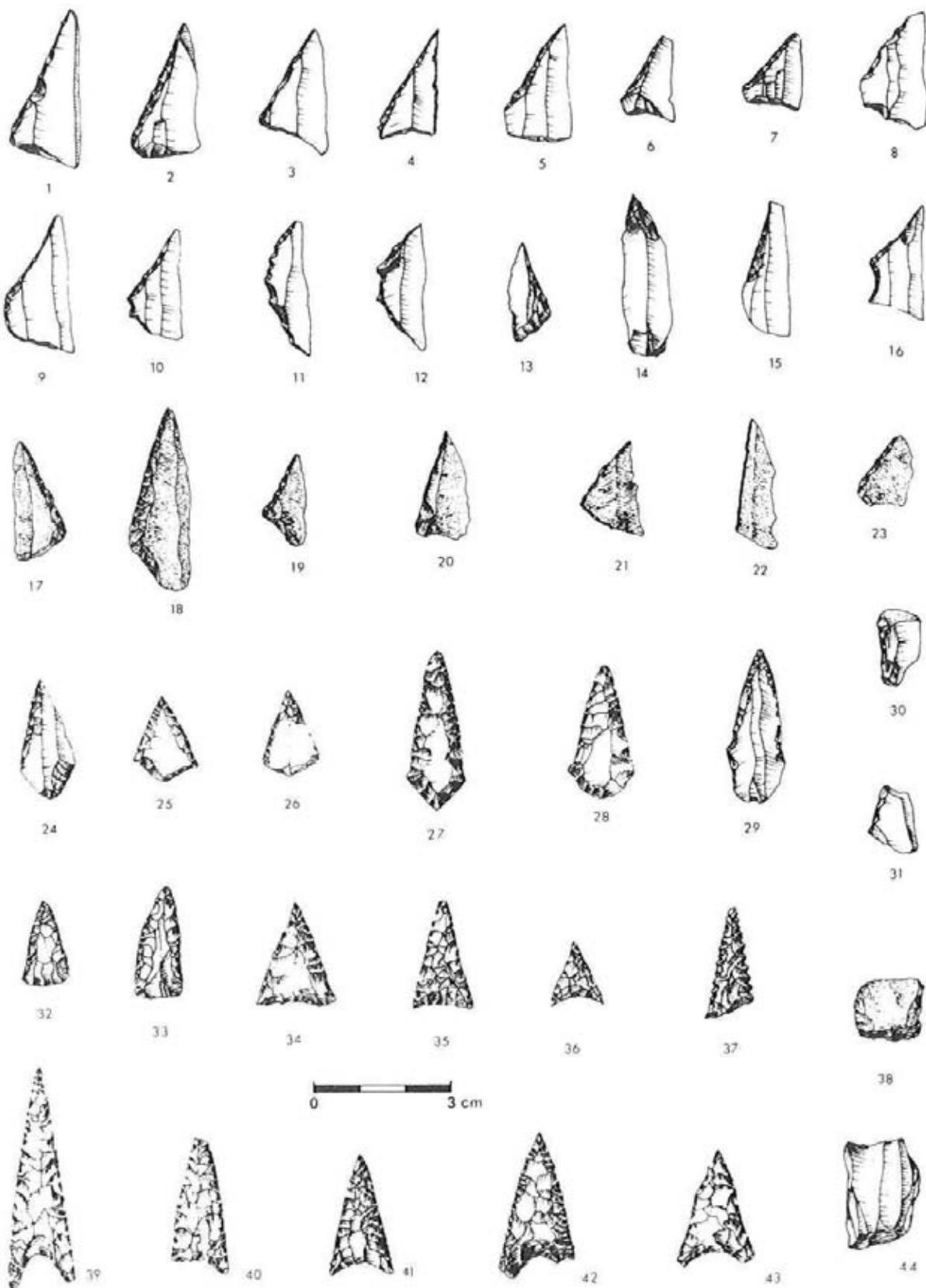
14

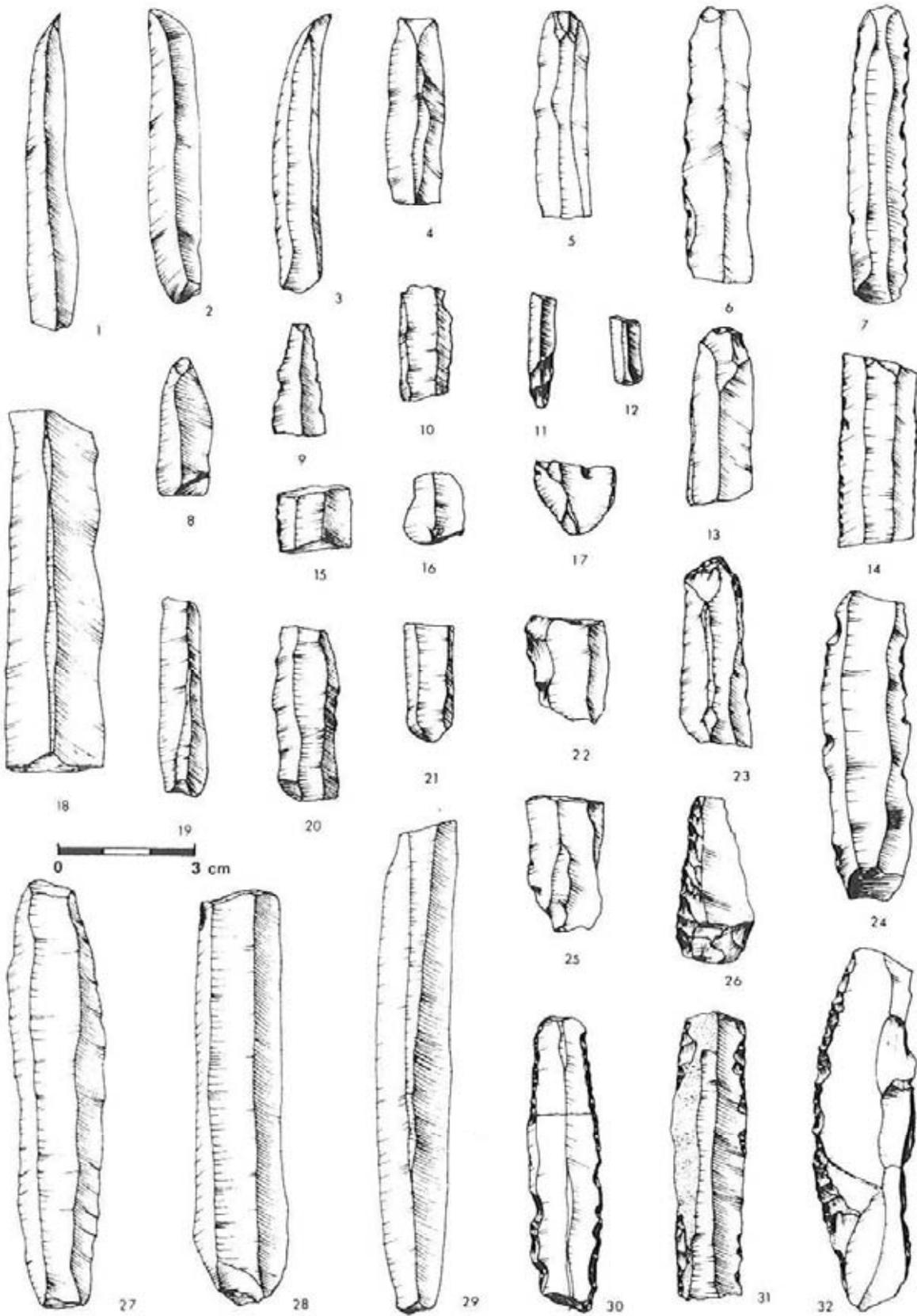


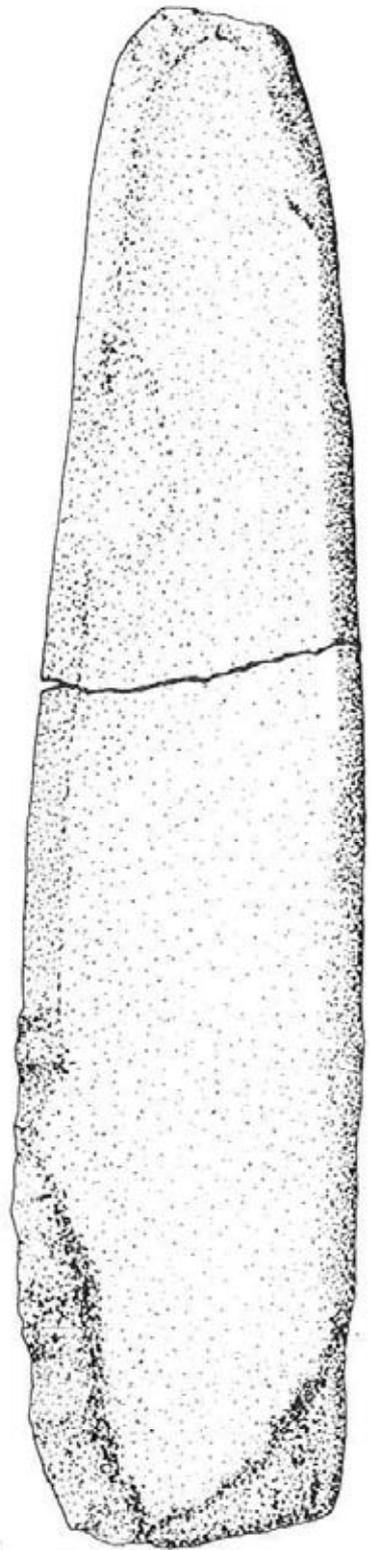
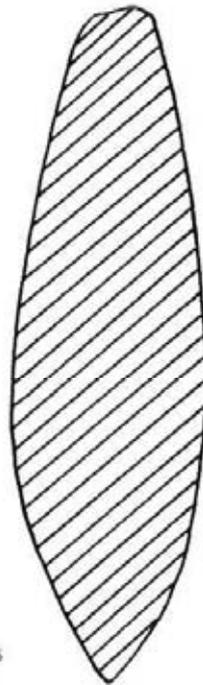
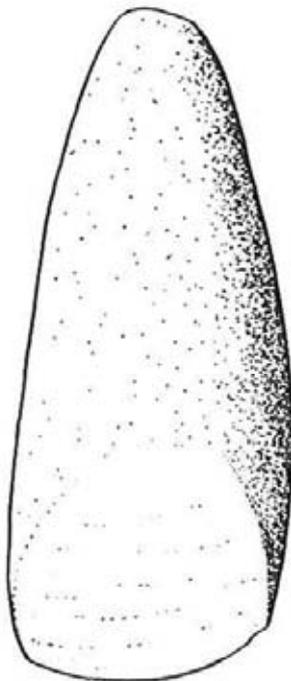
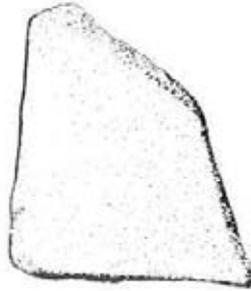
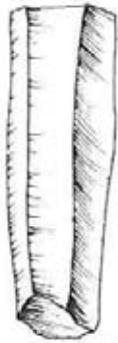
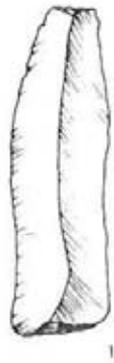
15

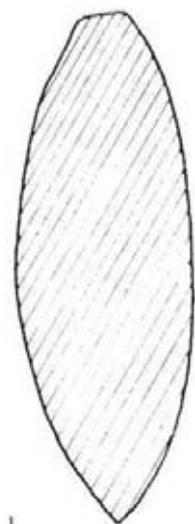
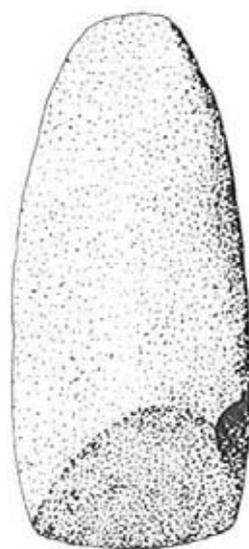




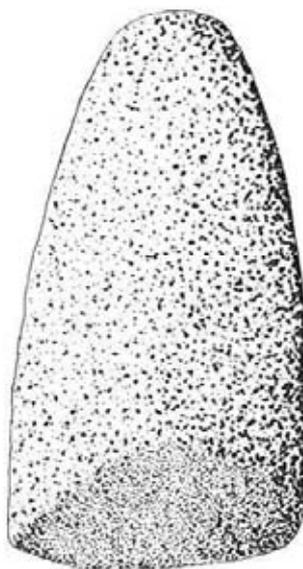




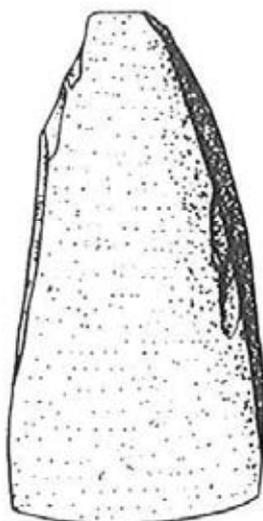




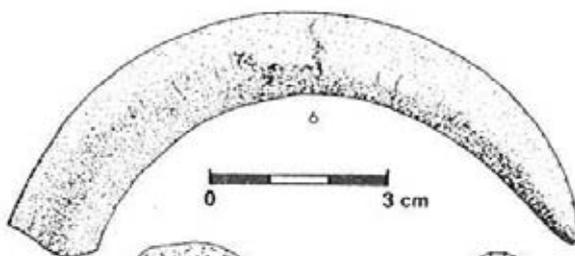
1



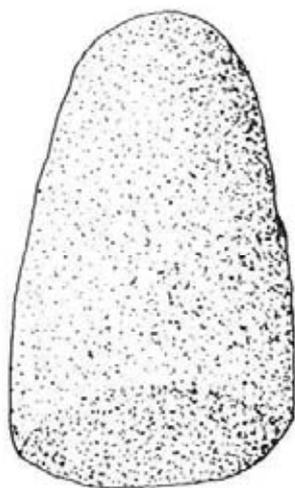
2



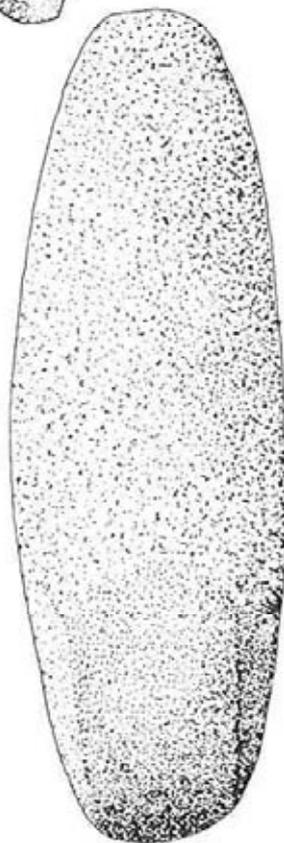
3



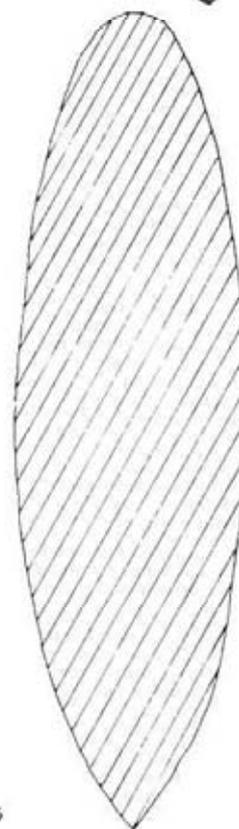
6

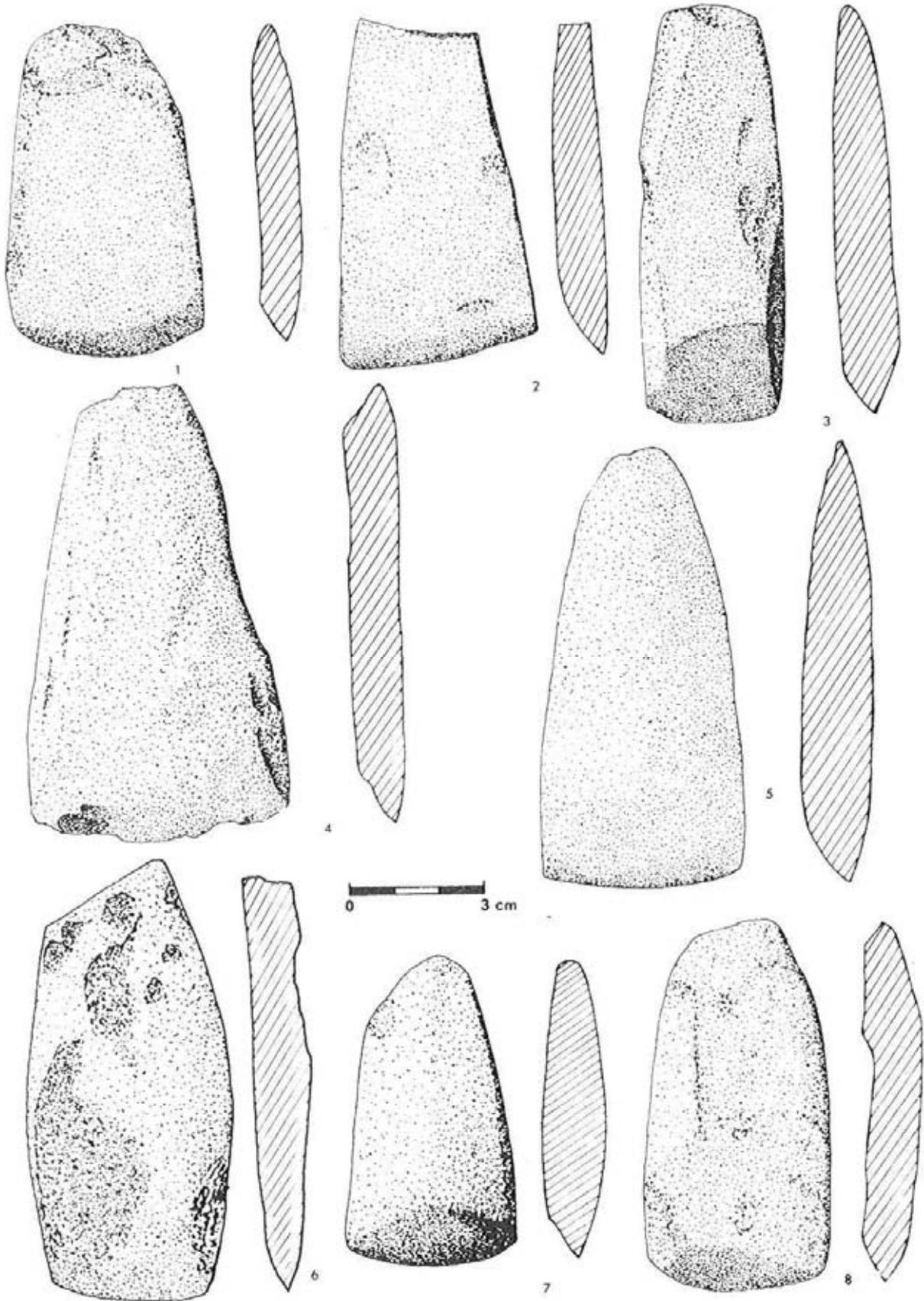


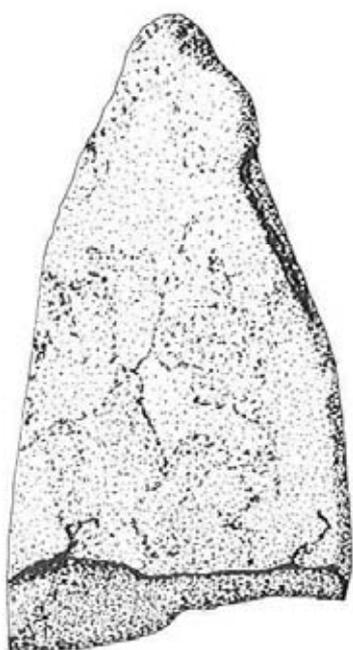
4



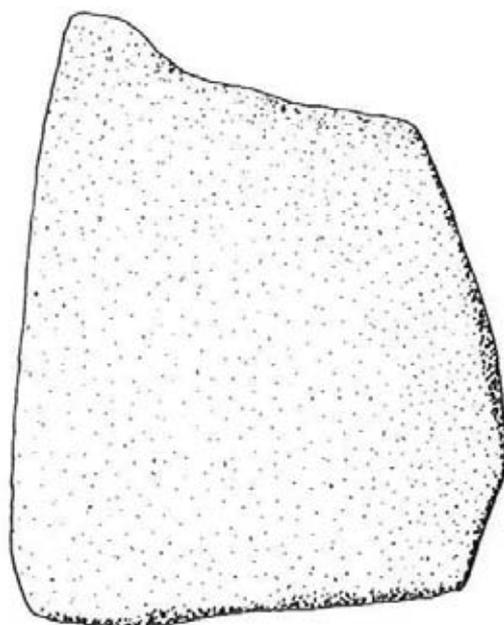
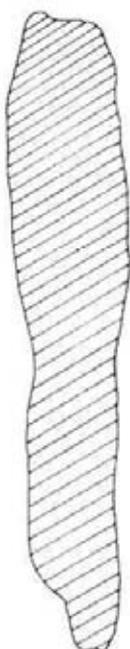
5



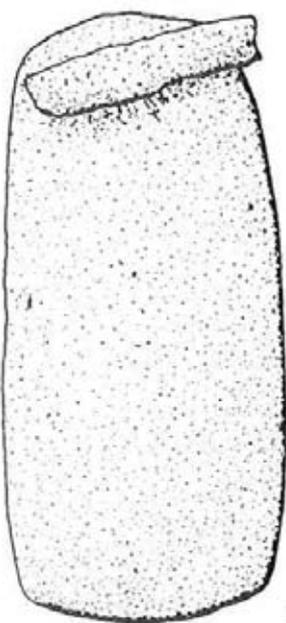




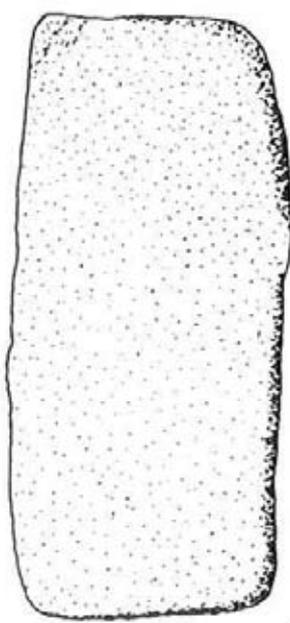
1



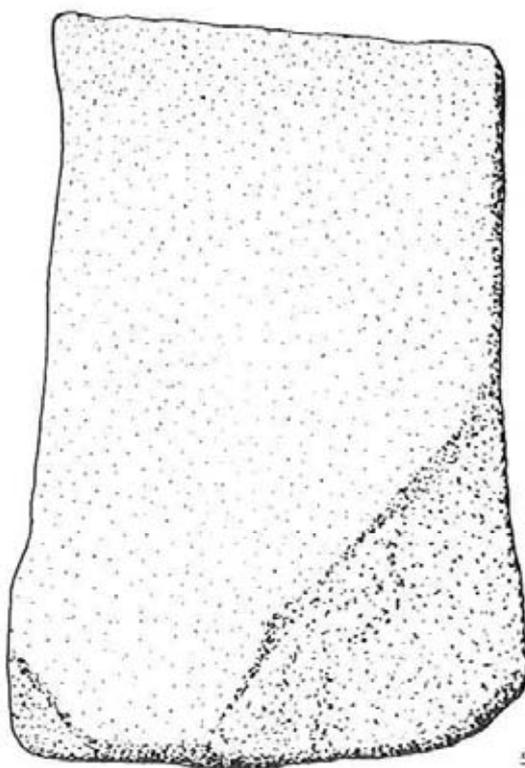
2



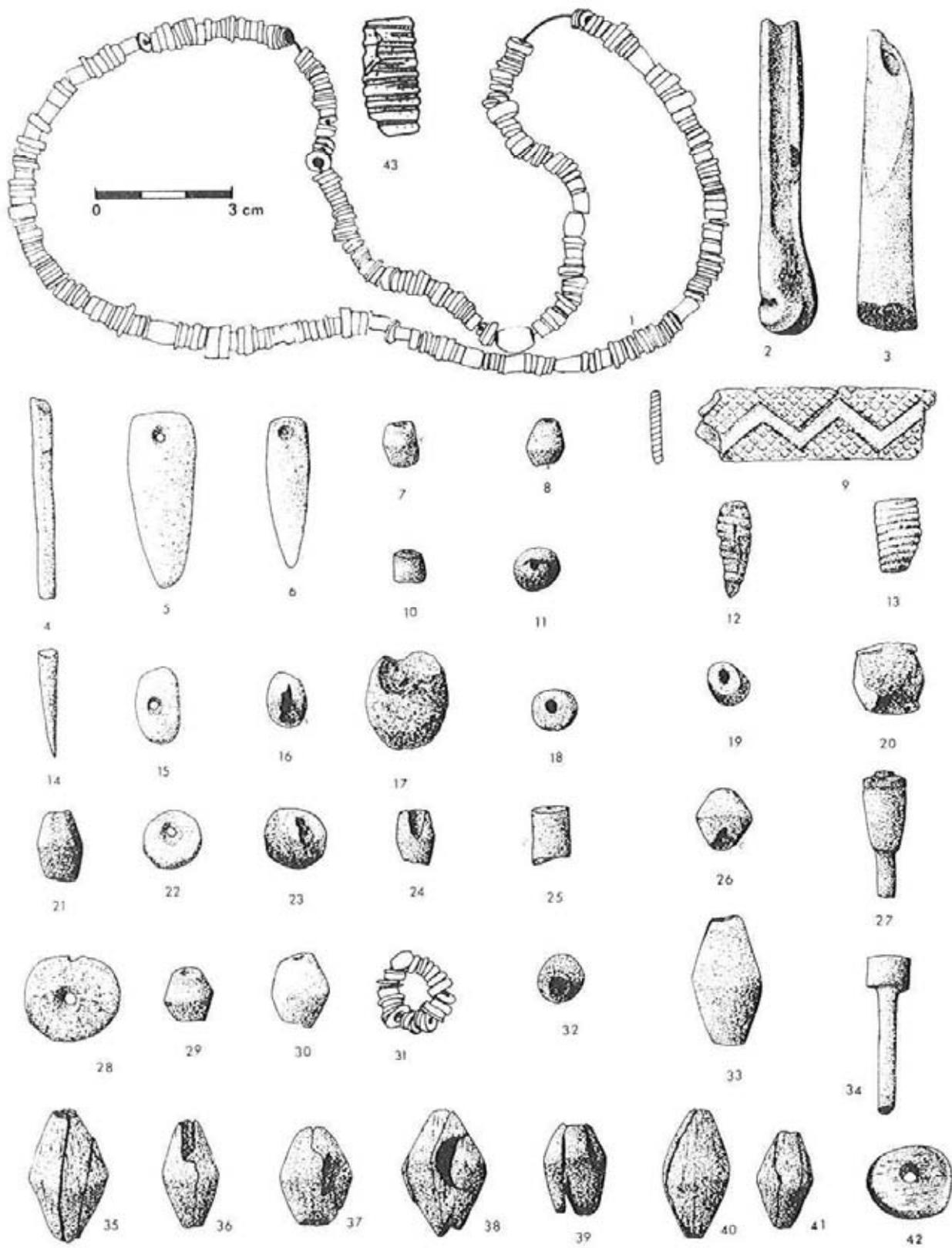
3



4



5

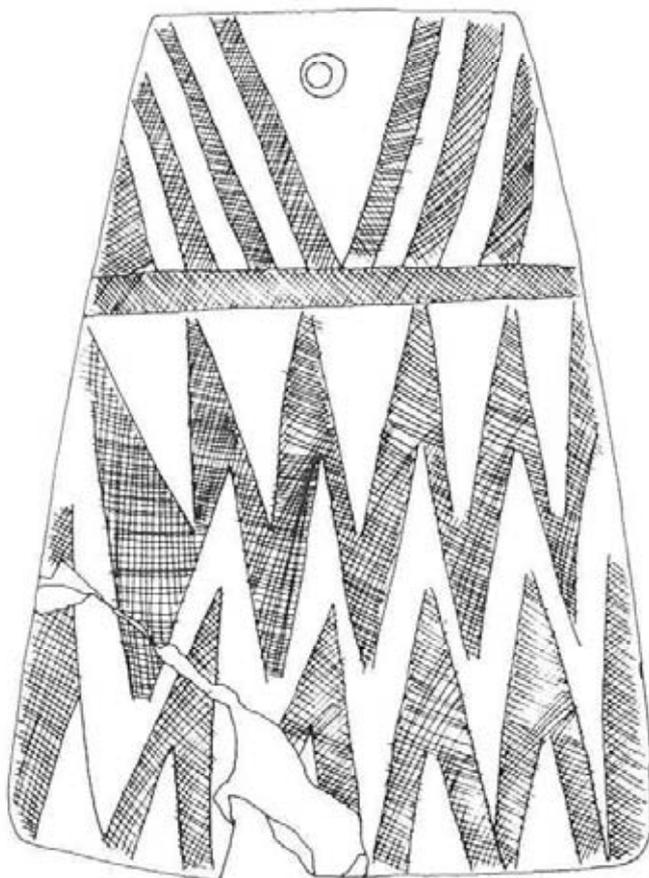




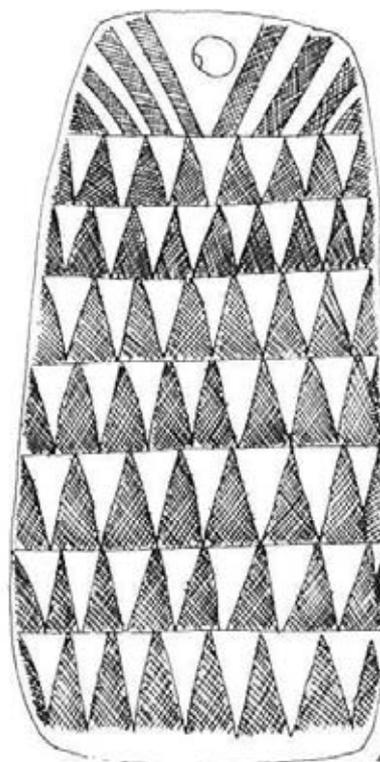
1



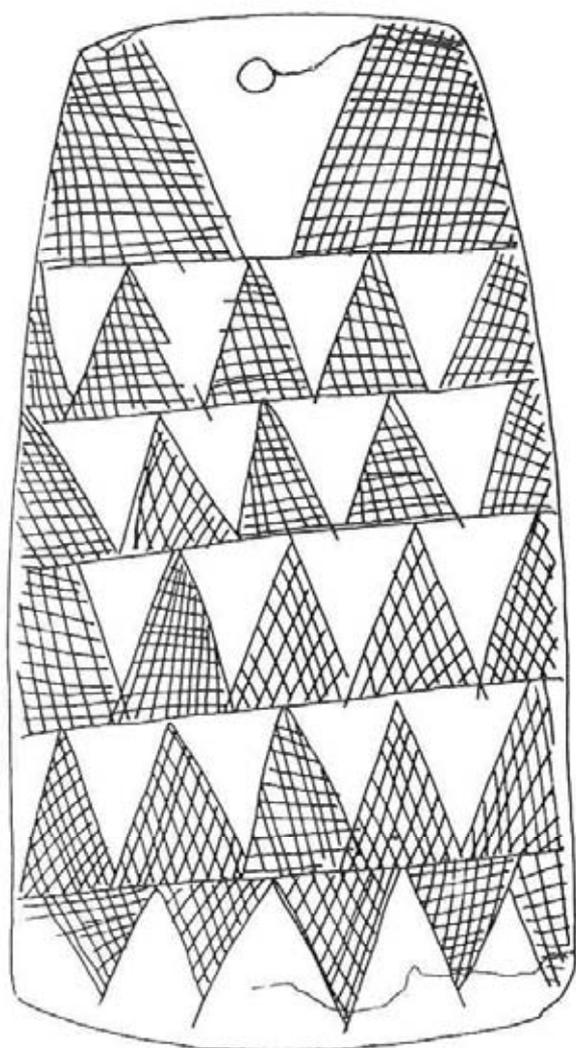
2



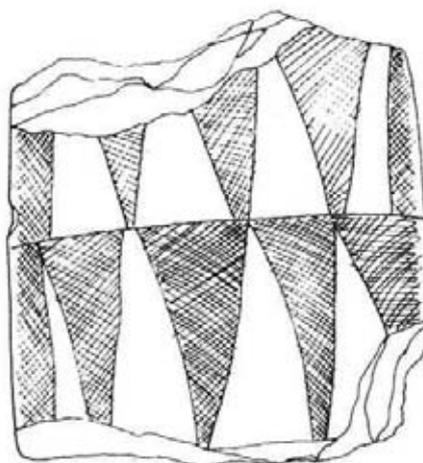
3



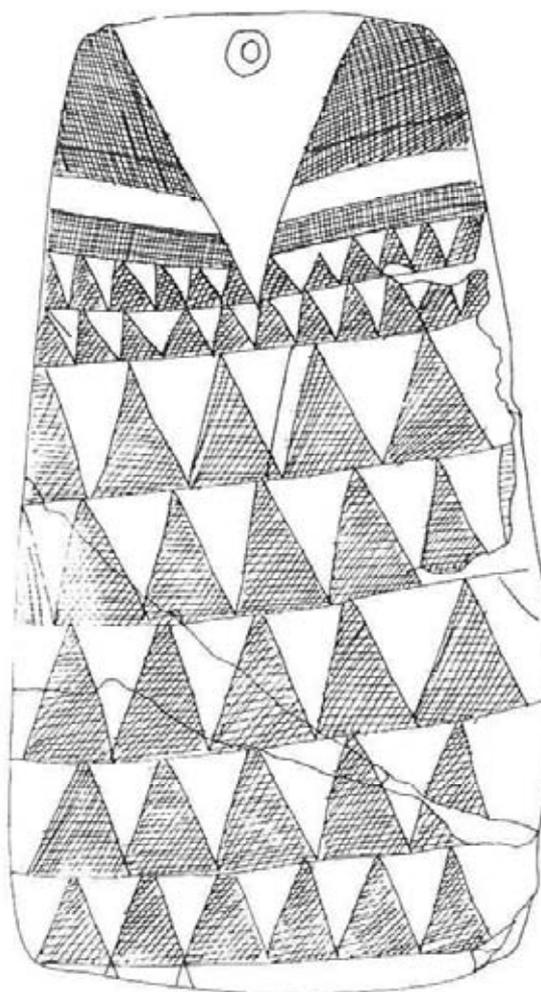
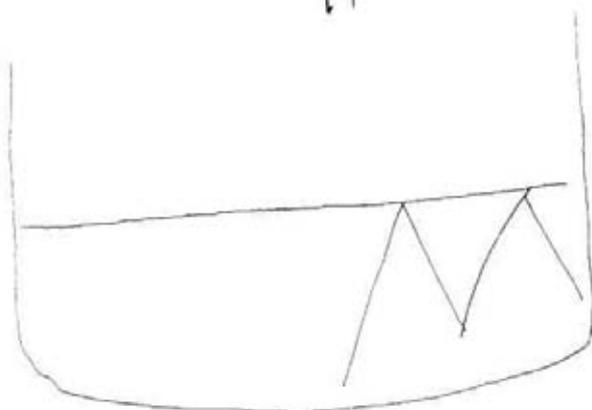
4



1.



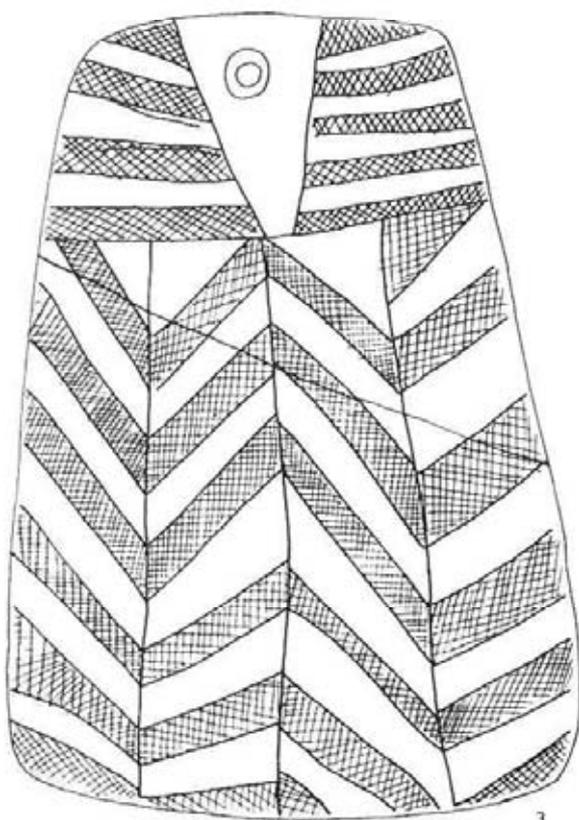
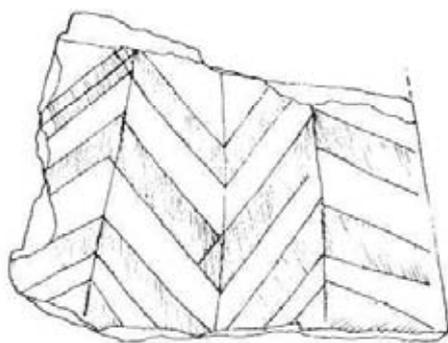
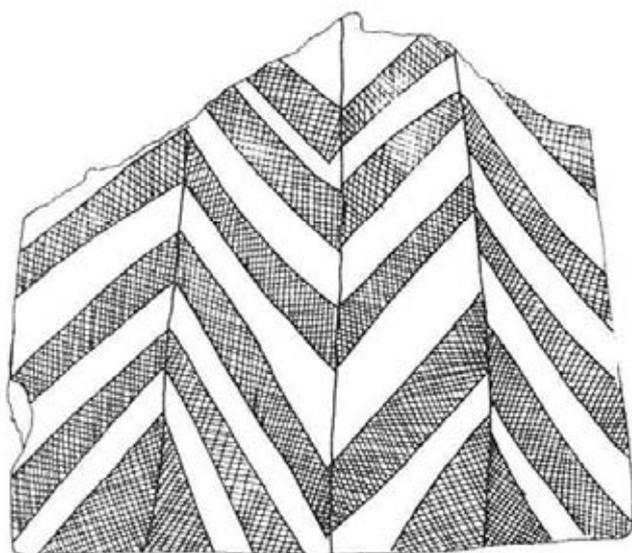
2

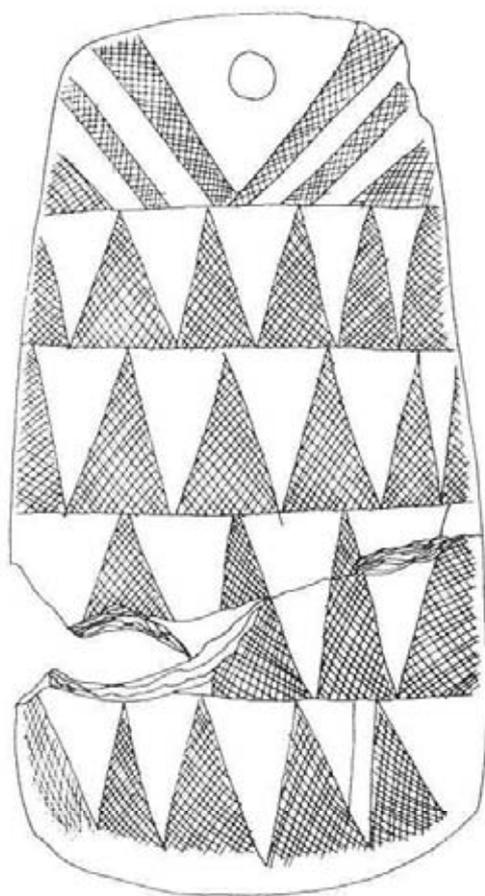


3

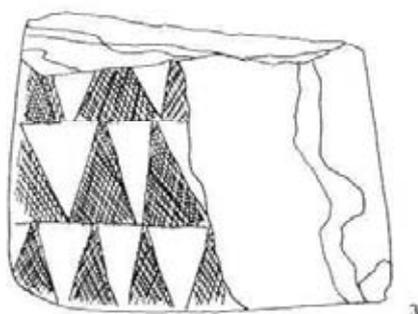


EST.42

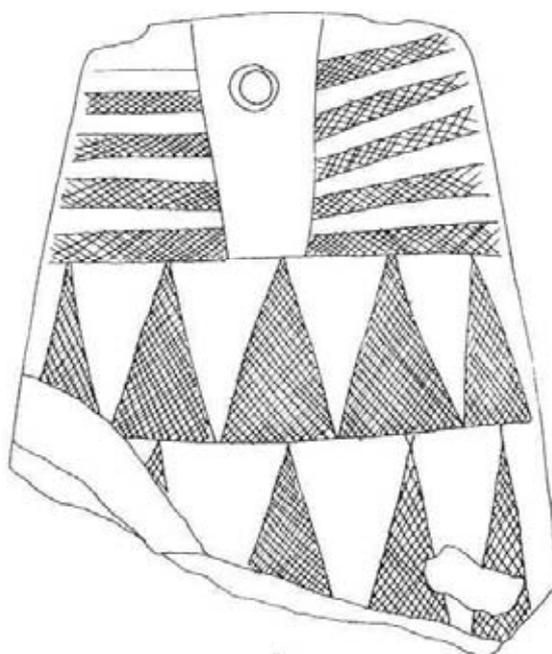




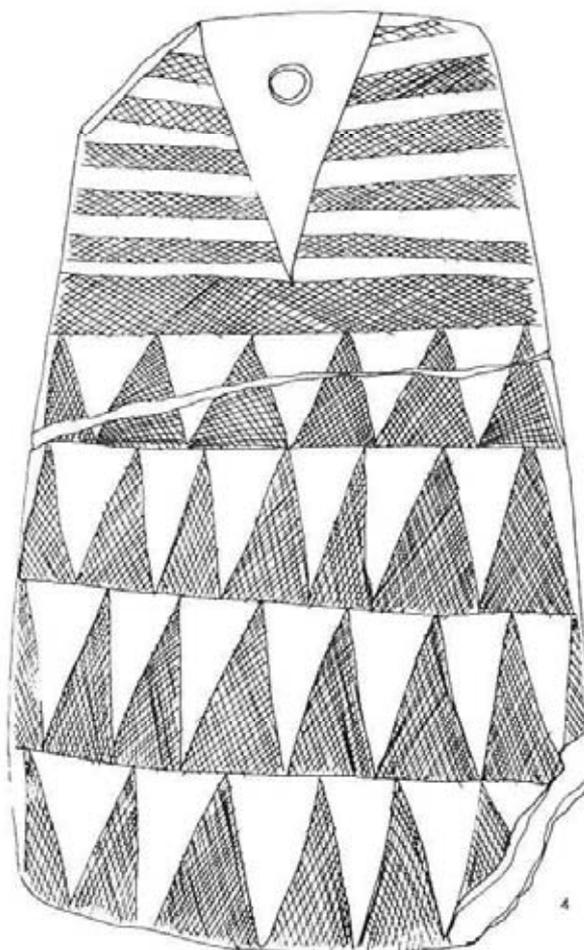
1



3

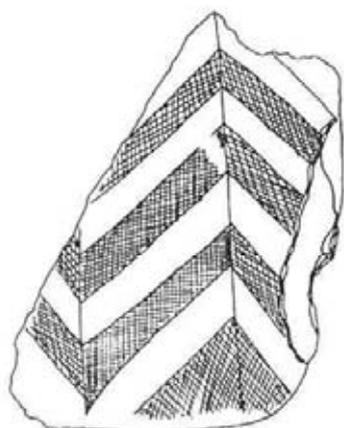


2



4

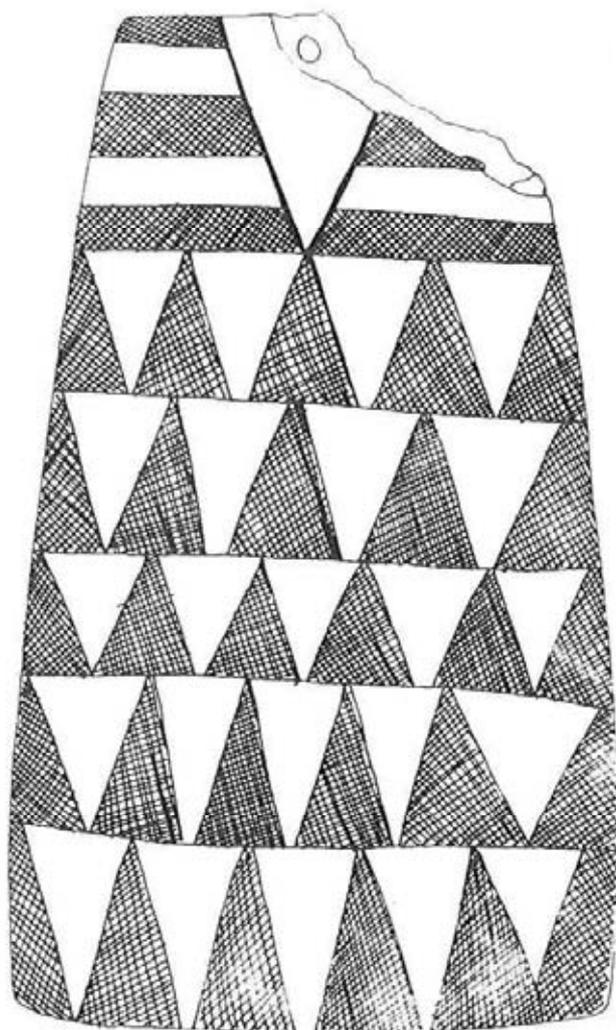
EST.44



1

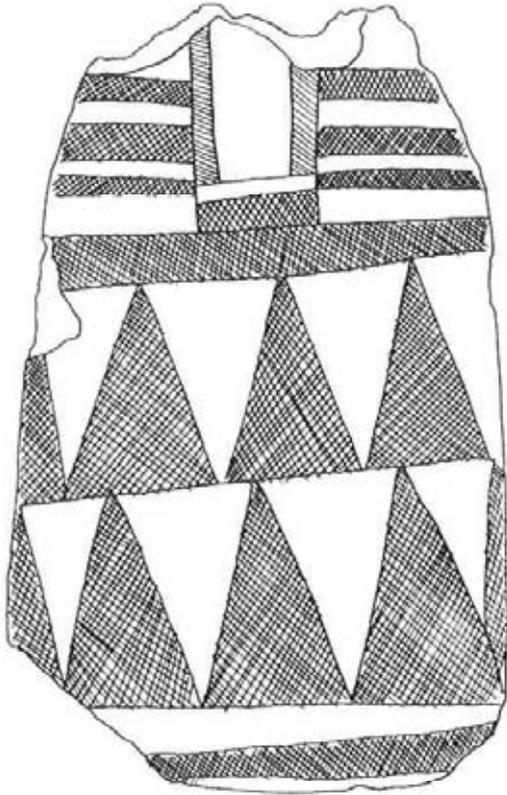


2

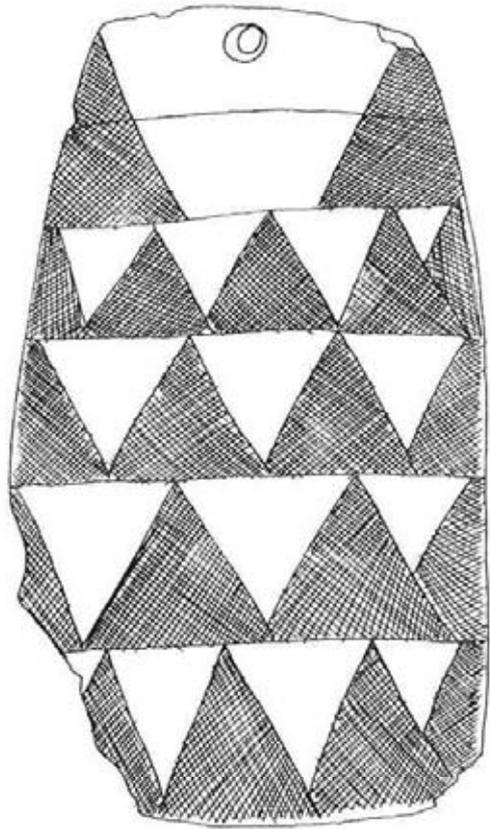


3

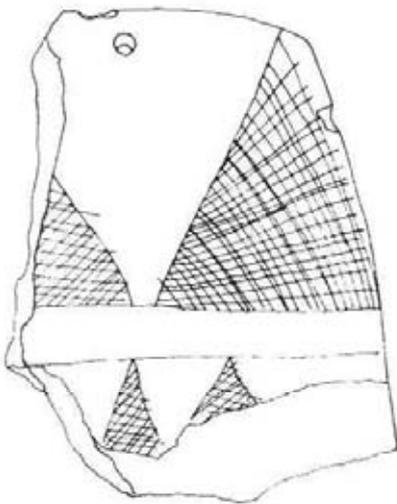




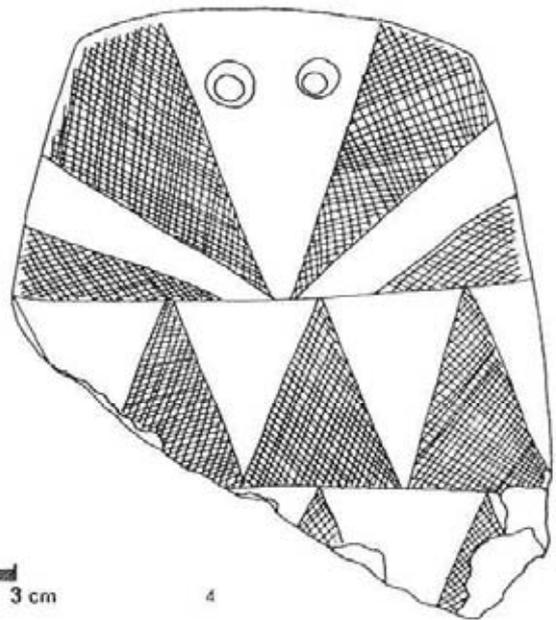
1



2



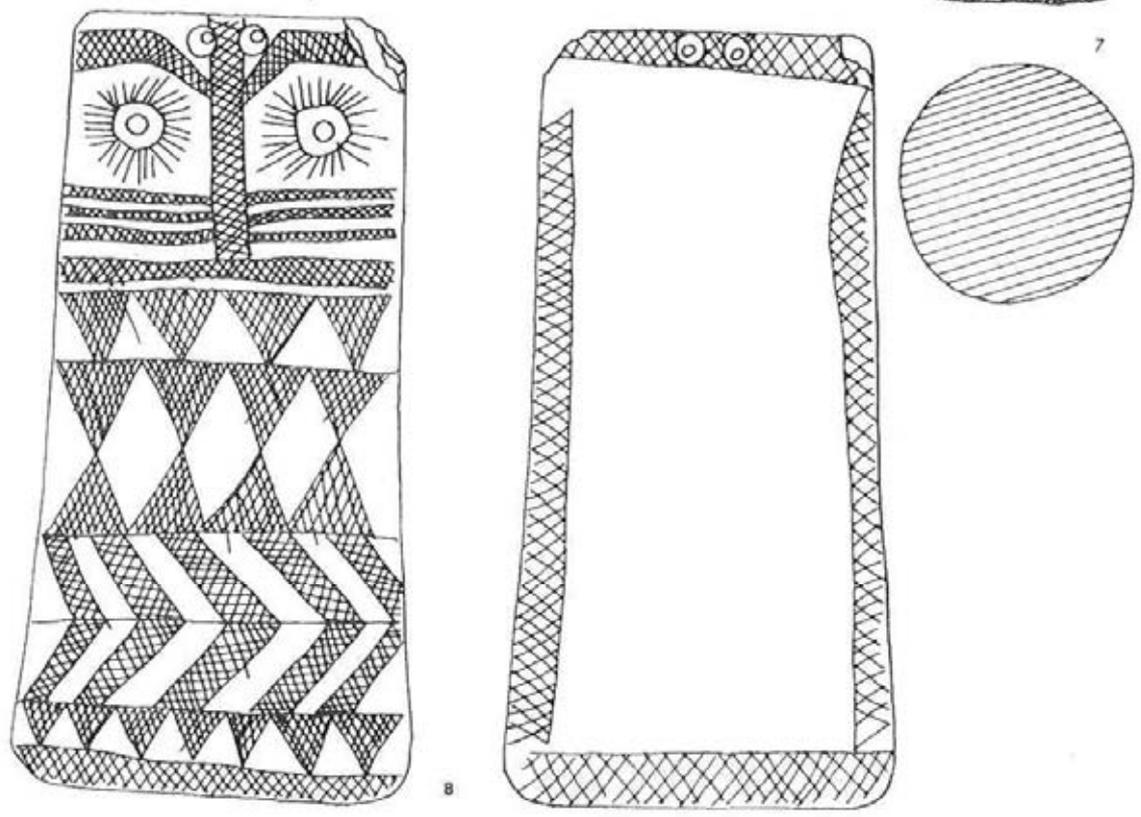
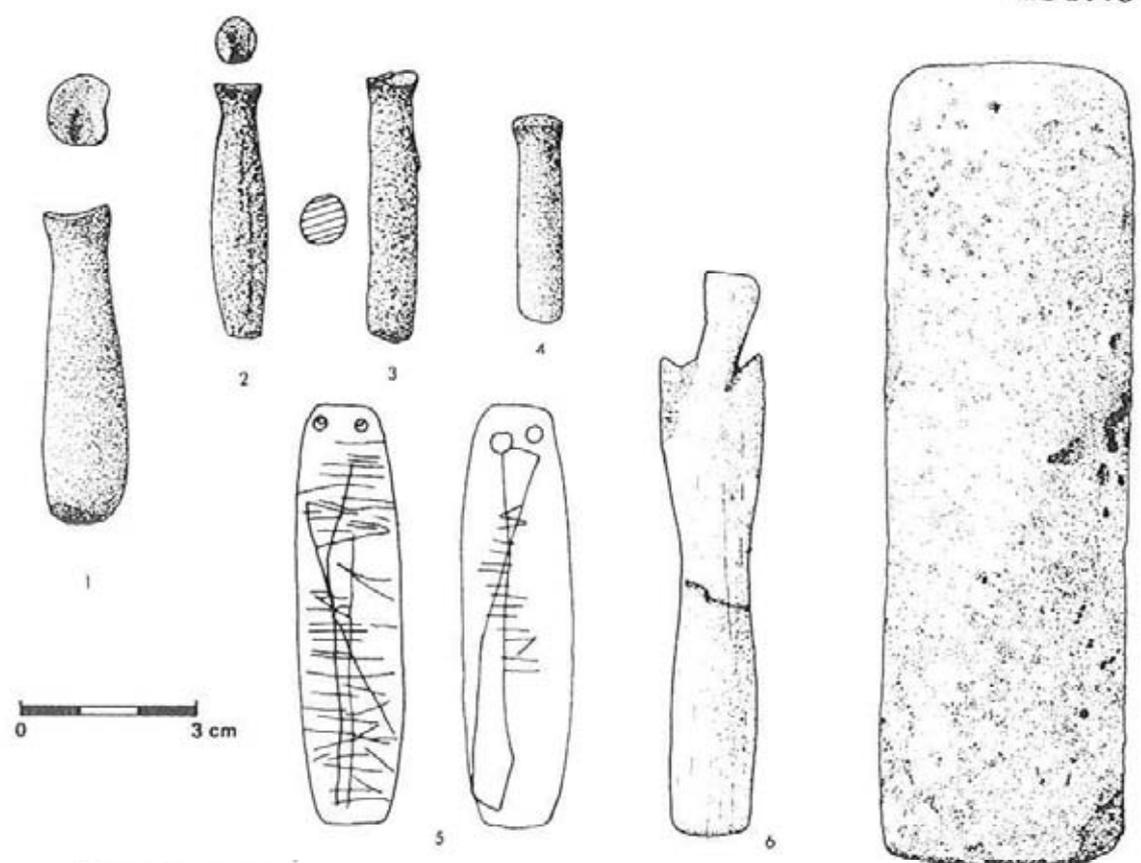
3



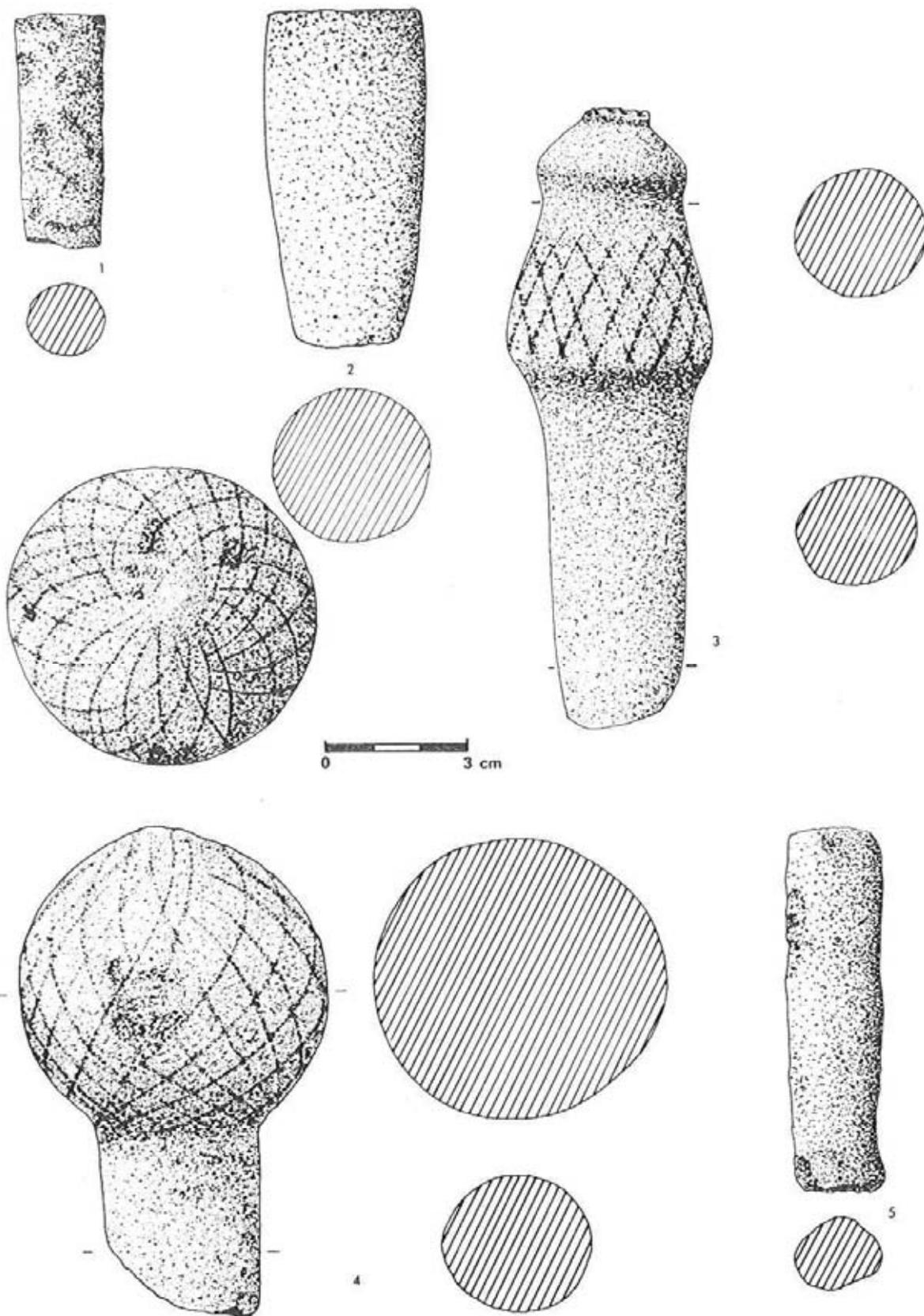
4

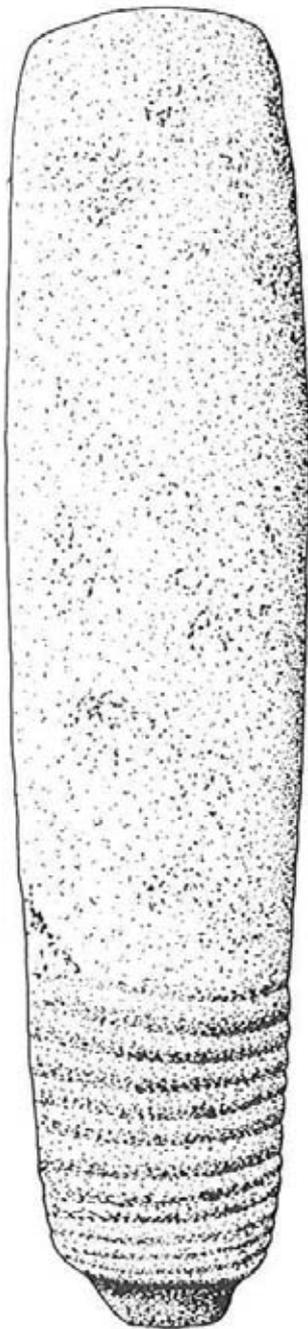


EST.46

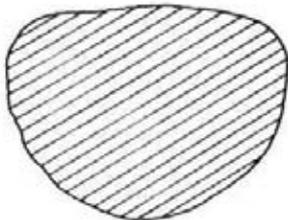


EST.47

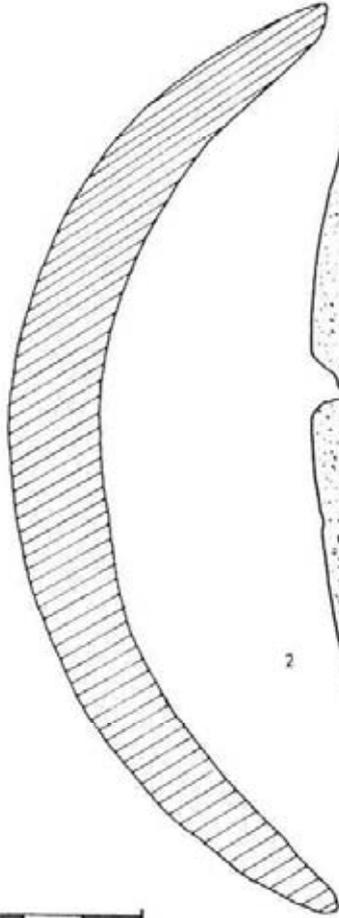




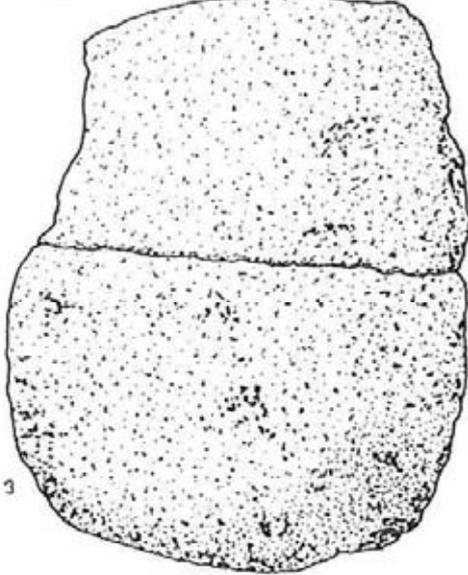
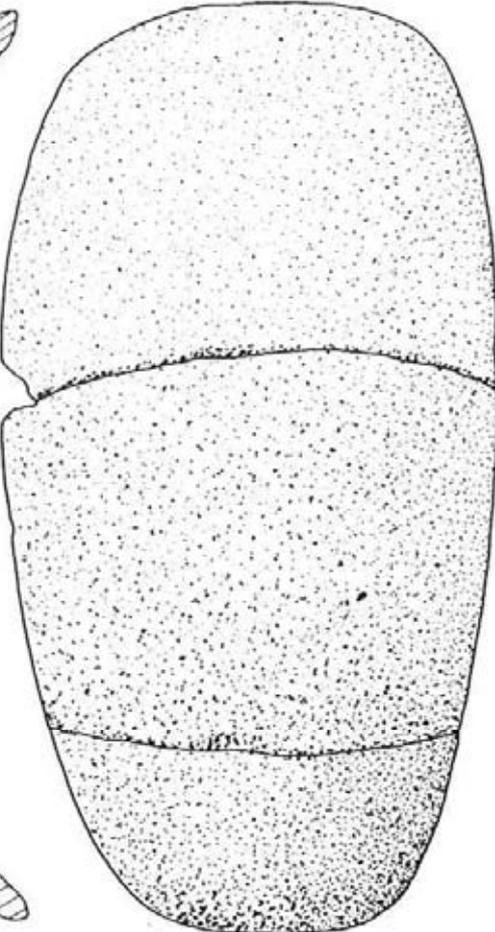
1



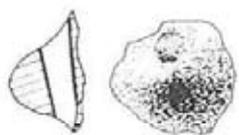
0 3 cm



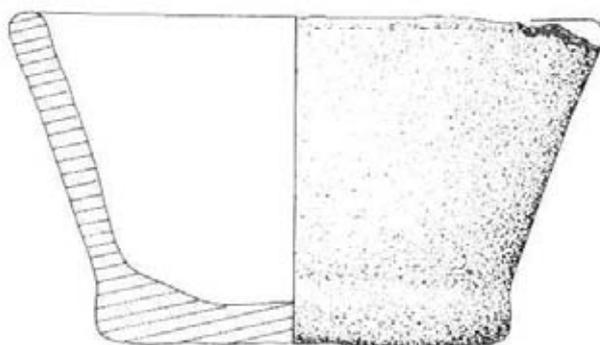
2



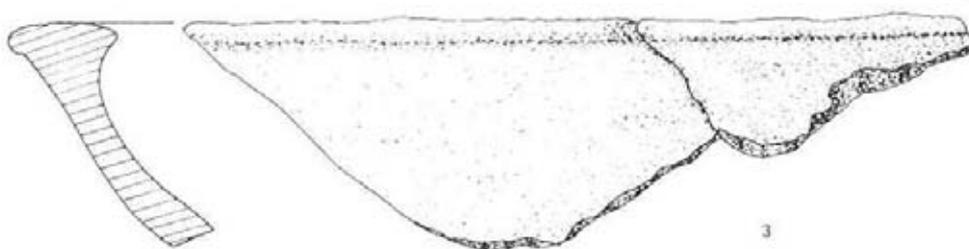
3



1



2



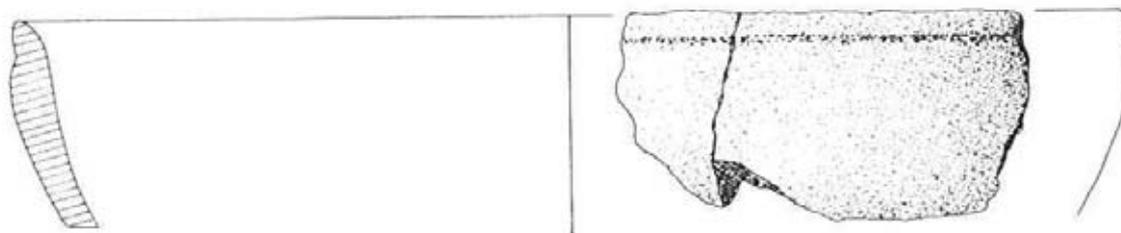
3



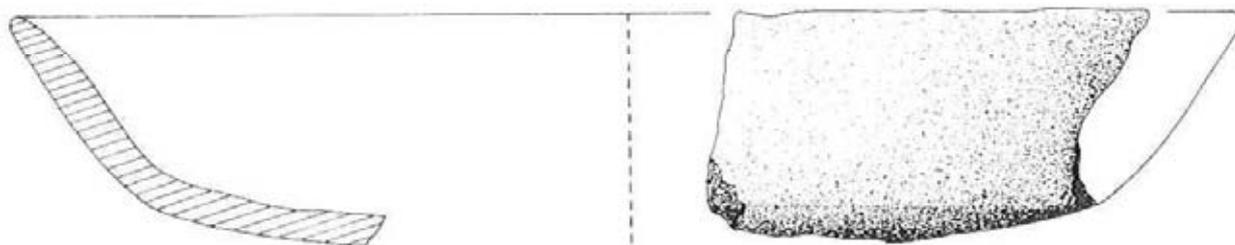
4



5



6



7

EST.50

